



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

FERNANDA MOREIRA JUSTO

**CAMINHOS DE *ÚRSULA*,
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Brasília
2024

FERNANDA MOREIRA JUSTO

**CAMINHOS DE *ÚRSULA*,
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Brasília
2024

FERNANDA MOREIRA JUSTO

**CAMINHOS DE ÚRSULA,
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa (Orientadora e Presidente da Banca)
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – UnB

Prof.^a Dr.^a Mirian Cristina dos Santos (membro externo)
Instituto de Estudos do Xingu – UNIFESSPA

Prof.^a Dr.^a Laísa Marra de Paula Cunha Bastos (membro externo)
Instituto de Letras – UECE

Prof. Dr. Paulo Petronilio Correia (membro suplente)
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – UnB

Brasília
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MJ96c Moreira Justo, Fernanda
 Caminhos de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis / Fernanda
 Moreira Justo; orientador Adriana de Fátima Alexandrino
 Lima Barbosa. -- Brasília, 2024.
 118 p.

 Dissertação (Mestrado em Literatura) -- Universidade de
 Brasília, 2024.

 1. Maria Firmina dos Reis. 2. Úrsula. 3. Literatura
 brasileira. 4. literatura afro-brasileira. 5. século XIX. I.
 de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Adriana, orient. II.
 Título.

*Ao meu pai,
que sonhou a conclusão desta etapa junto comigo
desde meu primeiro dia na Universidade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar com a resiliência e a coragem que eu precisava para acreditar em mim e seguir em frente durante todo esse processo, mesmo com medo.

Ao meu esposo, Sérgio, agradeço por cuidar de mim em todos os dias da escrita deste texto. Obrigada pelas palavras de incentivo, por não me deixar desistir e ver uma Fernanda que eu mesma tive dificuldades de enxergar. Obrigada por sempre ser meu parceiro em tudo. Eu te amo.

Agradeço aos meus pais, Sueli e Vicente, por literalmente tudo. Mãe, obrigada por me ensinar a ser uma mulher que não tem medo de voar e ser feliz. Pai, obrigada por ser meu fã n. 1. Eu lembro quando nós dois, em 2014, no dia de fazer minha matrícula na UnB, paramos em frente ao Instituto de Letras e o senhor me disse: “Você vai fazer seu mestrado e doutorado bem aqui, só depende de você”. As palavras têm poder, né?! Obrigada por sempre me incentivar. Aos meus irmãos, Pedro e Vitor, meus melhores amigos, agradeço por deixarem tudo mais leve e me fazerem sorrir, mesmo sem saber o quanto eu precisava. Amo todos vocês.

Às minhas avós, Elza e Alice, agradeço por serem um exemplo para mim de perseverança e fé, e de luta por uma vida melhor e mais digna. As senhoras são o alicerce de gerações.

À minha orientadora, Profa. Dra. Adriana de Fátima Barbosa, agradeço por ter me acolhido como orientanda e acreditar no meu potencial. Profe, você foi uma das minhas primeiras professoras na universidade e foi na sua disciplina de Barroco e Arcadismo que eu me descobri pesquisadora. Esse foi o ponto de partida que eu precisava para me apaixonar pela área e por pesquisas. Muito obrigada por tudo! Você é uma inspiração para mim.

Ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, agradeço por 10 anos de formação acadêmica. Foi uma jornada linda, com muito conhecimento, aprendizados e contato com pessoas incríveis que eu vou levar comigo para toda a vida. Agradeço pela oportunidade de estudar em uma instituição pública, que tem um papel tão importante na sociedade, de democratização de um ensino de excelência.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que me ajudam a não surtar e a seguir com meus sonhos malucos. Sem vocês, teria sido bem mais difícil. Quero agradecer especialmente ao Paulo, Carol, Dani, Alice, Naira, Pedro e Francisco por me acompanharem na reta final e me ajudarem com conselhos e palavras de incentivo. Vocês são incríveis!

Às pesquisadoras do grupo Literatura e Corpo, obrigada por, de maneira despretensiosa, me inspirarem a sair da minha zona de conforto e me confirmarem que a literatura é muito mais do que tínhamos visto. Na escrita das autoras negras, eu encontrei meu lugar.

À professora Mirian Santos e à professora Laísa Marra, agradeço por lerem tão cuidadosamente o meu trabalho e por contribuírem com apontamentos essenciais e pertinentes para esta pesquisa.

Esta parte da dissertação é importante para se lembrar de que ninguém faz nada sozinho. Sendo assim, agradeço aos pesquisadores e pesquisadoras que vêm investigando sobre Maria Firmina dos Reis, com uma contribuição imensurável para a continuidade dos estudos sobre a autora e sua divulgação. Esta dissertação só foi possível porque muitas pessoas antes de mim vêm ampliando as informações e o debate. E que seja só o começo!

*Nossos pais foram uns bravos;
Nós não seremos escravos,
Vis escravos nesta idade;
Rompa-se o jugo opressor;
Eia! avante, e sem temor
Plantemos a liberdade!*

(Maria Firmina dos Reis, Cantos à Beira-Mar)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a trajetória do romance *Úrsula*, da escritora e intelectual Maria Firmina dos Reis, evidenciando sua importância para os estudos sobre sua vida e obras e para o início dos caminhos da literatura afro-brasileira, como uma escrita que inaugura no país o romance de autoria de mulheres negras e que delinea novas perspectivas no texto literário. Inicia-se, a partir de *Úrsula*, a insurgência de um *corpus* de romances de autoras negras brasileiras, por meio do qual se pensa a pessoa negra por representações mais complexas (Miranda, 2020). Desse modo, nesta dissertação, pensa-se o romance de Maria Firmina dos Reis em perspectiva com a intelectualidade da autora presente na obra, sobretudo a partir de Mirian Santos (2018), bell hooks (1995), Conceição Evaristo (2020) e Fernanda Miranda (2022). Além disso, disserta-se sobre o silenciamento diante da escritora e os caminhos de *Úrsula* a partir de 1970, considerando as novas edições do romance e as pesquisas acadêmicas brasileiras. Essas pesquisas, como exposto nesta dissertação, foram essenciais para a formação dos discursos sobre a autora e também para a sua divulgação. *Úrsula*, assim, é a porta de entrada para que, tardiamente, porém relevantemente, Maria Firmina dos Reis e suas obras sejam inseridas na história literária brasileira.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; literatura afro-brasileira; século XIX.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the trajectory of the novel *Ursula* by Maria Firmina dos Reis, highlighting its importance for studies on the life and works of the writer and for the beginning of the paths of afro-brazilian literature, as a text that inaugurates in the country the novel authored by black women and that delineates new perspectives in the literary text. Starting from *Ursula*, the insurgency of a corpus of novels by black brazilian authors begins, through which the black character is thought by more complex representations (Miranda, 2020). Therefore, this research thinks the novel of Maria Firmina dos Reis in perspective with the intellectual of the author present in the work, especially from Mirian Santos (2018), bell hooks (1995), Conceição Evaristo (2020) and Fernanda Miranda (2022). In addition, it discusses the silence before the writer and the paths of *Ursula* from 1970, considering the new editions of the novel and the brazilian academic research. These researches, as exposed in this dissertation, were essential for the formation of discourses about the author and also for its dissemination. *Ursula* is the gateway for Maria Firmina dos Reis and her works to be inserted in brazilian literature history.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; *Ursula*; afro-brazilian literature; 19th century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	23
1.1 Maria Firmina dos Reis.....	23
1.2 Uma Maranhense	31
CAPÍTULO 2	39
2.1. Uma mulher intelectual.....	39
2.2. <i>Úrsula</i> : romance original brasileiro	52
<i>Túlio: uma alma generosa</i>	60
<i>Susana e a liberdade</i>	67
<i>Fernando P.: o bárbaro senhor</i>	74
CAPÍTULO 3	83
3.1. O Acaso.....	83
3.2. Vazios	87
3.3. <i>Úrsula</i> nas pesquisas	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXO A.....	109
ANEXO B.....	112
APÊNDICE	117

URSULA,

ROMANCE ORIGINAL BRASILEIRO,

POR

JIA MARANHENSE.



SAN' LUIZ:

Na Typographia do Progresso

r. de Sanct Anna, 49.

1859.

Úrsula: romance original brasileiro. São Luís: Tipografia do Progresso, 1859.

INTRODUÇÃO

São diversos os relatos de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros sobre seu contato inicial com Maria Firmina dos Reis. Muitos só a conheceram na etapa da graduação ou na pós-graduação, ou até mesmo depois de toda sua trajetória acadêmica, ou em um evento, por um acaso. São caminhos diferentes, mas com um fator em comum: a surpresa.

E eu também fui surpreendida. Conheci Maria Firmina dos Reis um pouco antes de ingressar no mestrado, em um momento no qual repensava as minhas práticas como professora de literatura. Momento em que percebi que a literatura que apresentava, embora a atribuísse como *brasileira*, não abarcava as múltiplas vozes que ressoam neste país. Sueli Carneiro (2005) bem explica, a partir do conceito de *epistemicídio*, como essa desvalorização, negação e ocultamento dos saberes do Continente Africano e da diáspora africana nega às pessoas negras a condição de “sujeitos de conhecimento” e rebaixa sua autoestima no ambiente escolar. Sendo assim, ao pensar em literatura e educação, fui atravessada por essas reflexões que impactaram diretamente a minha atividade docente e também as minhas experiências como leitora e pesquisadora.

Juntamente com a surpresa, veio o questionamento: como teria sido ler e estudar sobre Maria Firmina dos Reis na época da escola? Como teria sido analisar suas obras nas aulas na universidade? O seu apagamento nas historiografias e nos currículos, assim como de outras escritoras negras, por muito tempo significou, erroneamente, que esse vazio era sinônimo de inexistência. Mas, atualmente, pouco a pouco vão sendo construídos caminhos para conhecê-las e constatar que, sim, essas mulheres negras escritoras existiram e existem, e que suas escritas delineiam diferentes movimentos e discursos nos textos literários.

Ao ler as obras de Maria Firmina dos Reis, manifestam-se sua sensibilidade, perspicácia e coragem para ser versões de si mesma e para se posicionar de uma maneira que, à sua época, ia no sentido oposto ao contexto em que vivia. Seu romance *Úrsula* (1859), ao tratar da escravidão, o faz de maneira a humanizar os personagens negros, que expressam suas memórias, reflexões e sentimentos. “A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!” (Reis, 2018, p. 44).

Firmina se inscreve na história literária como a primeira romancista brasileira e a primeira autora de romance abolicionista em língua portuguesa (Lobo, 2021; 2022; Duarte,

2018a). No entanto, a sua obra *Úrsula* passou por um apagamento de mais de cem anos, até que ressurgiu em uma segunda edição, em 1975. Isso foi proporcionado por, ocasionalmente, o bibliófilo Horácio de Almeida encontrar o único exemplar de *Úrsula* remanescente, em um sebo no Rio de Janeiro, e por José Nascimento Morais Filho empreender pesquisas sobre a escritora.

O romance *Úrsula* foi a porta de entrada para que, no século XX, a vida e obras da escritora Maria Firmina dos Reis fossem divulgadas e estudadas. Hoje, pouco a pouco, tem-se o preenchimento de uma das muitas lacunas na história literária brasileira, com os estudos cada vez mais frequentes sobre essa intelectual tão relevante para o país.

De maneira gradativa, amplia-se a divulgação de suas obras, não só pelas novas edições do romance, pelas exposições e pelas palestras, mas também pelas pesquisas acadêmicas publicadas no Brasil e em outros países. Como são estudos relativamente recentes, que se intensificaram nos últimos sete anos, progressivamente as pesquisas se complementam e trazem novas informações e perspectivas sobre a vida da autora e suas obras.

Mas nem sempre houve esse espaço. Como afirma a professora e crítica literária Fernanda Miranda, autora do livro *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*: “o silenciamento da voz da mulher negra como autora de literatura é sistêmico no Brasil” (Miranda, 2019, p. 11). Pensar os textos literários de autoria negra brasileira foi, e continua sendo, uma construção.

É somente na primeira metade do século XX que se inicia um movimento de reflexão sobre o negro na literatura brasileira, a partir dos estudos do sociólogo francês Roger Bastide, que publica *A Poesia Afro-Brasileira*, em 1943, e *Estereótipos de Negros Através da Literatura Brasileira*, em 1953 (Silva, 2011, p. 24).¹ É de se ressaltar que inicialmente os estudos sobre essa temática foram conduzidos “por autores cuja formação ou campo de estudos não se dava

¹ Os desdobramentos analíticos que se iniciam com Bastide em 1943, segundo Luciana Diogo (2016), seguem com estudos sobre a presença do negro na literatura brasileira, dentre eles, os de Raymond Sayers, *O Negro na Literatura Brasileira* (1958); Gregory Rabassa, *O Negro na Ficção Brasileira: meio século de história literária* (1965); Benedita Gouvea Damasceno, *Poesia negra no modernismo brasileiro* (1988), e Heloisa Toller Gomes, *O negro e o romantismo brasileiro* (1988). Tais pesquisas, de acordo com a autora, abordavam a presença do negro no tocante à temática, e não à voz autoral. A autoria negra brasileira, então, é pensada por autores como David Brookshaw, *Raça & Cor na Literatura Brasileira* (1983), Zilá Bernd, *Negritude e Literatura na América Latina* (1987), *Introdução à Literatura Negra* (1988) e *Poesia Negra Brasileira* (1992); Oswaldo de Camargo, *O negro escrito* (1987), Luiza Lobo, *Crítica sem juízo* (1993); Leda Maria Martins, *A cena sem sombras* (1995). Nos anos 2000, autores como Maria Nazareth Soares Fonseca, Niyi Afolabi, Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro, Edimilson de Almeida Pereira, Florentina da Silva Souza, Jônatas Conceição da Silva, Miriam Alves, Domício Proença Filho, Eduardo de Assis Duarte, Cuti.

primordialmente na área de Crítica Literária; mas, sim nas Ciências Sociais e História” (Silva, 2011, p. 21). Isso evidencia, segundo Miranda (2019, p. 12), que por muito tempo não houve interesse no campo dos estudos literários por esses textos, que foram “apartados da categoria de objetos literários”, e reflete o que ainda hoje se perpetua: “as textualidades negras estão longe de serem assumidas em suas potencialidades estéticas, epistemológicas e discursivas pela crítica literária brasileira”.

É a partir da década de 1980 que se ampliam as reflexões acadêmicas sobre a autoria negra brasileira. Eduardo de Assis Duarte, em seu livro *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI* (2014), percorre esses caminhos de estudo e análise da literatura afro-brasileira.² Segundo o autor, dentre muitos fatores, há de se ressaltar nesse processo as políticas públicas e afirmativas, como a Lei n. 10.639/2003 e a Lei de Cotas, e a expressiva contribuição do trabalho de poetas e prosadores em organizações como o Quilombhoje³ e a série *Cadernos Negros*, que amplificaram as vozes de pessoas negras no país e, como consequência, nos ambientes acadêmicos.

O primeiro volume da série *Cadernos Negros*, idealizada pelos escritores Cuti e Hugo Ferreira, foi publicado de maneira independente em 1978, em São Paulo, reunindo os trabalhos de oito poetas que, sozinhos, dividiram os custos da edição. Hugo Ferreira, no volume especial *Cadernos Negros: três décadas* (2008), explica o porquê do nome:

Em 1977, tinha morrido a Carolina [Maria de Jesus], e ela escrevia em cadernos; a gente também escrevia a nossa poesia em cadernos, somos da geração anterior ao computador, e muita gente não tinha máquina. Uma coisa muito simples se tornou uma coisa muito forte, os cadernos eram algo nosso (Costa, 2008, p. 25).

² Há um extenso e complexo debate no campo literário sobre os conceitos de literatura negra, literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira. Estes estudos são conduzidos por pesquisadores como Luiza Lobo, Otávio Ianni, Zilá Bernd, David Brookshaw, Raymond Sayers, Heloísa Toller Gomes, Oswaldo de Camargo, Miriam Alves, Edmilson de Almeida Pereira, Eduardo de Assis Duarte, Cuti, além de teses e dissertações sobre a temática.

³ Segundo Costa (2008, p. 29), inicialmente, Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues, autores participantes dos *Cadernos*, se reuniam para debater sobre os próprios textos e os de outros autores. Desses encontros, nasceu o grupo Quilombhoje, que tinha como diretriz o debate sobre o negro na literatura brasileira. Depois, teve a entrada de novos integrantes, como Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Oubí Inaê Kibuko. Atualmente, é conhecido como o coletivo paulistano Quilombhoje Literatura, cuja proposta é estimular o hábito da leitura, promover a difusão de conhecimentos e informações no país, desenvolvendo e incentivando estudos, pesquisas e diagnósticos sobre a literatura e a cultura negras. Atualmente, o Quilombhoje continua em atividade e é coordenado pela jornalista e escritora Esmeralda Ribeiro e pelo escritor Márcio Barbosa.

Os *Cadernos*,⁴ assim, incentivam e divulgam as produções literárias de autoras e autores negros brasileiros, inserindo-os no sistema literário brasileiro, e oferecem, assim como publicações de outras organizações e escritores e escritoras, a ampliação de um discurso literário que vai de encontro ao apagamento e aos estereótipos construídos em relação a pessoas negras na literatura.

A partir desse outro movimento de discurso literário, como afirma Octavio Ianni (1988, p. 91), surge “por dentro e por fora da literatura brasileira” um outro “sistema significativo”. Nele, o negro passa de objeto para sujeito, por meio de sua expressão literária autoral. A literatura afro-brasileira, então, mostra seus caminhos desde o século XVIII, com Domingos Caldas Barbosa, até a contemporaneidade, nos grandes centros e nas literaturas regionais (Duarte, 2014, p. 19).

Assim, pensando na literatura afro-brasileira como um “conceito em construção”, Duarte (2014, p. 29) elenca cinco elementos que, relacionados de maneira dinâmica, distinguiriam essa literatura: a temática; a autoria; o ponto de vista; a linguagem e o público. Esses elementos, de acordo com o autor, atuam como “constantes discursivas” em textos de épocas distintas.

Em relação ao primeiro elemento, Duarte expõe que a temática é um dos fatores que auxilia a pensar o texto como afro-brasileiro: o resgate da história do povo negro na diáspora, como a denúncia da escravidão em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; as tradições culturais ou religiosas no novo mundo; a celebração da ancestralidade africana; as vivências na realidade brasileira, entre outras. Porém, o autor ressalta que a temática não deve ser considerada obrigatória na literatura afro-brasileira, e nem pode ser pensada isoladamente, mas sim “em sua interação com outros fatores como autoria e ponto de vista” (Duarte, 2014, p. 31).

No tocante à autoria, de acordo com Duarte, “tão relevante quanto o ‘sujeito de enunciação próprio’, em que um eu lírico ou um narrador se autoproclama negro ou afrodescendente”, é o ponto de vista adotado:

Um bom exemplo pode estar na produção de autores do século XIX remanescentes de africanos, submetidos à hegemonia do embranquecimento

⁴ De 1978 a 2023, na série *Cadernos Negros*, foram lançados 44 volumes, um por ano, alternando entre contos e poemas, com o intuito de dar visibilidade aos escritores e escritoras negros e fomentar a literatura afro-brasileira e a produção literária das periferias. “Vale dizer que não há qualquer registro de outras antologias publicadas com essa regularidade no Brasil e que contenham textos de escritores afro-brasileiros, o que mostra a importância desse veículo para dar visibilidade à literatura negra feita no país” (Zin, 2016, p. 36). Sobre essa série, ver: <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>.

como vacina contra a morte social. E, ainda, submetidos a um pensamento científico que praticamente os proibia de se declararem negros ou mulatos, a exemplo de Maria Firmina dos Reis. Autores impelidos a uma negrícia ou negrura abafadas e tendo na literatura uma forma de expressão do retorno do recalcado, como no caso de Machado de Assis. Em ambos, não há uma voz autoral que se assuma negra, como no texto ‘Orfeu de Carapinha’, de Luiz Gama (Duarte, 2014, p. 27).

Nesse sentido, embora a escrita de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis não explicita sua origem autoral negra, eles “não podem ser classificados como dotados de um ponto de vista externo ou descomprometido. O texto machadiano fala por si e, assim como em Firmina, explicita um olhar não branco e não racista” (Duarte, 2014, p. 27). Sendo assim, a formulação do autor abarca, então:

tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo ‘negro ou mulato, como queiram’, de Lima Barreto – quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais (Duarte, 2014, p. 27-28).

Segundo Duarte (2014, p. 34), a autoria deve estar “conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade, e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história própria ou coletiva”.

Desse modo, o autor alerta que a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É preciso pensá-las em conjunto com o ponto de vista, que indica desde a “visão de mundo autoral” ao “universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação” (Duarte, 2014, p. 34). Nessa perspectiva:

Em suas *Trovas burlescas* publicadas em 1859, Luiz Gama, autoproclamado ‘Orfeu de Carapinha’, explicita a afrodescendência de seus textos ao apelar à ‘musa da Guiné’ e à ‘musa de azeviche’ para, em seguida, promover uma impiedosa carnavalização das elites. Já em seu romance *Úrsula*, também de 1859, Maria Firmina dos Reis adota a mesma perspectiva ao colocar o escravo Túlio como referência moral do texto, chegando a afirmar, pela voz do narrador, que Tancredo, um dos brancos mais destacados na trama, possuía ‘sentimentos tão nobres e generosos como o que animavam a alma do jovem negro’ (2004, p. 25). Mais adiante, faz seu texto falar pela voz de Mãe Suzana, velha cativa que detalha a vida livre na África, a captura pelos ‘bárbaros’ traficantes europeus e o ‘cemitério’ cotidiano do porão do navio negreiro. Numa época em que muitos sequer concediam aos negros a condição de seres humanos, o romance e a perspectiva afroidentificada da escritora soam como

gestos revolucionários que a distinguem do restante da literatura brasileira da época (Duarte, 2014, p. 35).

Já na contemporaneidade, segundo o autor, o ponto de vista afro-brasileiro atinge seu “ponto culminante” por meio da série *Cadernos Negros*. Isso é possível perceber desde a apresentação do seu primeiro volume:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar (*Cadernos Negros I*, 1978 apud Duarte, 2014, p. 37).

A metáfora do renascimento, aqui, se relaciona a uma visão de mundo própria, com a superação da cópia de modelos europeus e assimilação cultural imposta como única via de expressão (Duarte, 2014, p. 37). Dessa maneira, o ponto de vista é um elemento importante para se pensar a literatura afro-brasileira, pois é necessária, além da temática e autoria, uma perspectiva que seja “identificada à história, à cultura, logo, a toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante segmento da população” (Duarte, 2014, p. 35).

Por fim, Duarte (2014, p. 38) ressalta outros dois elementos que ressoam nos textos literários afro-brasileiros: a linguagem e o público. Sendo a linguagem um dos fatores “instituintes da diferença cultural” no texto literário, a afro-brasilidade aparece, então, na escolha de um vocabulário que remete às práticas linguísticas africanas e está inserido “no processo transculturador” em curso no Brasil, e aparece na discursividade que se empenha na ressignificação de sentidos.

Além disso, o elemento do público envolve pensar na formação intencional de receptividade desses textos para um público específico, “marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária” (Duarte, 2014, p. 41), como em Solano Trindade e Oliveira Silveira.

No entanto, em relação ao público, é importante considerar o texto afro-brasileiro como um espaço de possibilidade de estranhamento, assim como pontua Cuti, em *O Leitor e o Texto Afro-Brasileiro* (2012). De acordo com o autor:

Se o leitor negro passa a ter visibilidade, é através dessa mesma visibilidade, por um efeito de reflexo dialógico, que o leitor não-negro (menos fenotípico que ideológico) poderá encontrar a resposta ampla à questão: o que é ser negro

no Brasil e o que se vem sendo branco. Ao leitor, o desafio de estar colocado frente a frente com o estranhamento. Aliás, é disso que a literatura é feita (Cutí, 2012).

Desse modo, à essa literatura, é necessário formar-se um público constituído também por leitores brancos, uma vez que esses textos têm o “papel fundamental desidealizar o ‘negro’ e o ‘branco’, investindo contra os estereótipos, e demonstrar que nem tudo o que seduz é ‘branco’, captando os movimentos sinuosos da ideologia racista na variada gama de situações sociais” (Cutí, 2012). O texto afro-brasileiro coloca-se, então, como essa possibilidade de romper o silêncio e trazer, para um público leitor negro e também branco, a perspectiva do segmento historicamente mais oprimido.

Nessa perspectiva, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, se insere na literatura afro-brasileira, trazendo à tona a temática da escravidão e suas consequências para os sujeitos negros, construída por um ponto de vista que os humaniza, a partir de sua autoria como mulher negra escritora e intelectual.

Úrsula se inscreve como obra precursora do romance afro-brasileiro e “vem fazer companhia às *Trovas burlescas* de Luiz Gama, também de 1859, no momento inaugural em que os remanescentes de escravos querem tomar com as mãos o sonho de, através da literatura, construir um país sem opressão” (Duarte, 2018b, p. 230).

Maria Firmina dos Reis, dentre os pioneirismos de sua obra, também inaugura o romance de autoria de mulheres negras brasileiras. E como afirma Fernanda Miranda (2022, p. 239), a partir de uma “leitura crítica das relações sociais brasileiras, e a forma de representá-la enquanto internalização estética”, Firmina produz, no século XIX, uma *linhagem* no romance de autoras negras. Nesses textos:

Em cada personagem, tessituras cujos sentidos dialogam com o real e com os imaginários que nos atravessa(m) agora. Um corpus ficcional, do qual emerge um pensamento que nos atualiza acerca do conhecimento do passado, pois a memória é um chão comum nos romances, nos levando de volta à cena liminar da escravidão (*Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; *Negra Efigênia*, de Anajá Caetano; *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves), à cena difusa do pós-abolição (*Água funda*, de Ruth Guimarães; *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus; *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo), à cena fractal do contemporâneo permeado de fantasmas do pretérito (*A mulher de Aleduma*, de Aline França; *As mulheres de Tijucoapo*, de Marilene Felinto) (Miranda, 2022, p. 240).

São romances que se ligam em um “nexo enunciativo” de quase três séculos, em que “afrontam a seletividade dos arquivos discursivos com os quais se tem imaginado a nação, porque impõe à essa imaginação o componente fundante que, contraditoriamente, é mantido soterrado (na literatura canônica): a experiência histórica do negro” (Miranda, 2022, p. 240).

E isso se coloca de maneira relevante, principalmente ao se pensar que “um/a autor/a negro/a, tratando do seu mundo e dos outros, pode propor sentidos que **ultrapassam** aquilo que se resume (por vezes de fora para dentro) como ‘questões do negro’” (Miranda, 2019, p. 17, grifo meu). Inicia-se, assim, um novo movimento nos romances a partir de Maria Firmina dos Reis, em que mulheres negras escritoras rompem o apagamento e estereótipos, em uma letra escrita por elas, mas que não é só delas (Evaristo, 2020).

A escrevivência, então, se configura como essa escrita que extrapola o sujeito individualizado. A escrevivência não seria uma escrita de si, como a autoficção, mas sim uma escrita que revela uma “potência coletiva”:

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2020, p. 38-39).

Segundo Evaristo (2020, p. 38), a escrevivência “surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade”.

Então, ao refletir sobre a sua escrita e a de outras mulheres, Conceição Evaristo (2020, p. 35) se questiona: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? Sua resposta:

Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a autoinscrição no interior do mundo (Evaristo, 2020, p. 35).

Maria Firmina dos Reis nasce em pleno século XIX, em um país sustentado pela escravização. Escritora e professora, faz da palavra a sua vida. De Engrácia, sua avó, a Leonor, sua mãe, duas mulheres negras que foram escravizadas, Firmina nasce livre e na sua escrita abre espaço para novos discursos.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é investigar a trajetória do romance *Úrsula*, evidenciando sua importância para os estudos sobre a vida e obras de Maria Firmina dos Reis, e para os percursos iniciais da literatura afro-brasileira, em uma escrita que inaugura o romance de autoria de mulheres negras e delinea novos caminhos no texto literário.

No Capítulo 1, contextualiza-se brevemente a biografia de Maria Firmina dos Reis, a partir principalmente das biografias organizadas por Nascimento Morais Filho (1975) e Agenor Gomes (2022), e dos estudos de Luciana Diogo (2022).⁵ Além disso, apresentam-se os meios de publicação do romance *Úrsula* em 1860, com os estudos de Antonia Souza (2017), Agenor Gomes (2022) e Luciana Diogo (2021; 2022).

O Capítulo 2 se concentra em pensar o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em perspectiva com a intelectualidade da autora presente na obra, sobretudo a partir de bell hooks (1995), Edward Said (2005), Mirian Santos (2018) e Conceição Evaristo (2009; 2020). Ademais, este capítulo visa a analisar três personagens dessa narrativa, Túlio, Susana e Comendador Fernando P., em diálogo, em especial, com Fernanda Miranda (2019; 2021; 2022), Eduardo de Assis Duarte (2013; 2018) e Conceição Evaristo (2005; 2021).

No Capítulo 3, disserta-se sobre o silenciamento diante da escritora e de suas obras, e os caminhos do romance *Úrsula* a partir de 1970, com base especialmente em Nascimento

⁵ Além do livro e de suas pesquisas publicadas, destaco o portal *Memorial de Maria Firmina dos Reis* (mariafirmina.org.br), do qual Luciana Diogo é idealizadora, editora e gestora de conteúdos, que reúne diversos documentos, análises e referências sobre Maria Firmina e suas obras.

Morais Filho (1975), Algemira Mendes (2006) e Melissa Mendes (2023). Além disso, inicia-se um debate sobre o quantitativo de pesquisas sobre a escritora e seu romance, a partir da pesquisa de Rafael Zin (2018) e do levantamento realizado nesta dissertação.

CAPÍTULO 1

1.1 Maria Firmina dos Reis

*Por qualquer modo que encaremos a escravidão,
ela é, e sempre será, um grande mal.
(Maria Firmina dos Reis, A Escrava)*

A primeira biografia de Maria Firmina dos Reis foi organizada por José Nascimento Morais Filho, em 1975, intitulada *Maria Firmina: Fragmentos de uma vida*, uma obra pioneira, minuciosa e de extrema relevância para os estudos posteriores sobre a autora. Em 2022, o livro *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*, de Agenor Gomes, amplia a documentação referente à vida e ao contexto sócio-histórico da autora, trazendo, além de documentos inéditos, a árvore genealógica completa da família de Firmina. As pesquisas sobre a trajetória de vida da autora e sua fortuna crítica seguem em desenvolvimento, longe de serem esgotadas, “afinal, sendo uma autora estudada em profundidade apenas nos últimos anos, há muito o que descobrir” (Carvalho, 2018, p. 82).

Maria Firmina dos Reis foi uma romancista, poeta, cronista, contista, professora, musicista e ativista da cultura popular,⁶ que nasceu em 1825, em São Luís, no Maranhão. A escritora nasceu e viveu em um contexto embrenhado por conflitos, por pouco acesso à educação, pela escravidão, pelo tráfico transatlântico e pelas consequências da diáspora forçada aos africanos escravizados e seus descendentes.

Na segunda metade do século XVIII, a região maranhense já havia se tornado uma das principais portas de entrada para se perpetuar o tráfico de africanos escravizados no Brasil. Com a criação da Companhia Geral do Comércio do Maranhão e Grão-Pará, em 1755, cujo objetivo era introduzir a mão de obra escravizada africana no Norte do país, especialmente para o

⁶ Termo usado por Agenor Gomes (2022, p. 40).

mercado de algodão e cana-de-açúcar, a região se tornou um dos focos lucrativos do sistema colonial vigente (Costa, 2018).

Como expõe Agenor Gomes, em seu livro *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil* (2022), nesse período de início do tráfico atlântico para o Maranhão e o Pará:

[...] os portos de Cacheu e Bissau, na Alta Guiné, eram o ponto de partida da maior parte dos africanos escravizados. Por essa razão eram chamados de cacheus. Essa denominação, contudo, inseria balantas, bijagós, angicos, bambaras, baiúnas, papéis, brames, fulas ou fulupos, e, especialmente, mandingas. Os africanos da África ocidental falavam o balanta, wolof, serer, fula, temne, mandinga, soninke, bambara, além de outras línguas. Os da África centro-ocidental e da África oriental, em sua maioria, as línguas bantu. (Gomes, 2022, p. 58).

Esses povos na região, “além do trabalho forçado na construção das riquezas do estamento senhorial, trouxeram idiomas, dialetos, crenças, valores e costumes com contribuições fundamentais na constituição de novas culturas” (Gomes, 2022, p. 89). Não há como pensar sobre os desdobramentos da província do Maranhão sem tratar da escravidão, visto que, “por um bom período, mais ou menos 50 anos, a população escrava foi maior que a de homens livres” (Mesquita, 1987 apud Silva, 2013) e foi a sustentação do desenvolvimento econômico da região.

A população do Maranhão oitocentista era marcada por uma maioria de pessoas negras escravizadas em contraste com homens e mulheres livres (Costa, 2018). No início do século XIX, a província maranhense chega a possuir “a maior concentração de escravos de todo o país” (Gomes, 2022, p. 62).

Nessa região, em 1822, três anos antes do nascimento de Maria Firmina:

A partir dos apontamentos realizados pelo coronel Antônio Bernardo Pereira do Lago, Josenildo Pereira registrou que, em 1822, quando o número de habitantes da província foi estimado em 152.893, havia 77.914 escravos, correspondendo a 51% do total da população. Em São Luís, que concentrava um maior contingente de cativos, o percentual de escravos chegou a 62% da população (PEREIRA, 2001, p. 21). Já em 1841, com uma população total de 217.054 pessoas, o Maranhão possuiria 111.905 escravos, ou seja, 51,6% da população (Faria, 2005, p. 238 apud Costa, 2018, p. 247).

Na segunda metade do século XIX, mesmo com a proibição do tráfico de africanos escravizados, que inverte a dinâmica de importação para exportação de mão de obra escravizada

para o Sudeste do país, o Maranhão “ainda se constituía, às vésperas da abolição, como uma das províncias do Norte e do Nordeste com maior contingente cativo” (Silva, 2013, p. 40).

Nesse contexto, Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825,⁷ no bairro de São Pantaleão, em São Luís, no Maranhão. Firmina nasceu livre, filha de Leonor Felipa dos Reis, uma mulher que foi escravizada, mas que, à época do nascimento de sua filha, “já se encontrava alforriada”, e de João Pedro Esteves, militar da Companhia de Cavalaria Franca do Maranhão (Gomes, 2022, p. 85).

Sua avó, Engrácia Romana da Paixão, nasceu em 1778 e tanto ela quanto sua filha Leonor foram escravizadas e serviram ao português Caetano José Teixeira, comendador e traficante no trajeto do porto do Cacheu:

Aos vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e vinte e cinco nesta Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, Igreja Catedral da Cidade do Maranhão, batizei e pus os Santos Óleos a Maria, filha natural de Leonor Felipa, mulata forra que foi escrava do Comendador Caetano José Teixeira (Livro 116, fls. 182, Fundo Arquidiocese do Maranhão apud Gomes, 2022, p. 88).

Segundo Gomes (2022), como o porto de Cacheu, na Guiné, era um dos destinos bastante frequentados pelos navios do Maranhão, é provável que sua avó tenha nascido na Guiné. Engrácia faleceu em 1859 em Guimarães, aos 81 anos (Gomes, 2022, p. 86).

É à sua mãe Leonor que Maria Firmina dedica seu despertar aos caminhos dos estudos e da literatura. Isso fica explícito no primeiro poema de sua obra *Cantos à Beira-Mar* (1871):

É a ti que devo o cultivo de minha fraca
inteligência; – a ti, que despertaste em meu peito o
amor à literatura; – e que um dia me disseste: Canta!
Eis pois, minha mãe, o fruto de teus desvelos
para comigo; – eis as minhas poesias: – acolhe-as,
abençoa-as do fundo do teu sepulcro.

⁷ Na primeira biografia sobre Maria Firmina, Nascimento Morais Filho (1975) aplica esta data de nascimento, que consta no dicionário de Sacramento Blake e na certidão de óbito da escritora. Em 2017, porém, Dilercy Adler, a partir de seu encontro com a professora Mundinha Araújo, da Universidade Estadual do Maranhão (Adler, 2018, p. 219), teve acesso a documentos sobre a escritora, dentre os quais estavam os “Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis”, datado de 25 de junho de 1847, que traz a data de 11 de março de 1822 como seu nascimento, data que passou a ser considerada oficial. No entanto, segundo Agenor Gomes (2022, p. 86), em sua recente biografia sobre a escritora, *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*: “No registro de Maria Firmina, o pároco deixou de anotar sua data de nascimento, e essa falha propiciou que ela apresentasse perante a Câmara Eclesiástica Episcopal, em junho de 1847, pedido de justificação para inserir em seu registro de batismo a data de 11 de março de 1822, como a de seu nascimento. No entanto, essa modificação foi um artifício para acrescer três anos em sua idade, a fim de que pudesse participar do concurso de professora de primeiras letras para a Vila de Guimarães, que exigia idade mínima de 25 anos”.

A educação, na época do Império, era precária, principalmente para as mulheres. Era necessário transgredir os limites, em uma realidade “que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor” (Telles, 1989, p. 75).⁸ Em um contexto escravista, a dificuldade existente para uma mulher negra⁹ de posicionar-se como uma mulher de letras¹⁰ se intensificava. Há de se considerar, nessa perspectiva, que a relação entre público e obra se difere e a tensão se acentua ao considerar-se quem a escreve.

Firmina cursou a escola primária, contudo não pode frequentar o curso de aperfeiçoamento para alunos-mestres, a Escola Normal, que se iniciou em São Luís em 1840, visto que não permitia mulheres (Gomes, 2022, p. 92). Desse modo, a escritora “estudou por seus próprios meios para enfrentar o concurso de professora, que até então, não exigia certificado do curso secundário” (Gomes, 2022, p. 92), e foi a única aprovada no concurso público para professora de primeiras letras de Guimarães.

Em 1847, após sua aprovação no concurso público, Maria Firmina se muda para a vila de Guimarães,¹¹ no Maranhão, na qual se torna a única professora concursada da cidade.

Na ocasião da entrega de sua nomeação, sua mãe Leonor decide alugar um palanquim, carregado por dois escravizados, para levá-la ao Palácio do Governo, mas Firmina recusa: “— Negro não é animal para se andar montado nele” (Morais Filho, 1975, p. 256), e segue o

⁸ Nascimento Morais Filho (1975, p. 12), ao apresentar Maria Firmina, também o destaca: “Assim, vemo-la despreziosa, mas convicta, editando livro: *o primeiro livro publicado por uma maranhense*, e ainda um *romance* – gênero literário mal visto – (leitura pernicioso – por mais inocente) – por uma sociedade que impunha à mulher aquela sufocante educação portuguesa que Francisco Manuel de Melo, notável clássico setecentista, prescrevia em ‘Carta de Guia de Casados’, sentencioso: ‘O melhor livro é a almofada e o bastidor’!...”.

⁹ Carla Akotirene (2019), em seu livro *Interseccionalidade*, da coleção *Feminismos Plurais*, aborda o conceito de interseccionalidade. Cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, no seu artigo “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*”, é uma articulação metodológica pensada pelas feministas negras, que visa pensar patriarcado, capitalismo e racismo, “coexistindo, como modeladores de experiências e subjetividades da colonização até os dias da colonialidade” (Akotirene, 2019, p. 31).

¹⁰ Duarte e Paiva (2009, p. 11) debatem uma possível definição de “mulher das letras” a partir do que foi historicamente conceituado como “homens das letras”, considerando que estes, segundo Roger Chartier ao retomar Voltaire em seu conceito de “letrado”, seriam “aqueles homens de estudo e de leitura que conviviam socialmente com seus pares”. Já por essa definição, é possível pensar sobre as barreiras de, à época, constituir-se como uma mulher letrada, visto que o acesso ao estudo era limitado, assim como a possibilidade de conviver “socialmente com seus pares”.

¹¹ Segundo Gomes (2022, p. 104), não há registros que assegurem a transferência de Maria Firmina de São Luís para Guimarães na sua infância ou adolescência. Um dos indícios de que ela não residia na vila antes de 1847 é que, nesse período, não há documentos de referência de sua presença, o que já muda a partir de 1847, com registros da presença de Firmina em vários casamentos e batizados na vila.

caminho a pé. Essa atitude, dentre muitas outras, revela sua postura perante a realidade escravocrata que vivenciava.

Firmina presenciava diariamente a escravidão, visto que “o município de Guimarães tinha um dos maiores números de escravos da província” (Gomes, 2022, p. 136). Em 1872, na vila de Guimarães, dentre os 13.911 habitantes, 8.443 eram livres e 5.468 eram escravizados, segundo o censo da época. Mesmo com a Lei do Ventre Livre, Guimarães possuía o maior número de escravizados na região do litoral ocidental norte e na Baixada (Gomes, 2022, p. 69).

Contudo, a predominância demográfica de pessoas negras escravizadas na região maranhense não impediu movimentos de resistência do povo negro, que, ao longo da história, “sempre buscou formas de resistência contra a situação subumana em que foi lançado” (Gonzalez, 2020, p. 50). Como afirma a historiadora Beatriz Nascimento, foram inúmeras “as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica” (Nascimento, 1985, p. 41). As rebeliões, as fugas, as formações de quilombos, foram muitas das ações para enfrentar a violência brutal à qual eram submetidos e para lutar pela liberdade.

Dentre os incontáveis anúncios de compra e venda de escravizados nos jornais de São Luís durante o século XIX, havia muitos de fugas (Mendes, 2023, p. 126):

Em 19 do corrente, fugio ao abaixo assignado, a sua escrava de nome Carmina, de idade 24 a 26 annos, d’altura regular, côr preta mas um tanto vermelha, cabellos curtos e carapinhados, tem um signal em sum dos hombros á espécie de meia lua, e está com 4 mezes de gravida, falla espivitada, desconfia-se ter sido seduzida, por poucas vezes sahir á rua, levando dois vestidos de chita fina [...] Maranhão 23 d’Abril de 1857. Antonio José d’Almeida Junior (*A Imprensa*, 16 jun. 1857).

Fugio hoje a Braz José Nogueira seu escravo fulo de nome Geremias, crioulo, idade 40 annos, magro, cara chapada, barba branca, cabelo começando a pintar, tem uma contusão n’uma das mãos tem algumas marcas de chicote nas costas, he um tanto vergado para traz, estatura regular e levou um coffo com roupa e um pedaço de facão servindo de faca; quem o capturar e entregar a seu senhor, Largo do Palacio n. 4 será gratificado. (*A Imprensa*, 2 jan. 1858).

Nesse sentido, a Guarda Municipal Permanente de São Luís, no Maranhão, em 1835, possuía uma “Relação das casas habitadas por negros libertos”, com o objetivo de mapear e vigiar possíveis concentrações de escravizados. Por isso, “oitenta e oito casas de negros libertos permaneciam em constante vigilância” (Gomes, 2022, p. 111).

Em Guimarães, no Maranhão, há documentos que registram fugas e criação de quilombos, “tanto nas proximidades do rio Turiaçu quanto no distrito de Pericumã”. No ano em que a escritora se muda de São Luís para Guimarães, em 1847, houve a maior fuga de escravizados da Vila, em que, “em três dias, 200 escravos, dentre os quais 50 mulheres, fugiram das fazendas Gurutil, Santiago, Santa Eulália e Bahia. Eram fazendas pertencentes ao Barão de Bagé” (Gomes, 2022, p. 51; 66). Um ofício relata:

A 5 léguas distante desta Vila estão as fazendas do Barão de Bagé das quais há 3 dias tem fugido 200 escravos, inclusive 50 negras. Fiz imediatamente marchar a Esquadra de Guardas Campestres e os Soldados do Destacamento que se puderam dispensar, que ao todo foram nove praças, nada puderam fazer por irem sendo o número dos fugidos extraordinário, alguns (segundo informações) armados (Gomes, 2022, p. 66).

Gomes (2022) expõe ofícios e correspondências que demonstram, nas fugas, alianças entre negros escravizados e livres, o que “era o grande temor da sociedade escravocrata” (Gomes, 2022, p. 65). Alianças essas que pessoas negras livres também empreendiam em outros âmbitos, como nas Letras, com Maria Firmina dos Reis como exemplo.

Firmina, à época, conseguiu a alforria de Maria Amélia e Otávia, filhas de Guilhermina, sua amiga, uma mulher que foi escravizada e que serviu por muitos anos a sua tia Henriqueta:

Leonor falecera em 1866, mas antes de sua morte Maria Firmina conseguira deixar alforriados os escravos de sua mãe. Desde a sua juventude, a professora manifestara discordância com Leonor no modo de posicionar-se diante da escravidão.
[...] Quando nasceram Maria Amélia e Otávia, filhas de Guilhermina, Maria Firmina antecipou-se a sua mãe Leonor na alforria das duas crianças (Gomes, 2022, p. 136).

Ao longo de sua vida, Firmina adotou cerca de quinze filhos, dentre os quais havia filhos e netos de Guilhermina, e todos foram alfabetizados (Gomes, 2022).

Maria Firmina, também, tem presença na área da educação, pelos vários anos de magistério e pela inauguração da “primeira escola mista do Maranhão, na qual ensinava meninos e meninas na mesma classe”, em Maçaricó (Diogo, 2022, p. 23). Ela fundou a escola em 1880, que funcionava em um barraco de taipa, coberto de palha, e cujo primeiro registro se encontra no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake (Gomes, 2022). Sobre ela, em uma entrevista realizada por Nascimento Morais Filho, uma das filhas da escritora narra:

– ‘Eu me lembro’, disse dona Nhazinha Goulart (84 anos), ‘que a gente ia com Maria Firmina num carro de boi, e Pranchada era o pajem. As aulas eram dadas num barracão’. Perguntando-lhe se era mista e gratuita a aula, respondeu-me: – ‘Era todo mundo junto: meninos e meninas. Quem tinha posses pagava e quem não tinha não pagava’ (Morais Filho, 1975, s/p).¹²

Firmina teve de interromper as aulas na escola por dificuldades financeiras, porém, “segundo relatos de uma ex-aluna a Nascimento Morais Filho, Maria Firmina seguiu lecionando até por volta de 1901, quando já contava mais de setenta anos” (Diogo, 2022, p. 23). Ela lecionou por mais de 40 anos.

Além disso, na área das letras, tem presença na imprensa, com a publicação de poema, conto, enigma, charada. Após a publicação de seu romance *Úrsula*, Maria Firmina publica *Gupeva*, em 1861, sobre o indígena Gupeva e sua filha Épica, a qual é republicada outras duas vezes em outros jornais (Gomes, 2022, p. 203):

Começamos hoje a estampar o romance ‘Gupeva’, trabalho da talentosa maranhense Maria Firmina dos Reis, cuja tenacidade nos labores literários e no amor ao estudo são bem conhecidos do público. (*Eco da Juventude*, n. 14, 12.3.1865).

Também em 1861, a escritora é convidada para participar da antologia *Parnaso Maranhense*, juntamente com outros 51 escritores, e contribui com dois poemas, *Por ver-te e Minha vida*. Dez anos depois, em 1871, Firmina publica seu livro de poemas, *Cantos à Beira-Mar*, em brochura de 218 páginas.¹³ Ela foi a primeira mulher da província a lançar um livro de poemas (Gomes, 2022, p. 184). Em 1887, em meio às campanhas abolicionistas, ela publica o conto *A Escrava*, na *Revista Maranhense*, que trata da maternidade da mulher negra escravizada e discute sobre alforria, reescravização e liberdade (Diogo, 2022, p. 128):

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é

¹² Essa biografia de Maria Firmina, organizada por Nascimento Morais Filho, é a principal fonte biográfica da escritora. No entanto, as citações dessa obra que serão expostas nesta pesquisa estarão sem os indicativos das páginas. Isso porque esse livro é até hoje uma raridade e, na sua primeira impressão, segundo Gomes (2022, p. 303), somente algumas de suas folhas saíram com os números das páginas grafados.

¹³ Em 2024, a obra ganhou uma nova edição, *Cantos à Beira-Mar e outros poemas*, organizada por Luciana Martins Diogo, pela coleção Círculo de Poemas, com apresentação de Luciana Diogo e posfácio de Juliano Carrupt do Nascimento. Além de ser o único livro de poemas editado em vida por Maria Firmina, essa edição de *Cantos à Beira-Mar* contém 34 poemas de Firmina publicados esparsamente na imprensa do Maranhão e um poema encontrado em seu diário.

indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Embalde procurará um dentro nós convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo... (Reis, *A escrava*, [1887]/2018)

À época, a vila era composta de um monolítico bloco escravocrata, com 105 fazendas, “onde os senhores de escravos exerciam poderes quase absolutos nos limites das suas glebas” (Gomes, 2022, p. 257).

Maria Firmina se fez presente na imprensa por mais de 40 anos, publicando, além de suas obras, 42 poemas avulsos em diversos periódicos (Diogo, 2022, p. 22). A autora também escreveu um diário, intitulado *Resumo de minha vida*, cujos manuscritos foram entregues pelo seu filho Leude Guimarães ao pesquisador Nascimento Morais Filho, no que hoje se conhece como o *Álbum*.¹⁴ Nele, Maria Firmina organiza sua própria biografia, com anotações escritas no período de 1853 a 1903 (Gomes, 2022).

Em 1908, funda-se a Academia Maranhense de Letras, em São Luís, e, embora fosse a primeira poeta e romancista do Maranhão, Maria Firmina não é lembrada e suas obras não compuseram as estantes da biblioteca pública do Estado. Foi somente em 1943 que a primeira mulher, Laura Rosa, ingressou na Academia Maranhense de Letras (Gomes, 2022, p. 278).

Maria Firmina dos Reis faleceu no dia 11 de novembro de 1917, em Guimarães. Ela consolidou toda uma vida voltada ao ensino e à literatura por 92 anos. A escritora maranhense viveu por quase um século, em uma sociedade marcada fortemente pela escravidão, quebrando paradigmas e defendendo o que acreditava, não só por suas ações, mas também pela escrita. Sua trajetória reflete seu empenho na construção de uma sociedade justa e digna, “enquanto uma intelectual comprometida com seu tempo e seu espaço” (Diogo, 2022, p. 20).

Seu romance, *Úrsula*, foi a sua primeira obra publicada e é a mais divulgada e conhecida da autora atualmente.

¹⁴ Infelizmente, faltam partes do diário de Maria Firmina ao qual se tem acesso hoje. Leude Guimarães revelou para Nascimento Morais Filho que: “Quando vim para São Luís depois de sua morte [...] trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú, e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram, de recordação, os restos desse álbum, que encontrei pelo chão!” (Morais Filho, 1975, s/p).

1.2 Uma Maranhense

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estreia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas de seu belo talento.
(Jornal A Imprensa, 16 maio 1860)

A imprensa e o mercado do livro no Brasil, no século XIX, estavam começando a trilhar seus caminhos. Em 1808, implementa-se a Impressão Régia no Rio de Janeiro, porém é a partir de 1821, com o fim da censura e do monopólio estatal tipográfico, que se torna possível o desenvolvimento da imprensa no país. Essa autorização, no entanto, não era suficiente para o sustento das tipografias, em um contexto de “parca leitura e pouco consumo das letras” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 166), razão pela qual as tipografias tinham diferentes estratégias para promover seus livros.

Embora houvesse impedimentos econômicos, a imprensa maranhense instituiu-se, no século XIX, como um dos principais polos editoriais do Brasil. Além da fama atribuída à sua capital, São Luís, de *Atenas Brasileira*, sendo o berço de escritores renomados à época, como Gonçalves Dias, suas tipografias “chegaram a fazer publicações com dez mil exemplares de uma só obra, na metade do século XIX” (Gomes, 2022, p. 51).

Nesse sentido, a pesquisadora Luciana Diogo, em seu livro *Maria Firmina dos Reis: vida literária* (2022), expõe pesquisas que tratam da divulgação de livros nos jornais maranhenses, dentre elas a de Antonia Souza (2017), com sua tese intitulada *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista*. De acordo com a autora, em São Luís nesse período, uma prática comum para divulgar e vender romances era a publicação de anúncios ou reclames de venda de livros nos jornais.

Os reclames, segundo Souza (2017), tinham o objetivo de divulgar os livros, bem como de criar a necessidade nos leitores de adquiri-los. Esses anúncios poderiam ser publicados com várias obras simultaneamente ou serem publicados com somente uma obra de maneira independente. Geralmente, os anúncios independentes, segundo a autora, eram usados para livros que estavam sendo lançados e conferiam “mais visibilidade para os escritos e provavelmente atraíam mais compradores” (Souza, 2017, p. 205).

Além disso, a autora expõe que outra prática de divulgação de livros eram os anúncios de coleta de assinaturas ou subscrições. Nessa prática comum do século XIX, tinha-se o propósito de despertar o interesse dos leitores em adquirir uma obra que ainda seria impressa ou que seria vendida em outros formatos. Para isso:

A condição para que a circulação dessas obras ocorresse era que uma quantidade de leitores suficiente para arcarem com as despesas da produção assumissem o compromisso de adquiri-las. O objetivo dessas formas de veiculação era publicar romances e contos, entre outros gêneros, nos suportes livro ou folheto, de uma forma mais acessível ao conteúdo dos escritos, posto que muitos tinham os volumes divididos e provavelmente sua linguagem atualizada; bem como financeiramente porque eram pagos à prestação (Souza, 2017, p. 221).

Essas subscrições eram promovidas, dessa maneira, a partir de uma relação de confiança entre o vendedor e seus leitores, uma vez que, “a princípio, não envolvia dinheiro, apenas o compromisso de algumas pessoas que prometiam pagar as obras quando fossem recebê-las” (Souza, 2017, p. 227).

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado em São Luís, no Maranhão, pela Tipografia do Progresso, assinado com o pseudônimo “Uma Maranhense”. A autora só começou a assinar suas obras a partir de 1861 (Miranda, 2019, p. 57).¹⁵

Na folha de rosto da sua primeira edição, consta o ano de 1859 como publicação. No entanto, a pesquisa de Souza (2017) apresenta um anúncio de subscrição independente para o romance *Úrsula* já em 1857, dois anos antes, publicado na seção *Publicações Pedidas*, do jornal *A Imprensa*. Esse anúncio “revela, antes de tudo, uma informação muito importante: *Úrsula* já estava pronto em 1857, ano em que, por exemplo, José de Alencar publica o romance *O Guarani*, em folhetins, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*” (Diogo, 2021, p. 74).

O anúncio, escrito em dez parágrafos, apresentava um breve resumo da obra, fazia algumas considerações sobre a autora, uma “jovem maranhense”, e sobre os personagens, e, ao fim, anunciava o preço da subscrição:

PROSPECTO. O romance brasileiro que se vai dar ao prelo sob a denominação de *Úrsula* é todo filho da imaginação da autora, jovem maranhense, que soltando as asas da sua imaginação estreia a sua carreira literária oferecendo ao ilustrado público da sua nação as páginas, talvez por

¹⁵ Em 1860, Maria Firmina dos Reis publica um poema no jornal *A Imprensa*, o qual assina somente com suas iniciais “M. F. R.” (Morais Filho, 1975), além de resenhas, e em 1861 publica *Gupeva* no jornal *O jardim das maranhenses*, que já aparece assinado como “M. F. dos Reis”.

demais vazias de um estilo tão apurado, como o é o do século, mais simples; e os pensamentos, não profundos, mas entranhados de patriotismo. Todo ele ressentido de amor nacional e de uma dedicação extrema à liberdade.

Os personagens da sua obra, não os foi buscar num fato original; a existência desses entes criou-a ela, no correr da mente.

A autora simpatiza com o que há de belo nas solidões dos campos, na voz dos bosques e no gemer das selvas, e por isso preferiu tecer os fios do seu romance, melhor que nos salões dourados da corte, nos amenos campos e nas gratas matas do seu país.

Recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma, a autora brasileira tem procurado estudar os homens e as coisas, e o fruto desses esforços de sua vontade é: — ÚRSULA —.

A donzela, que vai aparecer-vos sob esse nome, vivendo isolada nas solitárias regiões do Norte, não é um desses tipos de esmerada civilização, mas, longe de serem selvagens os seus costumes, Úrsula tinha o cunho de um caráter ingênuo e puro, com o só defeito de ser talvez por demais ardente e apaixonada a sua alma. Constante nos seus afetos, essa donzela não se assemelha a tantas outras mulheres volúveis e inconstantes que, aprendendo desde o berço a iludir, deslustram o seu sexo, mal compreendendo a missão de paz e de amor de que as incumbiu Deus.

Talvez um amor estremecido e uma prevenção desde o berço, alimentada contra seu tio, o comendador P., lhe dê por um momento os traços de leviandade, mas se atentarmos que Úrsula, no verdor dos anos, arrastada por essas duas paixões imperiosas que tão fatais lhe foram, conservou a pureza de uma alma angélica, confessaremos que a predileta da autora tinha o caráter firme, como sói ser o das almas grandes e virtuosas.

Úrsula tinha a imaginação ardente das filhas do Norte, e como elas guardava na alma sentimentos nobres, e um afeto, e uma dedicação que só o túmulo saberá extinguir.

Menos ardente não era o coração do jovem Tancredo — essas duas almas perfeitamente harmonizavam. O comendador invejou tão extrema ventura e lançou absinto no vaso de suas doces esperanças: podia ter sido generoso, mas seu amor era terrível, ele não pôde perdoar.

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...

É um brado a favor da humanidade — desculpai-a...

Subscreve-se para esta obra na typ. do Progresso, do Observador, do Diário e do Publicador - preço por cada exemplar brochado 2\$000 rs (*A Imprensa*, 17 out 1857, n. 40. ano I, p. 3).

Em sua análise do anúncio, Luciana Diogo (2022) destaca o posicionamento do(a) resenhista de reconhecer a obra *Úrsula* como parte de um contexto de produção mais amplo, voltado ao “ilustrado público de sua nação”, em que a “autora brasileira” explora elementos temáticos do período: o “patriotismo”, “amor nacional” e “uma dedicação extrema à liberdade”. Aqui, as escolhas de Maria Firmina são reconhecidas – “preferiu tecer os fios do seu romance”

–, assim como um possível projeto intelectual/literário, que demonstra sua intencionalidade: “a autora brasileira *tem procurado estudar* os homens e as coisas”, “a autora *tem meditado*”.

Particularmente nos trechos finais do anúncio, é possível notar o receio de que a representação dos personagens Túlio e Susana na obra incomodasse os leitores, razão pela qual se pede desculpas pelo feito da autora:

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas! – O Escravo! – A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, *tem-lhes escutado* as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...
É um brado a favor da humanidade, – desculpai-a... (*A Imprensa*, 17 out 1857, n. 40. ano I, p. 3).

Aqui, há uma possível indicação do projeto intelectual de Maria Firmina sobre a condição dos escravizados: “*tem meditado* sobre a sorte desses desgraçados entes, *tem-lhes escutado* as lacrimosas nênias e o gemer saudoso”. De acordo com Diogo (2022), “fica explícita a ideia de tempo, ou seja, sugere-se que já há algum tempo, Firmina viria pesquisando, refletindo e escrevendo sobre a questão da condição do negro na sociedade escravista, delineando traços que seriam desenvolvidos em sua produção literária ao longo dos anos” (Diogo, 2022, p. 84).

Quanto à publicação da obra, no primeiro parágrafo, o trecho “O romance brasileiro que *se vai dar ao prelo* sob a denominação de *Úrsula*” demonstra que o livro ainda não estava impresso, mas já estava pronto para ser editado (Diogo, 2021, p. 79). Porém, de acordo com a pesquisa de Gomes (2022), o romance demorou mais tempo para ser publicado.

Como narra o autor, de fevereiro a julho de 1860, o jornal *A Imprensa* ainda estava realizando campanhas de subscrição para *Úrsula*, o que durou 24 edições. Na edição de 18 de fevereiro de 1860, anunciava-se “Assina-se nesta tipografia”, o que dá a entender que o romance ainda não havia sido impresso (Diogo, 2022, p. 76).

Por fim, em 1º de agosto de 1860, o jornal anuncia que o romance foi impresso na *Tipografia do Progresso* e estava à venda:

Figura 1 – Anúncio do romance *Úrsula* no jornal *A Imprensa* (1 ago. 1860)



Fonte: <https://memoria.bn.br/>.

Além desse reclame, a mesma edição traz um texto intitulado “Nova Publicação”, em que o articulista revela o nome de Maria Firmina dos Reis como autora do romance – fato pelo qual pede desculpas – e recomenda sua leitura:

Nova Publicação – Acaba de sair dos prelos do *Progresso* o romance original – Úrsula – nitidamente impresso e em elegante formato. É a primeira tentativa de uma comprovinciana – a Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora de Guimarães – e para tentativa estreia ela mui bem a carreira de romancista, e por isso pedimos-lhe desculpa de vir imprudentemente denunciar o seu nome, que com tanto empenho e modéstia trata de ocultar.

Descrições mui belas da nossa natureza, reflexões filosóficas e morais de subido valor, muita imaginação são qualidades que tornam recomendado este romance (*A Imprensa*, 1 ago. 1860, n. 61. ano IV, p. 4).

Por fim, conclui-se:

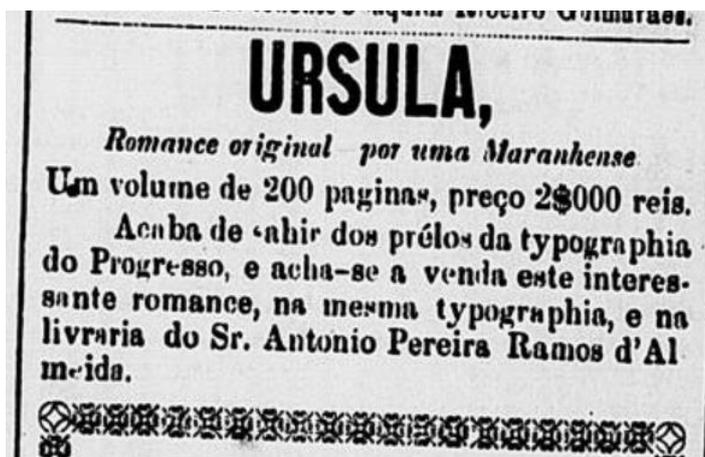
Não devemos deixar morrer no nascedouro um talento tão formoso e cumpre que o acoroçemos e o aplaudamos para que, animado e confiado em si, produza frutos melhores e mais bem sazonados. A aceitação nestes casos é a procura da obra – é o esgotamento rápido da edição. É o que cremos acontecerá com esta publicação apesar de ter aparecido em época de efervescência eleitoral (*A Imprensa*, 1 ago. 1860, n. 61. ano IV, p. 4).

A última frase, “apesar de ter aparecido em época de efervescência eleitoral”, segundo destaca Gomes (2022, p. 172), sustenta que o romance *Úrsula* foi publicado somente em 1860, visto que este era ano de eleições, e não em 1859, como aparece na folha de rosto da primeira edição. Ainda, o trecho “Acaba de sair dos prelos do *Progresso* o romance original – Úrsula” também corrobora o mesmo entendimento, de que a impressão do romance foi concluída em meados de julho de 1860 e passou a ser ofertada em agosto de 1860. Além disso, “a *Tipografia do Progresso*, onde se imprimiu o livro de Maria Firmina, era a mesma a imprimir o jornal *A*

Imprensa, que em 1º de agosto de 1860 publicava a notícia de que *Úrsula* acabava de ser impresso e estava à venda” (Gomes, 2022, p. 174-175).

A partir disso, outro exemplo de anúncio de venda do romance *Úrsula* foi promovido pelo jornal *Publicador Maranhense* também em agosto de 1860. O romance tinha sido impresso e era vendido na Tipografia do Progresso e na Livraria de Antonio de Almeida:

Figura 2 – Anúncio do romance *Úrsula* no jornal *Publicador Maranhense* (9 ago. 1860)



Fonte: <https://memoria.bn.br/>.

Como expõe Gomes (2022, p. 175), os anúncios de venda do romance *Úrsula* foram divulgados nos jornais por dois anos e dois meses, de agosto de 1860 a outubro de 1862. Com isso, “é improvável que a romancista tenha custeado a campanha publicitária por tão longo período, uma vez que vivia unicamente do seu salário de professora. [...] Não é difícil supor que ela tenha se articulado com abolicionistas da capital para a divulgação da obra” (Gomes, 2022, p. 175). E, segundo o autor, *Úrsula* foi o livro com mais anúncios publicitários nos jornais de São Luís nesse período.

A partir de 1863, o romance *Úrsula* é mencionado cada vez menos nos jornais (Gomes, 2022, p. 181). As menções¹⁶ à obra circularam no *Seminário Maranhense* em 3/11/1867; no jornal *Esperança* (MA), em 1871; em *O Espírito-Santense* (ES), em 4/11/1871; no *Publicador Maranhense*, em 16/11/1875 e, depois, somente em 1900, no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake (Diogo, 2022, p. 89-90).

¹⁶ Podem ser encontradas em: <https://mariafirmina.org.br/ursula-nos-periodicos-apos-1862/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

Após esse período, *Úrsula* ressurgiu décadas depois do falecimento da autora, em uma segunda edição, em 1975, uma edição fac-similar. Isso foi proporcionado por, ocasionalmente, o bibliófilo Horácio de Almeida encontrar o único exemplar de *Úrsula* remanescente, em um sebo no Rio de Janeiro, fato será retomado mais adiante nesta pesquisa.

Como exposto, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi anunciado pela primeira vez nos jornais maranhenses em 1857 e foi publicado em 1860 em São Luís, no Maranhão. Sendo assim, a pesquisadora Luiza Lobo (2022) elucida:

Em meio a uma luta renhida, confirmou-se o nome de Maria Firmina dos Reis como pioneira do romance de autoria feminina no Brasil. No cerne deste debate está a definição de gênero literário – o que distingue romance de novela. O romance tem maior complexidade da trama, maior número de personagens e núcleos narrativos, sendo a novela bem mais linear e concentrada num único núcleo de enredo e com poucos personagens. Algumas escritoras do século XIX escrevem novelas como *Dona Narcisa de Vilar* (1859; 1990), de Luísa de Azevedo Castro, que é uma novela, não um romance. Já se desejou colocar Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (Porto Alegre, 1806- ?, ?), uma sulista, como primeira romancista mulher no Brasil. Mas ela, de fato, não é romancista, mas autora de duas miscelâneas de contos, poemas, crônicas, pensamentos, ambos de 1845, *A filósofa do amor* e *O ramallete, ou flores colhidas no jardim da imaginação*. Desse modo, Maria Firmina dos Reis surge como pioneira no romance de autoria feminina no Brasil.

Teresa Margarida da Silva Orta ou Horta, que publicou *Aventuras de Diófanos* (Lisboa, 1772; 2. ed., 1777), não poderia ser considerada autora brasileira, uma vez que, apesar de nascida no Brasil, de pais portugueses, com eles emigrou para Portugal, aos cinco anos, sem mais aqui retornar. Seu livro é uma releitura de *Aventuras de Telêmaco* (1699), de François Fénelon, obra típica da Ilustração, sem ligação com o Brasil. No caso de Nísia Floresta, seu livro *Direito das mulheres* é uma tradução de ensaio de um texto publicado anonimamente por ‘Sophia’, em 1739, na Inglaterra, que era um plágio de um texto francês de F. Poullain de la Barre, de 1673 (Lobo, 2022, p. 13-14).

Úrsula foi o primeiro romance publicado por uma mulher no Brasil, o que é reconhecido, atualmente, por diversos pesquisadores.¹⁷

¹⁷ O pioneirismo de Maria Firmina é reconhecido por pesquisadores como: Moraes Filho (1975); Almeida (1975); Luiza Lobo (2021; 2022); Fernanda Miranda (2019); Agenor Gomes (2022).

*Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor.
Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns
e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.*

(Maria Firmina dos Reis, Prólogo, Úrsula).

CAPÍTULO 2

2.1. Uma mulher intelectual

[...] ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras [...]
(*Maria Firmina dos Reis, Úrsula*)

Conceição Evaristo, em *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*, inicia um debate sobre o que se poderia entender como literatura negra e/ou literatura afro-brasileira. Sendo, assim, abordada como “um possível espaço construtor, mantenedor e difusor de uma memória étnica, assim como um espaço revelador de uma poética da nossa afro-brasilidade” (Evaristo, 1996, p. 2), em que, além da referência racial, se nota a maneira como o escritor lida com o “dado étnico” que traz em si.

Ao debater sobre os limites de uma proposta estética literária universalizante, a autora reflete sobre os cuidados que é preciso se ter ao falar das “células menores construtoras de uma realidade própria”, o outro:

Colocar o outro como desviante da norma, como aquele que foge ao padrão, como aquele que até pode viver o seu exotismo, é apenas a perduração de um discurso comparatista racista, em que o outro continua apenas cumprindo o seu papel de objeto, sendo-lhe negado o papel de sujeito, de agente da sua própria história. É preciso, ao pensar o outro sob o prisma da diferença, não pensá-lo como um desviante da norma, de um modelo universal, mas como um indicador de outras posturas possíveis (Evaristo, 1996, p. 3).

Nesse sentido, parece possível desenvolver essa reflexão em outras perspectivas, no caso, nas dinâmicas que envolviam Maria Firmina dos Reis a partir do contexto literário em que estava inserida. Escritora e professora maranhense, nascida em meio às amarras impostas pelas relações patriarcais e escravistas ainda no século XIX, sua escrita envolvia elementos

usuais do Romantismo brasileiro, bem como ao mesmo tempo elaborava discursos que iam em direção oposta ao pensamento hegemônico de sua época.

Em um período literário no qual o negro não teve nenhuma participação, nem como sujeito nem como objeto do discurso dos mitos fundacionais (Gomes, 2020, p. 73), e no qual depois esse apagamento se tornaria uma visibilidade estereotipada (Mendes, 2012), a escrita de Firmina desenvolve de maneira complexa e humana os personagens negros, e “insere elementos típicos da sociedade escravagista brasileira e da real situação do escravo africano no Maranhão” (Lobo, 2021, p. 90).

Muito além de desviante das normas vigentes, de um ‘modelo universal’ romântico, ela era uma indicadora de “outras posturas *possíveis*”. Maria Firmina seria, assim, uma “mulher do seu tempo e do seu país” (Duarte, 2018a, p. 9). E como tal, trilhou no seu tempo posturas outras, posturas *possíveis* em seus textos para se pensar e humanizar os corpos negros, que eram tão violentamente desumanizados.

Embora destoe de muitos escritores do mesmo período, Maria Firmina se aproxima de muitos de seus contemporâneos e contemporâneas. Eduardo de Assis Duarte (2018a) traça um esboço historiográfico a fim de pôr em evidência o quanto a escritora dialogava com a produção intelectual de autoras e autores do hemisfério norte e América Latina. Segundo o autor, a escrita de Firmina se aproxima, dentre outros, de Phillis Wheatley (1753-1784), Olaudah Equiano (1745-1797), Mary Prince (1788-18..?), Frederick Douglass (1818-1895), Harriet Stowe (1811-1896) e Solomon Northrup (1807-18..?), pessoas que a partir de sua escrita disruptiva influenciaram novos caminhos para a luta abolicionista em outras regiões do mundo.¹⁸

Firmina, assim, estava “de olhos e ouvidos abertos ao ‘seu tempo’ e ao ‘seu país’” e, juntamente com essas vozes, formou coro para clamar pelos novos tempos” (Duarte, 2018a, p. 9; 2018b, p. 213). Sua primeira obra, *Úrsula*, trouxe o primeiro diálogo da literatura brasileira ocorrido entre pessoas negras em primeira pessoa falando sobre memória, escravidão e liberdade, e o primeiro registro, em toda a produção discursiva nacional, da travessia no navio

¹⁸ Conforme pontuado por Duarte (2018a, p. 9-13), a africana Phillis Wheatley (1753-1784), ainda na condição de escravizada, em 1773 inaugura a escrita feminina de língua inglesa com seu livro *Poems on various subjects, religious and moral*; Olaudah Equiano (1745-1797) em 1789 publicou a autobiografia *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, The African*; Mary Prince (1788-18..?) em 1831, após escapar do cativeiro, publicou *The history of Mary Prince*; Frederick Douglass (1818-1895) em 1845, depois de fugir para Nova York a fim de conquistar sua liberdade, publica *The narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave, written by himself*; Harriet Stowe (1811-1896) em 1851-1852 publica em folhetins “o mais celebrado romance abolicionista de que se tem notícia no Ocidente” (Duarte, 2018a, p. 13), chamado *Uncle Tom’s Cabin; or life Among the Lowly*; e Solomon Northrup (1807-18..?), que nasceu livre, porém foi vendido como escravo aos 33 anos, em 1853 publica *Twelve years as slave*.

negreiro (Miranda, 2021, p. 130). Sua obra *A escrava*, publicada um ano antes da abolição, também condenava abertamente a violência da escravidão e expõe temas como alforria, reescravização e o sofrimento das mulheres escravizadas que tiveram seus filhos tomados. É ela que, além de outras obras e diversas composições musicais, compôs o *Hino à liberdade dos escravos*, que preencheu o silêncio da sua vila, Guimarães, perante a abolição em 1888 (Gomes, 2022):

Salve Pátria do Progresso!
Salve!. Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!
Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!
(Morais Filho, 1975)

Maria Firmina, que viveu por quase um século, no qual dedica mais de 40 anos ao ensino e quase 50 à literatura (Diogo, 2022), articulou suas ideias e talentos, a partir de um olhar atento à violência da escravidão. Ela foi uma das primeiras e mais importantes intelectuais negras brasileiras.

Edward Said (2005), ao debater sobre as representações do intelectual, destaca que uma de suas tarefas “reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” e, sendo assim, o intelectual é “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (Said, 2005, p. 10; 25).

No entanto, nem sempre se atribui e se reconhece a possibilidade de articular uma mensagem aleatoriamente. Segundo Said, uma das maiores descrições de intelectuais do século XX, promovida por Julien Benda, entende a intelectualidade a partir de um grupo seletivo de homens que não seriam numerosos, mas raros e, por isso, “marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos” (Said, 2005, p. 22). Nessa perspectiva, os homens intelectuais “Têm de ser indivíduos completos, dotados de personalidade poderosa e, sobretudo, têm de estar num estado de quase permanente oposição ao *status quo*” (Said, 2005, p. 22), reflexão na qual Benda nunca incluiu mulheres.

Para hooks (1995), intelectual não é somente uma pessoa que lida com ideias; “Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (hooks, 1995, p. 468). No entanto, ao pensar especificamente a mulher negra intelectual, bell hooks (1995) destaca que, embora haja o “testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra, em particular nas comunidades negras segregadas” (hooks, 1995, p. 467), pouco se fala sobre intelectuais negras e quase sempre se invocam imagens masculinas. Há uma invisibilização de seus trabalhos e sua intelectualidade é posta como suspeita.

Grada Kilomba (2019), a partir das obras de hooks, desenvolve os termos *margem* e *centro*, em que “estar na margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal”. Nesse sentido, estando à margem, mulheres negras e homens negros desenvolvem “uma maneira particular de ver a realidade: tanto ‘de fora para dentro’ quando de ‘dentro para fora’. Focamos nossa atenção tanto no centro quanto na margem, pois a nossa sobrevivência depende dessa consciência”. Assim, a margem se configuraria como um “espaço de abertura radical e criatividade, onde novos discursos se dão” (Kilomba, 2019, p. 67-68).

Essa perspectiva corrobora com a relação estabelecida por hooks (1995) entre o trabalho intelectual e as “políticas do cotidiano”. Segundo a autora, ela optou conscientemente por tornar-se uma intelectual por entender ser esse o trabalho que lhe permitiria entender sua realidade e o mundo à sua volta:

essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes (hooks, 1995, p. 466).

Sendo uma intelectual que se encontra na margem, olhando tanto “de fora para dentro” quanto de “dentro para fora”, a mulher negra, ao exercer sua intelectualidade, abre caminhos para novos discursos que são, segundo hooks, “uma parte necessária da luta pela libertação”.

Mirian Santos (2018), ao debater sobre as intelectuais negras brasileiras contemporâneas na prosa: Miriam Alves, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, ressalta como

esse entendimento de hooks se aproxima de análises da produção de mulheres negras brasileiras e do conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo. De acordo com Evaristo (2009):

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influenciou em minha subjetividade (Evaristo, 2009, p. 18).

Santos destaca que essa aproximação entre literatura e vida real ocasiona uma confusão entre ficção e realidade, ignorando as “nuances do fazer literário”. Desse modo, ela retoma Evaristo (2014), que alerta: “nenhum episódio pode ser lido tal como aconteceu; na escrita tudo se modificou. Quem conta um conto inventa um ponto e quem recria uma história a partir do real cria outra realidade para a história recriada” (Santos, 2018, p. 34). Isso também se articula com o entendimento de Cristiane Côrtes, que Santos traz ao seu debate:

A perspectiva da ‘escrevivência’ alcança uma dimensão cultural e política, mas sem recair nas armadilhas da literatura puramente engajada, preservando a potência da realidade social na ficção. É uma literatura que suplementa aquela habitual, não deseja golpeá-la, mas sabotá-la, repetir para transformá-la (Côrtes, 2016, p. 54 apud Santos, 2018, p. 35).

Escrevivência, segundo Evaristo (2020, p. 34), “nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência”.

Desse modo, a partir das reflexões de Said, hooks, Evaristo e Côrtes, Mirian Santos reflete sobre como “a escrita dessas mulheres negras aparece articulada com experiências

vividas, aspirando trazer para a discussão as experiências da população negra, que esteve à margem da literatura oficial” (Santos, 2018, p. 35) e, ainda:

essa aproximação entre trabalho intelectual e experiências vividas não abrange uma mera transposição de realidade ou de trocas de papéis entre personagens brancas e negras em suas representações. Essas narrativas, a partir da compreensão da realidade experiencializada pela população negra, trazem a dor, a falta e a violência no âmago da fruição (Santos, 2018, p. 35).

Trazendo esse debate para a maranhense Maria Firmina dos Reis, a escritora forma-se como uma intelectual “com ideias transgredindo fronteiras discursivas” (hooks, 1995). Assim, escrevendo a partir da *margem* (Kilomba, 2019), sem desvincular sua intelectualidade das *políticas do cotidiano* (hooks, 1995) e de suas *experiências vividas* (Evaristo, 2009), Firmina possibilita em sua escrita novos olhares para o cotidiano e a sociedade que a cercava, e a maneira como afetavam as pessoas negras que sofriam os horrores da escravidão.

Conceição Evaristo (2005), ao refletir sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira, inclui Maria Firmina dos Reis em um movimento de discurso literário próprio, que vai da sua representação à autorrepresentação na literatura:

Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como **sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira**. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida* (Evaristo, 2005, p. 54, grifo meu).

Juntamente com escritoras negras como Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Roseli Nascimento, dentre outras, Maria Firmina dos Reis, primeira romancista abolicionista brasileira, se insere nesse espaço de escritoras que instituem por meio da literatura “uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder” (Evaristo, 2005, p. 54). E Evaristo conclui:

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente

marcada pelo lugar sociocultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas (Evaristo, 2005, p. 54).

Da condição feminina e negra, nasce a inspiração para textos que desenharam “novos perfis na literatura brasileira”. No século XIX, Maria Firmina a partir de *Úrsula* começa a “semantizar um outro movimento”. E seu caminho de encontro com a literatura e de construção da sua intelectualidade começa a partir de suas raízes.

Filha de Leonor e neta de Engrácia, duas mulheres que foram escravizadas, Maria Firmina dedica à mãe seu livro de poemas, *Cantos à Beira-Mar* (1871), a quem atribui seu amor à literatura:

Este som, esta nota, são os meus cantos à beira-mar.
Ei-los! É uma coroa de perpétuas sobre a tua campa,
– é uma saudade infinda com que meu coração te segue
noite, e dia – é uma lágrima sentida, que dedico à tua
memória veneranda. Se alguma aceitação merecerem
meus pobres cantos, na minha província, ou fora dela –
se um acolhimento lisonjeiro lhes dispensar alguém;
oh! minha mãe! essa aceitação, esse acolhimento será
uma oferenda sagrada, – uma rosa desfolhada sobre
a tua sepultura!... Sim, minha mãe... que glória poderá
resultar-me das minhas poesias, que não vá refletir
sobre as tuas cinzas!?!...É a ti que devo o cultivo de
minha fraca inteligência– a ti, que despertaste em meu
peito o amor à literatura; – e que um dia me disseste:
Canta! Eis pois, minha mãe, o fruto dos teus desvelos
para comigo; – eis as minhas poesias– acolhe-as,
abençoa-as do fundo do teu sepulcro (REIS, 1871).

Seu caminho nas letras, assim, estava intimamente ligado às suas raízes. Antes de Byron, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Tomás Antônio Gonzaga, João Clímaco Lobato, Casimiro de Abreu e tantos outros escritores que aparecem em epígrafes e dedicatórias de seus poemas, é sua mãe quem desperta o seu amor à literatura e sua conexão com as palavras.

No entanto, para sua busca por conhecimento, foi preciso enfrentar muitos obstáculos. À época, o acesso das mulheres à escola era limitado e, conseqüentemente, “Quase a totalidade das mulheres brasileiras, ao final do século XIX, eram analfabetas” (Mendes, 2003, p. 65). Maria Firmina cursou a escola primária, porém não teve acesso à universidade nem pode seguir formalmente com seus estudos para se tornar professora. O curso de aperfeiçoamento para

alunos-mestres, a Escola Normal, que se iniciou em São Luís em 1840, não permitia mulheres (Gomes, 2022, p. 92).

Desse modo, a escritora “estudou por seus próprios meios para enfrentar o concurso de professora, que até então, não exigia certificado do curso secundário” (Gomes, 2022, p. 92), e foi aprovada no concurso público para professora de primeiras letras para meninas, de Guimarães em 1847, sendo a única professora concursada da cidade. Segundo Gomes (2022, p. 115), um ano antes de Maria Firmina se mudar de São Luís, em 1846, a Assembleia Legislativa do Maranhão registrava a matrícula de 1.453 alunos, dos quais 85,13% eram meninos e 14,86% eram meninas. O autor também expõe que, na década de 1860, em toda a província do Maranhão, “havia cerca de dois mil estudantes do sexo masculino e 400 do sexo feminino matriculados no curso primário” (Gomes, 2022, p. 116).

Nesse contexto, Maria Firmina dos Reis publica sua primeira obra, *Úrsula*, em 1860, sob o pseudônimo “*Uma Maranhense*”. A escritora optou por ocultar seu nome da capa de seu romance, assim como muitas escritoras daquele período – Nísia Floresta Augusta, Ana Luísa de Azevedo Castro, Amélia Rodrigues, Luísa Amélia de Queirós, Narcisa Amália (Mendes, 2012). Isso era, de acordo com Fernanda Miranda (2021):

uma estratégia através da qual mulheres escritoras sutilmente rompiam os limites impostos à sua presença no mundo público de circulação dos discursos, revelando, ao mesmo tempo, os condicionamentos históricos que lhes exigiriam uma espécie de ‘pedido de licença’ para publicar seus textos sem serem consideradas socialmente desajustadas (Miranda, 2021, p. 13).

Mesmo assinando a obra como “*Uma Maranhense*”, Maria Firmina compreendia que isso não era suficiente para evitar o desprezo e julgamento de sua obra. Assim, ela inicia o prólogo do romance com esta reflexão:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. **Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros**, e ainda assim o dou a lume.
Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. **Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira**, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018, p. 25, grifos meus).

Maria Firmina dos Reis possuía uma vasta cultura literária, o que é de se notar pela sua extensa produção escrita e referências que faz a diversos escritores em suas obras, como

citações a Byron, Herculano e Garrett em seus poemas e no seu *Álbum*, e, em *Úrsula*, nas citações que faz à mitologia grega e à obra *Paulo e Virgínia*, do escritor francês Bernardin de Saint Pierre.¹⁹ Além de seu repertório, constrói uma narrativa que possibilita diversas reflexões, que circundam a relação amorosa entre Úrsula e Tancredo, como sobre a sociedade escravista brasileira e a diáspora africana, ao humanizar os personagens negros. Porém, isso não seria o bastante para ser colocado em perspectiva, visto que era “uma mulher, e mulher brasileira”. E aqui ela expõe a articulação de opressões: não seria difícil somente por ser mulher, mas também por ser uma mulher *brasileira*.

No prólogo, Firmina se reserva por meio da modéstia, “*Mesquinho e humilde* livro é este que vos apresento, leitor”, atribuindo a si mesma um “cabedal intelectual quase nulo” e “educação acanhada”, tal qual comenta em outras de suas obras, como no poema à sua mãe: “É a ti que devo o cultivo de minha *fraca* inteligência”. Mas ao mesmo tempo o faz expressando sua consciência sobre as barreiras impostas à escrita de autoria feminina, “*Sei* que passará entre o *indiferentismo* glacial de uns e o *riso* mofador de outros”, e, de maneira corajosa, arrisca-se a publicar sua obra: “e ainda assim o dou a lume”.

À continuação, Maria Firmina expõe sua motivação para fazê-lo:

Então por que o publicas? Perguntará o leitor.

Como uma tentativa, e mais ainda, **por este amor materno** que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado. [...]

Mas ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afagado pelo carinho materno (Reis, 2018, p. 25, grifos meus).

Firmina compara sua posição perante a obra a uma relação de mãe e filho, como quem “gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado”. Maria Firmina, não só em *Úrsula*, mas em outras obras, expõe sua afeição pela literatura e escrita, inclusive sendo algo que vai perpassar toda a sua vida. Tempos depois, em 1975, sua filha Nhazinha Goulart, em entrevista a Nascimento Morais Filho, afirma que Maria Firmina “já velha, ainda, muitas vezes passava horas e horas escrevendo”. A escrita, pois, foi parte de sua vida.

¹⁹ Essas citações encontram-se nos seus escritos “Tributo de amizade”, “Meditação” e no *Álbum*. Além disso, no capítulo XIII de *Úrsula*, chamado *O cemitério de Santa Cruz*, Maria Firmina o inicia com uma citação ao escritor Bernardin de Saint-Pierre.

Além disso, trazer uma perspectiva materna como justificativa de publicação do romance é uma maneira de amenizar as possíveis reações do público perante sua autoria como mulher. Desse modo, a autora recorre “aos códigos sociais benquistos e esperados para o feminino no período oitocentista, solicitando a maternidade como metáfora para a criação” (Miranda, 2020, p. 65).

Neste prólogo, ela demonstra seu amor por seu livro e sua vontade de compartilhá-lo, assim como sua tentativa de inserir-se no meio literário. E conclui:

Deixai pois que a minha *Úrsula*, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d’arte, caminhe entre vós.
Não a desprezais, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, **que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho**, e venha a produzir cousa melhor, **ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras**, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós (Reis, 2018, p. 26, grifos meus).

A escritora, durante o prólogo, usa os verbos “não o abandoneis”, “deixai que caminhe”, “não a desprezeis”, “amparai-a”, como um pedido de incentivo ao leitor, a fim de que “com essa proteção cultive mais o seu engenho”. E pensa além: Maria Firmina reconhece o potencial de sua “tentativa”, para que sirva de *incentivo* para outras mulheres.

Ela entende as possíveis consequências negativas da publicação desse romance (“Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros”), os obstáculos que enfrentaria (“Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira”), bem como previa um possível desfecho positivo (“ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras”). Aparecem aqui indícios de seu projeto intelectual, ora indicado também no anúncio de subscrição de *Úrsula* em 1857.

Como exposto no capítulo 1 desta dissertação, três anos antes da publicação do romance, um anúncio sobre *Úrsula*, em formato de resenha, foi veiculado pelo jornal *A Imprensa*. Nele, Luciana Diogo (2021) destaca evidências de um projeto literário/intelectual de Maria Firmina:

[...] **Recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma**, a autora brasileira **tem procurado estudar os homens e as coisas**, e o fruto desses esforços de sua vontade é: — ÚRSULA — [...]

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. **A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o**

gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!... É um brado a favor da humanidade — desculpai-a... (*A Imprensa*, 17.10.1857, ano I, número 40, p. 3, grifos meus).

O anúncio demonstra que, “para o/a resenhista, Maria Firmina possuía um projeto intelectual/literário – ‘estudar o homem e as coisas’ – e identificava *Úrsula* como fruto da vontade da autora, ou seja, reconhecia a intencionalidade de Firmina nas escolhas dos métodos de composição artística que desenvolvia” (Diogo, 2021, p. 80). Os trechos “tem procurado estudar/ tem meditado/ tem escutado” corroboram com a perspectiva de que o romance *Úrsula* foi fruto de muito preparo e reflexão da escritora, o que também é exposto em seu prólogo.

É possível também perceber esse projeto literário/intelectual de Maria Firmina ser composto desde a escolha do gênero romance até a composição da narrativa e seus personagens.

O nacionalismo que acompanhou o Romantismo até o fim, segundo Candido, constituía-se sobretudo em escrever sobre coisas locais, razão pela qual se constituiu “a importância da narrativa ficcional em prosa, maneira mais acessível e atual de apresentar a realidade, oferecendo ao leitor maior dose de verossimilhança e, com isso, aproximando o texto da sua experiência pessoal” (Candido, 2002, p. 40). Desse modo, Firmina soube muito bem escolher o gênero de *Úrsula*, ao “avaliar o impacto da narrativa romanesca enquanto formação, se não de consciência, pelo menos de opinião” (Duarte, 2018b, p. 213).

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2018b), Maria Firmina:

Sabedora do impacto exercido nos leitores pela nova forma do romance – espécie de coqueluche literária da época –, a autora constrói um enredo folhetinesco para, uma vez fisgada a empatia do leitor, ir aos poucos introduzindo a crítica histórica e social. Assim, no entorno do núcleo central do enredo vivido pelos personagens brancos, introduz a fala do negro que perdeu sua liberdade, mas não a humanidade (Duarte, 2018b, p. 213).

Dessa maneira, no “entorno do núcleo central do enredo vivido pelos personagens brancos”, seu romance abordava elementos típicos da sociedade escravista brasileira, bem como humanizava os personagens negros da narrativa, décadas antes da abolição no país. Assim como as personagens negras são subjetivadas, o romance estabelece uma outra forma de pensar o homem branco, a mulher branca e a relação entre eles. Fernanda Miranda (2022, p. 235) afirma que *Úrsula*, no contexto do século XIX, “instaura uma nova maneira de imaginar”.

No prólogo, ao fazer o pedido ao leitor (“Não a desprezais, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa

proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras” (Reis, 2018, p. 26), Maria Firmina enuncia, aqui, dois movimentos “complementares e igualmente transgressores dentro de seu contexto histórico de enunciação: um assentado no presente da autora; outro lançando uma carta ao futuro” (Miranda, 2022, p. 235):

Quando Maria Firmina dos Reis salienta o desejo de que sua obra não seja desprezada para que sua existência material possa incentivar outras mulheres a produzirem a sua própria escrita, ela está partindo deste lugar de pioneirismo para manifestar sua ciência perante o funcionamento da circulação de textos (pensamento) – e de seu contrário, o soterramento – como ação. Dessa forma, ela inscreve ali mesmo no início do que depois se configurou como ‘sistema literário’, **a noção da engenharia do silenciamento como algo produzido. Passível, portanto, de ser transformado** (Miranda, 2022, p. 235, grifo meu).

Maria Firmina, “recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma”, para além dos temas que circundam a obra e da complexidade dos personagens, demonstra no prólogo do romance, entender as dinâmicas limitadoras como escritora naquele período, mas também os caminhos possíveis para transgredir essa realidade. Sua intelectualidade promovida durante anos de sua vida, também no âmbito educacional e político, começa a se consolidar no âmbito literário com a publicação de seu primeiro romance, *Úrsula*.

No prólogo do romance, a autora projeta uma intencionalidade para o futuro, de incentivar outras mulheres a seguir o caminho da escrita e publicação de suas obras – *ou quando menos sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras* (Reis, 2018, p. 26) –, um movimento que instaura mudanças no curso da literatura brasileira.

Inicia-se, a partir de *Úrsula*, a insurgência de um *corpus* de romances de autoras negras brasileiras, por meio do qual se pensa a pessoa negra por representações mais complexas (Miranda, 2020). Assim, *Úrsula* abre portas para:

Um corpus ficcional, do qual emerge um pensamento que nos atualiza acerca do conhecimento do passado, pois a memória é um chão comum nos romances, nos levando de volta à cena liminar da escravidão (*Úrsula*, 1859, de Maria Firmina dos Reis; *Negra Efigênia*, 1966, de Anajá Caetano; *Um defeito de cor*, 2006, de Ana Maria Gonçalves); à cena difusa do pós-abolição (*Água funda*, 1946, de Ruth Guimarães; *Diário de Bitita*, 1986, de Carolina Maria de Jesus; *Ponciá Vicêncio*, 2003, de Conceição Evaristo); à cena fractal do contemporâneo permeado de fantasmas do pretérito (*A mulher de Aleduma*, 1981, de Aline França; *As mulheres de Tijucoapo*, 1982, de Marilene Felinto). Estes textos articulam continuidades num nexos enunciativo que abrange quase três séculos de confronto às narrativas que moldam a face da

literatura brasileira sem dinamizar nela o seu princípio colonial (Miranda, 2020, p. 72).

Maria Firmina dos Reis, como afirma Miranda (2022, p. 235), “deve ser pensada como uma autora fundadora da literatura brasileira – ainda que seu nome tenha sido profundamente atravessado pelo silenciamento sistêmico (Miranda, 2019) que demarca a autoria negra no Brasil”. *Úrsula* é a primeira obra publicada pela autora, uma intelectual maranhense que delinea novas perspectivas na escrita para se pensar a pessoa negra.

2.2. *Úrsula*: romance original brasileiro

*Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano
tão recomendável pelas suas desditas! – O Escravo! –
A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes,
tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudosos, a recordação
de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...
É um brado a favor da humanidade, – desculpai-a...
(A Imprensa, 17 out 1857, n. 40. ano I, p. 3).*

Após o fim do século XVIII e a fase que precede à Independência, inicia-se na literatura brasileira um processo de construção de um posicionamento nativista e nacionalista, em que “o escritor começou a adquirir consciência de si mesmo, no Brasil, como cidadão, homem da *polis*, a quem incumbe difundir as luzes e trabalhar pela pátria” (Candido, 2006, p. 88).

No Romantismo elaboram-se então, a partir da visão da literatura brasileira como “ato de brasilidade”, elementos que possibilitassem a tentativa de distanciamento da metrópole, Portugal, em um esforço de fornecer “deste modo à sociedade do novo Brasil um temário nacionalista e sentimental, adequado às suas necessidades de autovalorização” (Candido, 2006, p. 92). Esses elementos se solidificaram, em especial, na natureza e em uma visão idealizada do indígena, como uma maneira de afirmação nacional do país recém-independente.

Havia nessa atmosfera de autovalorização, contudo, a contradição de reconhecer a formação do povo brasileiro a partir do apagamento do negro. Segundo Heloísa Toller Gomes (2020, p. 71), na construção dos mitos fundacionais, pensados como “aqueles que apresentam um tom celebratório, buscando legitimar a narrativa do progresso como um projeto coletivo, hegemônico”, o negro não teve nenhuma participação, nem como sujeito nem como objeto do discurso (Gomes, 2020, p. 73).

Conceição Evaristo (2009) destaca que, na construção do mito indianista, o Romantismo brasileiro possibilitou a “idealização de uma origem mestiça para os brasileiros como um dado constituidor de uma identidade nacional”, porém o fez desdenhando “o negro como antepassado mítico da nação” (Evaristo, 2009, p. 21). Duas obras fundamentais desse período, *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar, consagram o “caráter mestiço

da sociedade brasileira”, a partir do encontro entre portugueses e indígenas. Essa “louvação de uma mestiçagem indígena”, e consequente apagamento do negro, pelos românticos se construiu porque:

A presença do africano, e de sua descendência, como sujeito escravizado, era real, concreta e fazia parte do cotidiano do escritor, não só de José de Alencar, mas de outros escritores nascidos no seio de famílias donas de escravos. O conceito que o escritor tinha do africano não se distinguia do que era veiculado na época: o africano era só um corpo escravo (Evaristo, 2009, p. 21-22).

Dessa maneira, “era difícil, senão impossível, glorificar a instituição escravista” (Gomes, 2020, p. 73). E, ao decorrer do século XIX, esse apagamento torna-se uma visibilidade estereotipada. A imagem representada, então, era de “sensualidade, luxúria, comportamento bestial ou servil, ou então é representado com sentimento de piedade e comiseração diante da situação do cativo” (Mendes, 2012, p. 206).

A partir dessa visão formada em estereótipos, segundo Conceição Evaristo, é possível “ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores” (Evaristo, 2009, p. 22).

No entanto, no mesmo período, é possível perceber alguns escritores que começam a destoar dessa abordagem. Dentre Domingos Caldas Barbosa no século XVIII, Luiz Gama, Machado de Assis e Cruz e Sousa no século XIX, Maria Firmina dos Reis se une aos inícios de expressão da literatura afro-brasileira, como um “lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes” (Duarte, 2014, p. 11).

Maria Firmina dos Reis, assim, publica sua primeira obra, *Úrsula*, e esse romance adota um posicionamento:

diferente de Joaquim Manuel de Macedo, em *As vítimas algozes*, Bernardo Guimarães, em *A escrava Isaura*, Pinheiro Guimarães em *O comendador*, Francisco Gil Castelo Branco, em *Ataliba, o vaqueiro*. E mesmo as obras de Teixeira e Sousa, *Maria ou a Menina roubada* e José do Patrocínio, em *Mota Coqueiro*. *Úrsula* não tem a pretensão de ser uma bula abolicionista, mas, em se tratando de uma literatura emergente, o que deve ser principalmente privilegiado, é sua oportunidade (Mendes, 2012, p. 207).

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1860, em São Luís, no Maranhão. A escrita das relações escravistas, naquele período, chocava-se facilmente às próprias relações cotidianas, uma vez que “a escravidão no Maranhão, ao longo de todo o século XIX, foi mais do que uma questão social, ou de distinção, foi muitas vezes base de sustentação desta mesma sociedade” (Silva, 2013, p. 44).

O primeiro anúncio desse romance nos jornais maranhenses, em 1857, como exposto no primeiro capítulo desta dissertação, já indicava as possíveis barreiras e críticas que a autora poderia enfrentar, ao considerar-se o público-leitor que poderia ter:

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!... É um brado a favor da humanidade — desculpai-a... (*A Imprensa*, 17.10.1857, ano I, número 40, p. 3).

Não por acaso, o anúncio pede desculpas aos leitores pelo desenvolvimento dos personagens Túlio e Susana, pessoas que eram escravizadas, mas tinham alma, voz, sonhos e, sobretudo, o espaço na narrativa para expor a barbárie da escravidão, que os tomava a liberdade e seu direito de serem tratados como seres humanos. Por meio desses personagens, em especial de Túlio, a autora coloca o negro como “parâmetro de elevação moral. Tal postura inverte os valores da sociedade escravocrata e polemiza ainda com as teorias ‘científicas’ a respeito da ‘inferioridade natural’ dos africanos” (Duarte, 2018c, p. 227).

A obra, dividida em vinte capítulos, com um prólogo e um epílogo, narra a relação de amor entre Tancredo e Úrsula. Tancredo é salvo por Túlio, um homem escravizado que, apesar da tormenta de uma vida tomada e violentada, tem um coração generoso para salvar o cavaleiro à beira da morte. Isso possibilita o encontro de Tancredo e Úrsula, e o desenrolar de sua história de amor.

Túlio, um jovem com a “nobreza de um coração bem formado”, salva Tancredo, um “jovem cavaleiro melancólico”, que se acidentou pela queda de seu cavalo, exausto de uma longa jornada. Túlio era “infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista” (Reis, 2018, p. 32).

Túlio conduz Tancredo para a casa de Luísa B., a quem Túlio servia na condição de escravizado. O cavaleiro permanece aos cuidados de Úrsula, filha de Luísa B., e é a partir disso

que os dois se apaixonam. Úrsula é uma personagem que se enquadra nas narrativas ultrarromânticas do século XIX, o que se percebe pela sua descrição: “anjo”, “mimosa filha da floresta, flor educada da tranquilidade dos campos”; “peito cândido e descuidoso da virgem”; “faces cândidas e aveludadas” (Mendes, 2006, p. 71).

Em um delírio, Tancredo menciona o nome de Adelaide, seu primeiro amor. Após perceber a insegurança de Úrsula em relação ao seu passado, Tancredo narra à jovem toda a sua vida, sua relação com seu pai, sua mãe e Adelaide. Seu pai é descrito como um homem tirano, que mantém uma relação de opressor com sua esposa:

Não sei por quê, mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizar com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: **meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio e resignava-se com sublime brandura.**

Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso – minha mãe era uma santa e humilde mulher (Reis, 2018, p. 61, grifo meu).

Diferentemente de seu pai, Tancredo descreve a relação com sua mãe de maneira amorosa e nostálgica. Ele narra o incômodo que a afeição entre ele e sua mãe causava em seu pai, motivo pelo qual este o fez cursar Direito em São Paulo por seis anos, sem permitir visitas:

O desprazer de ver preferida a si a mulher que odiava, fez com que meu implacável pai me apartasse dela seis longos anos, não me permitindo uma só visita ao ninho paterno; e minha mãe finava-se de saudades; mas sofria a minha ausência, porque era a vontade de seu esposo. Mas eu voltava agora para o seu amor, e seus dias vinham a ser belos e cheios de doces esperanças (Reis, 2018, p. 61).

Depois de concluir o curso, Tancredo volta para casa e é surpreendido com a presença de Adelaide, que sua mãe introduz como uma órfã, filha de sua prima. Ele se apaixona por Adelaide, uma “encantadora donzela”, que pede em noivado. No entanto, seu pai empenha-se em uma estratégia para afastar o filho de casa e, em sua ausência, casar-se com sua noiva. Ela, que era uma moça pobre, foi inicialmente rejeitada como sua nora, mas o pai de Tancredo, aproveitando-se dessa armação, leva à morte a mulher com quem era casado, e se casa-se com Adelaide, na ausência de Tancredo.

Após essa narração de sua vida, Tancredo diz a Úrsula: “Eis, Úrsula, a fiel narração da minha vida, eis os meus primeiros amores; o resto toca-vos. Fazei-me venturoso. Oh! Em vossas

mãos está a minha sorte” (Reis, 2018, p. 85). Os dois reconhecem o amor um pelo outro e, pouco a pouco na narrativa, Tancredo começa a inserir-se nos problemas familiares da jovem.

Luísa B., mãe de Úrsula, tem uma relação atribulada com seu irmão, o comendador Fernando P., que não aceitava seu casamento. Ela é uma mulher que sofreu e teve sua fortuna arruinada pelo falecido marido: “Paulo B... não soube compreender a grandeza de meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões” (Reis, 2018, p. 93). Depois de ser acometida por paralisia, Luísa vive os dias de sua vida aos cuidados de sua filha:

Ninguém, a não ser eu, sentiu a morte de meu esposo. A justiça adormeceu sobre o fato, e eu, pobre mulher, chorei a orfandade de minha filha, que apenas saía do berço, sem uma esperança, sem um arrimo, e alguns meses depois, veio a paralisia – essa meia-morte – roubar-me o movimento e tirar-me o gozo ao menos de seguir os primeiros passos desta menina, que o céu me confiou (Reis, 2018, p. 93-94).

Ela aceita e abençoa a relação entre sua filha e Tancredo, porém estes dois começam a ser perseguidos pelo tio de Úrsula, o comendador Fernando, que se apaixona pela sobrinha. A voz narrativa o descreve como um homem “odioso e temível aos seus escravos”, que cultivava um “amor violento e libidinoso” perante Úrsula (Reis, 2018, p. 121). No romance, “há um paralelismo entre a perversidade do tio de Úrsula e o pai de seu amado, Tancredo” (Lobo, 2021, p. 88).

Em uma visita, Fernando confessa a sua irmã Luísa que é o assassino de seu marido e que pretende casar-se com a sobrinha no dia seguinte. Luísa, desesperada e nos últimos suspiros de vida, fala para sua filha:

– Úrsula, minha filha, teme a cólera de Fernando; mas sobretudo teme e repele seu amor desenfreado e libidinoso.
Meu Deus! Perdoai-me, se peço nisto...
Aconselho-te... que fujas...
Foge... minha... fi...lha! Fo...ge!...
Foram suas últimas palavras, a custo arrancadas e entrecortadas pela morte (Reis, 2018, p. 126).

Luísa B. falece e sua filha, Úrsula, foge do tio enfurecido. Começa, assim, uma perseguição desenfreada empreendida por Fernando, que não aceita a rejeição de Úrsula:

– Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei?!... Muito ódio tive ao homem que foi teu pai:

ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito. Odiei-lhe as cinzas; sim, odiei-as até hoje; mas triunfaste do meu coração; confesso-me vencido, amo-te! Humilhei-me ante uma criança, que desdenhou-me e parece detestarme! Hás de amar-me. Humilhado pedi-te o teu afeto. Maldição! Paulo B..., estás vingado!

Tua filha oprime-me com seu indiferentismo, e esmaga-me com o seu desprezo, como se me conhecesse!

Mulher altiva, hás de pertencer-me, ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito (Reis, 2018, p. 114).

Essa obsessão do comendador por Úrsula culmina na captura de Susana e Túlio, que são assassinados por ele, bem como Tancredo, que é assassinado à porta da igreja, no dia de seu casamento. Úrsula é levada por Fernando, porém, após todo esse sofrimento, enlouquece e adocece, vivendo o restante de seus dias sofrendo com as lembranças de seu amado Tancredo e de sua mãe.

Em meio a percalços na jornada de Úrsula e Tancredo, e sua fuga, a autora desenvolve na obra um posicionamento perante a escravidão, em especial por meio dos personagens Túlio e Susana. Nesse sentido, o romance *Úrsula* é composto de dois eixos narrativos.

De acordo com Fernanda Miranda, há um eixo central, que conduz a narrativa:

O eixo central é articulado dentro do perfil caracteristicamente romântico – descrições emocionadas da natureza, silhuetas góticas, sistema de amor irrealizável, moralidade e ética cristã – e se desenvolve por meio do casal Úrsula e Tancredo e dos obstáculos que perpassam o roteiro trágico de impedimento do amor. A tradição romântica é inclusive citada literalmente, pela menção a *Paulo e Virgínia* (Miranda, 2019, p. 66).

Esse eixo central perpassa a história de amor entre Úrsula e Tancredo, e seus desdobramentos, em uma linha romântica. Essa menção a *Paulo e Virgínia* (1787), obra de Bernardin de Saint-Pierre, ocorre no capítulo XIII, *O cemitério de Santa Cruz*: “Era uma dessas tardes, que parecem resumir em si quanto de belo, de luxuriante, e de poético ostenta o firmamento no Equador; era uma dessas tardes que só Bernardin de Saint-Pierre soube pintar no delicioso *Paulo e Virgínia*, que deleita a alma [...]” (Reis, 2018, p. 127).

Nesse romance pré-romântico de Saint-Pierre, Luiza Lobo (2021, p. 88) expõe que há “a impossibilidade da concretização amorosa, uma vez que, no contexto moral da época, a noiva deve morrer pura e virgem, como Virgínia ou Ofélia”. Além disso, assim como em *Paulo e Virgínia*, Maria Firmina:

exalta, em *Úrsula*, a natureza equatoriana do Maranhão, lançando mão de um vocabulário lírico, romântico e até elegíaco, enquanto o contrasta com cenas caras ao gótico romântico, como a descrição da alameda de ciprestes que leva ao cemitério de Santa Cruz, onde Úrsula vai chorar sobre a lápide do túmulo da mãe, Luiza B. (Lobo, 2021, p. 81).

Em meio a esse eixo central, Miranda (2019, p. 66) ressalta um segundo eixo narrativo, que contém um texto “de potência, singularidade e dissolução”. Nele, as personagens negras Túlio e Susana são humanizadas e falam por si a partir de um contexto de escravização, e paralelamente há uma voz narrativa que condena a violência empreendida pelos “bárbaros” senhores, na “odiosa cadeia da escravidão” (Reis, 2018, p. 32).

Esses dois eixos narrativos, segundo Miranda, são característicos dos romances da época, em que o eixo central encobre os aspectos sociais envolvidos no segundo eixo:

De acordo com Roberto Reis esse duplo eixo narrativo é característico do romance na época: ‘haveria, na ficção do século XIX em geral uma antecena e um fundo de cena, constituindo como que dois níveis espaciais dentro da narrativa’ (REIS, 1987, p. 21). O primeiro plano, visível, encobre o segundo, onde latejam aspectos do social. ‘A maioria dos romances brasileiros do período elege uma intriga amorosa como mola propulsora do enredo, em compasso com a estética romântica’ (REIS, 1987, p. 21). Tal intriga acaba exercendo uma função de mascaramento dos aspectos sociais trabalhados nos bastidores das ficções. No caso do romance de Maria Firmina dos Reis segue-se a mesma estrutura dupla, embora a intriga amorosa esteja no centro, ela não é maior que a intriga social elaborada na margem da obra (Miranda, 2019, p. 66-67).

Nesse sentido, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, desenvolve a “intriga amorosa” no eixo central da narrativa, de forma que não oculta a “intriga social” elaborada no segundo eixo. Assim, a autora constrói uma narrativa que possibilita diversas reflexões, que circundam a relação amorosa entre Úrsula e Tancredo, como sobre a sociedade escravista brasileira e a diáspora africana, ao humanizar os personagens negros.

Partindo da *margem* do romance, essas personagens reconfiguram o *centro*:

Em síntese, Túlio e Susana não são os protagonistas do *centro* do texto e sim, da *margem* – da potência desse lugar suas vozes instituem sentidos que reconfiguram o centro, conduzem o/a leitor/a numa experiência que amplia seu repertório cognitivo, pois fundam um universo representativo que parte da experiência diaspórica para inscrever o negro como sujeito, recompondo, nesse ato, também outra subjetividade ao branco (Miranda, 2019, p. 67).

A margem surge, também no romance, como esse “espaço de abertura radical e criatividade, onde novos discursos se dão” (Kilomba, 2019, p. 67-68). Assim, Maria Firmina expressa um posicionamento abolicionista, inscrevendo, especialmente em Túlio e Susana, o negro como *sujeito*.

Túlio: uma alma generosa

A narrativa inicia-se com o acidente de Tancredo, em uma “das nossas melhores e mais ricas províncias do norte” (Reis, 2018, p. 29). Exausto de uma longa jornada, o cavalo de Tancredo cai, o que por consequência comprime o pé direito do cavaleiro e o faz desmaiar, devido ao impacto da queda. Naquele momento, era muito improvável que alguém passasse por aquela região, cercada por currais de gado, “tão desertos a essa hora matutina”, porém, um homem de “coração piedoso” (Reis, 2018, p. 31), chamado Túlio, que estava buscando água, interrompe sua busca para socorrer o cavaleiro. Sobre esse homem:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde – dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!... (Reis, 2018, p. 32)

Esse momento da narrativa, inserido no primeiro capítulo, revela já no início da obra, um posicionamento antiescravista. Isso se constrói desde o nome do capítulo – *Dois almas generosas* – até a descrição do jovem Túlio. Em uma realidade que o desumaniza a fim de explorá-lo, a humanidade de Túlio é reconhecida. Ele não é uma mercadoria, uma coisa; é antes de tudo um *homem* de *alma* generosa. Essa descrição “contém um *a priori* fundamental, que consiste em restituir ao negro sua condição de Humanidade – uma categoria filosófica e política que ainda hoje não engloba a totalidade da população no mundo, e que era altamente excludente e restritiva no contexto do século XIX” (Miranda, 2019, p. 72).

O personagem é desenvolvido como um homem ligado à *odiosa* cadeia da escravidão, de *alma* generosa e *coração* bem formado, que demonstra *piedoso* interesse em ajudar o cavaleiro ferido. Como Régia Agostinho da Silva (2013) observa, Túlio era uma vítima da escravidão, “porém nunca um algoz de brancos, por isso, seu coração nobre permanecia” (Silva, 2013, p. 136). Além disso, seu sofrimento diante de sua situação cruel também é reconhecido:

Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!...
Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível

injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!

É o mísero sofria: porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena que se lhe ofereceu à vista (Reis, 2018, p. 32).

Em um contexto escravocrata que os animalizava e negava seu direito de viver, ser e sentir, em *Úrsula* se evidencia a atrocidade da escravidão, uma *repreensível injustiça*. A obra expõe a dor de ser retirado à força de seu país, lugar onde se “era livre”, e ser submetido a barbaridades e violências. Túlio, desumanizado, sofre: “coitado do escravo!”, porém sua “amargurada dor” não o impede de socorrer Tancredo. Por meio desse personagem, há a tentativa de colocar a pessoa escravizada em igualdade perante as pessoas brancas livres: “aquele que é seu *irmão*”; “deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu *semelhante*”. Túlio é, antes de tudo, ser humano.

Ao dizer que a nação escraviza e oprime aquele que é semelhante e “que também era livre no seu país”:

[...] a voz narrativa interroga a nação escravocrata: como poderia o Brasil querer-se nação livre e autônoma, enquanto escravizava alguém igual e que também vivia livre em seu próprio país? A passagem denota o paradoxo de uma nação que se imaginava soberana, mas cuja autonomia estava baseada na subalternização de sujeitos igualmente originários de contextos com organização própria (Miranda, 2019, p. 76).

Quando finalmente consegue despertar, Tancredo reconhece a bondade de Túlio e afirma: “Pudera todos os corações assemelharem-se ao teu” (Reis, 2018, p. 33), em um momento no qual a voz narrativa destaca que “duas almas mutuamente se falaram”. Contudo, Túlio pede desculpas ao cavaleiro e segue esperando outras perguntas, com o olhar inclinado para o chão. Para ele, não parece possível colocar-se na posição de salvador, visto que seu lugar de escravizado não o permite. A voz narrativa interpreta seu comportamento como uma consequência da sua condição imposta de subalternidade. Túlio era “fiel ao humilde hábito de escravo”, com o “acanhamento que a escravidão gera” (Reis, 2018, p. 33). Ou seja, embora o encontro dos dois personagens fosse narrado como o encontro de duas almas, duas pessoas, dois homens de sentimentos nobres e generosos, a dinâmica escravista não permite a Túlio sua humanização e o condiciona à inferioridade e à obediência.

Por isso, as pequenas demonstrações de agradecimento de Tancredo assustam Túlio. Ele não sabe como reagir a atitudes que desviem do padrão violento ao qual era submetido como escravizado:

Apesar da febre, que despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e a expressão do escravo, e os serviços que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiavam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: **por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão o mancebo, arrancando a luva que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara.** Mas este, confundido e perplexo, religiosamente ajoelhando, tomou respeitoso e reconhecido essa alva mão, que o mais elevado requinte de delicadeza lhe oferecia, e com humildade tocante, extasiado, beijou-a. (Reis, 2018, p. 34, grifo meu).

Tancredo estende a mão para cumprimentar Túlio. “Essa é a primeira cena da literatura brasileira em que um homem branco tira a luva e oferece a mão ao aperto do escravo” (Miranda, 2020, p. 68). No entanto, ele se mostra “confundido e perplexo” (Reis, 2018, p. 34) e, enquanto Tancredo se dirige a Túlio como “amigo”, este o chama de “senhor”. Assim, quando o cavaleiro o pergunta sobre sua condição, Túlio lhe responde:

– A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis de amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é sua sorte, que... (Reis, 2018, p. 35)

A voz narrativa humaniza Túlio e destaca suas qualidades, construídas com base em ideais cristãos – “Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admirável, tão cheia de *unção* e de *caridoso* desvelo! E ele continuava sua obra de *piedade*” (Reis, 2018, p. 32) –, assim como Tancredo. A autora utiliza “o discurso judaico-cristão a fim de condenar o escravismo” (Duarte, 2013, p. 149). O cavaleiro acredita em um futuro melhor para Túlio, porque “*Deus* não desdenha aquele que ama ao seu próximo”, e amaldiçoa os homens brancos que escravizam:

– Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosseguiu – tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! (Reis, 2018, p. 36)

Paralelamente a essa humanização de Túlio, a voz narrativa, assim como o próprio personagem, compreende os limites já traçados pela sua realidade. Túlio é um ser humano, sensível e caridoso, seu “sangue ardente” herdado de seus pais se revolta, mas há uma barreira: “[...] embalde – dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!” (Reis, 2018, p. 32). Túlio teve sua liberdade roubada e, com ela, sua identidade. Ele vive em sofrimento e encontra, nas palavras de Tancredo, o mínimo da humanidade que lhe é negada:

– Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quantos nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelha a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão.

[...]

E o negro dizia uma verdade: era o primeiro branco que tão doces palavras lhe havia dirigido; e sua alma, ávida de uma outra alma que a compreendesse, transbordava agora de felicidade e de reconhecimento.

Pobre Túlio! (Reis, 2018, p. 36)

No capítulo seguinte, *O delírio*, depois que Túlio leva Tancredo à casa de Luísa B., para estar aos cuidados de Úrsula, o cavaleiro começa a delirar e a lembrar de seu amor por Adelaide. Porém, enquanto Tancredo delira com memórias de seu relacionamento, Túlio também “delira”, mas com memórias nunca vividas, de liberdade. Ele fala do sofrimento do africano, que é obrigado a sair de sua verdadeira pátria, a África:

– Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam: – escravidão?!... E entretanto esse também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera e onde livre vivera! Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonho em que se engolfar, e a realidade opressora lhe aparece – é escravo e escravo em terra estranha! Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte, a tamareira – foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento, como ilha movediça; porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! Ela, não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ela na vida por laços estreitos e misteriosos (Reis, 2018, p. 44).

As barreiras que o inferiorizam e o maltratam não conseguem impedi-lo de sonhar com seu verdadeiro lar e no que poderia ter vivido. Ouvir as vozes dos pais, sentir o vento, abrigar-se nas tamareiras... “A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!”. Túlio sonha, pensa, reflexiona, questiona, o que o humaniza e demonstra “o caráter profundo do personagem e a subjetividade que a autora lhe emprega” (Miranda, 2021, p. 188).

A África narrada, como desenvolve Silva (2013, p. 136), “embora idealizada, era uma África que continha nobreza e liberdade; era uma África mãe, que vira roubados seus filhos para a escravidão no novo mundo”. No entanto, a mente, que pode ser livre, sofre com a realidade do corpo. Ao mesmo tempo, sua alma é livre, mas se encontra presa a um corpo que vive o desprezo e a violência das pessoas brancas que escravizam e oprimem seu povo. Por isso, a maneira de Túlio retribuir o primeiro e único contato minimamente respeitoso com aquele que seria seu “senhor” é servindo.

Após esse episódio e sua gradual recuperação, Túlio consegue comprar sua alforria e obter “pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes” (Reis, 2018, p. 47). Túlio compra o que já deveria se considerar seu, tal qual “*todos os viventes*”. Com isso, Túlio passa a servir a Tancredo com proteção e lealdade, uma vez que “sua gratidão não conhecia limites” (Reis, 2018, p. 48). Ele decide deixar todos de seu convívio para trás, a fim de segui-lo, em nome de sua gratidão e “ampla liberdade”. Para ele, era preciso acompanhá-lo e “provar-lhe até a morte” seu reconhecimento (Reis, 2018, p. 101).

A narrativa expõe, contudo, a fragilidade de sua liberdade, a qual Túlio julgava ser ampla. Depois de vários desdobramentos da trama, nos capítulos finais do romance, perante o confronto com o comendador Fernando, Túlio se vê obrigado e coagido a servi-lo. Para Fernando, ele continua sendo um “vil escravo” e por isso o questiona: “– Queres tu servir-me?” (Reis, 2018, p. 163). Essa indagação “revela a fragilidade da condição do alforriado, que poderia voltar a ser escravizado a depender das circunstâncias” (Miranda, 2021, p. 232). A alforria de Túlio não é suficiente para mudar sua realidade, que permanece moldada nos limites servis impostos pela escravidão.

Quando, no capítulo XIV, *O regresso*, Túlio e Tancredo percorrem o caminho para chegar a Úrsula, passam pelo sítio de Santa Cruz, fazenda do comendador Fernando P., lugar que desperta em Túlio memórias dolorosas. Ele relata que era seu lugar de nascimento e onde foi separado de sua mãe:

– Se os habitei, perguntais? Ah! Este é o lugar do meu nascimento; mas que eu detesto, que eu amaldiçoo do fundo de minha alma; porque aqui minha pobre mãe, à força de tratos os mais bárbaros, acabou seus míseros dias! (Reis, 2018, p. 137).

Como Luiza B. tinha uma afeição pela mãe de Túlio, o comendador descontava nela o ódio que nutria por sua irmã. Ele comprou as dívidas do falecido marido de Luísa e, assim, forçou a separação entre Túlio e sua mãe:

– Pois bem – prosseguiu Túlio, com a voz lagrimosa – minha desgraçada mãe fez parte *daquilo* que ele comprou aos credores, e talvez fosse ela mesma uma das *coisas* que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana, que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje! (Reis, 2018, p. 137)

Aqui, as palavras “daquilo” e “coisas” são destacadas em itálico por Maria Firmina. Mais uma vez, “esse é um recurso que traduz a denúncia da autora à condição de objeto a que pessoas negras eram relegadas no regime escravocrata” (Miranda, 2021, p. 194). Assim como se vê no relato da personagem Susana, Maria Firmina retrata a maternidade das mulheres escravizadas e suas dores ao serem obrigadas a se separar de seus filhos – o que também se expressa no conto *A Escrava*, outra obra da escritora. A mãe de Túlio o deixa aos cuidados de Susana e os dois sofrem com a separação:

Minha mãe previa a sorte, que a aguardava; abraçou-me sufocada em pranto, e saiu correndo como uma louca.
Ah! **Quão grande era a dor que a consumia!** Porque era escrava submeteu-se à lei que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada (Reis, 2018, p. 138, grifo meu).

Atendendo à súplica da mãe, Susana cria Túlio como seu filho, e ele aos poucos “adormece em seu peito” a saudade de sua mãe, uma vez que não tinham permissão de se encontrar. Depois de um tempo, já mais velho, Túlio recebe a notícia do falecimento de sua mãe, que muito sofreu as violências do comendador:

Eu estava já crescendo; mas nunca mais a havia visto; era-nos proibida qualquer entrevista. Um dia, disseram-me: – Túlio, tua mãe morreu!
Ah! Senhor! Que triste coisa é a escravidão! (Reis, 2018, p. 138, grifo meu)

Ele sofre com a recordação de sua mãe e “seus afagos”. A ela foi negado o direito de matinar, visto que “era escrava submeteu-se à lei que lhe impunham” (Reis, 2018, p. 138), e Túlio carrega memórias dessa cruel separação e da tormenta vivida por sua mãe.

Túlio é vítima de um sistema escravocrata que o desumaniza, mas é um personagem construído em complexidade; é, antes de tudo, um *sujeito* de coração nobre. A sua mente, que não pode ser escravizada – “A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!” –, recorre a contornos de uma África livre, porém imaginada, à qual ele não teve acesso. A mente não consegue suficientemente ser fuga para o corpo preso em uma nação que o lê como mercadoria. Ele, mesmo em ‘liberdade’, sofre com uma vida tomada pela violência e sofrimento.

Susana e a liberdade

Após Tancredo restabelecer sua saúde, ele e Túlio se organizam para partir. Em meio às despedidas, no início do capítulo IX do romance, a personagem Susana é introduzida. Ela é uma mulher negra escravizada que serve à família de Luísa B. e é uma mãe para Túlio:

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que...

Susana, chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs (Reis, 2018, p. 99).

Susana questiona os motivos de Túlio seguir Tancredo:

[...] Meu filho, acho bom que não te vás. **Que te adianta trocares um cativo por outro!** E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te (Reis, 2018, p. 101, grifo meu).

Túlio acreditava que sua gratidão não deveria ter limites e que estava trocando “escravidão por liberdade, por ampla liberdade” (Reis, 2018, p. 101). Nesse momento, Susana contesta o significado de liberdade – “Tu! Tu livre? Ah não me iludas!” – e Túlio rebate, com a afirmação de que:

– Iludi-la! – Respondeu ele, rindo-se de felicidade – e para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria (Reis, 2018, p. 101).

A partir daqui, a voz narrativa, que antes se referia à Susana somente como “velha” ou “mulher escrava”, passa a chamá-la de *africana*. Ela sente o peso das palavras de Túlio, especialmente quando este fala sobre liberdade e evoca o passado de Susana: “livre como o éreis na vossa pátria”. Segundo Fernanda Miranda (2021, p. 134), “considerando que o Brasil se constituiu como nação a partir da escravidão, Túlio só encontra parâmetros para dimensionar sua liberdade em referenciais da natureza e da África, pátria de Susana”.

Conceição Evaristo (2021), ao analisar a personagem, destaca a figura de Susana como a dos contadores de histórias pertencentes às culturas tradicionais africanas. Dessa maneira:

Contar e cantar essa terra distante talvez se constituíssem como alguns dos poucos momentos em que os corpos escravizados pudessem extravasar seus cansaços e suas dores. O banzo dos antigos, o intenso desejo de retorno à terra que os vira nascer, inoculava, nos mais novos, anseios de partir em busca de um território, que por herança lhes pertencia (Evaristo, 2021, p. 279).

Assim, Túlio tem sua referência do que considera liberdade a partir das memórias de Susana em sua “pátria”. Ouvindo os relatos sobre a *terra original*, “os que já haviam nascido fora do torrão africano aprendiam a desejar o solo distante, como se seus umbigos também tivessem sido enterrados em alguma parte do continente expatriado” (Evaristo, 2021, p. 279).

Susana sofre com as palavras de Túlio, que despertam recordações de sua vida em seu país e relata para o jovem, de maneira sensível, o que verdadeiramente considera ser livre. Ela sente saudades de seu lar, da “paz no coração”, de seu marido e de sua filha:

– Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – Continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em que me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas feições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! **Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade!** (Reis, 2018, p. 101-102, grifo meu)

A voz narrativa destaca o sofrimento da personagem: “Estava extenuada de aflição, a dor era-lhe viva, e assoberbava-lhe o coração” (Reis, 2018, p. 102). Susana foi afastada de sua casa e de sua família pelos *bárbaros*, e vive em sofrimento. Como destaca Fernanda Miranda (2021, p. 135-136), “a inversão de significados impressa na nomeação dos europeus escravizadores como bárbaros, em uma época na qual africanos eram vistos pelo Ocidente como

selvagens, amplia a dimensão transgressora e abolicionista da obra”. A escolha do termo “bárbaros” coloca em evidência a crueldade dos verdadeiros responsáveis pela sua dor.

Em seguida ao relato de sua vida em liberdade, como *ser humano*, antes do cativo, Susana narra a Túlio o momento em que foi sequestrada:

[...] E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituísse a liberdade: os bárbaros sorriam das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (Reis, 2018, p. 103)

Os “bárbaros”, *sem compaixão*, instituíram-lhe forçadamente uma vida de servidão. Ela, agora idosa, sente a dor da perda. Susana foi afastada do que mais amava, sua filha, seu esposo, sua mãe, e agora só tem memórias do que significava a liberdade. Foi-lhe negado o direito de humanidade, de amor, de liberdade, de maternidade. A autora, por meio do relato de Susana, põe em evidência o sofrimento das mulheres escravizadas que eram *mães* e foram forçadamente separadas de seus filhos.

Segundo Conceição Evaristo, no já citado ensaio, *Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira* (2005), quando se estabelece a questão da identidade e da diferença como atos de criação linguística, a literatura “surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos”. Nesse sentido, Evaristo observa como a literatura brasileira, de seus primórdios à contemporaneidade, representa negativamente a mulher negra. Institui-se uma diferença negativa, em que seu espaço é de “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2005, p. 52).

Em uma leitura profunda da literatura brasileira, Evaristo percebe a ausência de representação da mulher negra como mãe:

Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e portanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua

conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais (Evaristo, 2005, p. 53).

De acordo com Evaristo (2005, p. 54), assim, essa não representação materna da mulher negra na literatura brasileira, que ignora seu papel na formação da cultura nacional, corrobora com o entendimento de Sueli Carneiro (2003): “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”. Desse modo, essas personagens são representadas como “infecundas”, caracterizadas por uma “sexualidade perigosa” e por uma “ingênua conduta sexual”.

No entanto, Evaristo (2005, p. 54) destaca a existência de um discurso que pretende “rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura”, que vem a partir da própria autoria dessas mulheres, que deixam de ser “o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira”.

Em *Úrsula*, as mulheres negras, Susana e a mãe de Túlio, são mães que sofrem pela separação forçada de seus filhos. Em condição de escravização, essas mulheres tiveram muitos direitos violados, e sentem a profunda dor de não seguirem juntas de seus filhos. A personagem Susana, que foi escravizada em grande parte de sua vida, recorda o momento em que não o era, e vivia com sua família, com sua filha: “uma filha querida, em que me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura” (Reis, 2018, p. 102).

Maria Firmina, segundo Fernanda Miranda (2019, p. 82), traz a partir da personagem Susana a “inscrição da mulher negra como demiurga de um novo mundo”.

[...] como mãe, Susana molda o caráter de Túlio, que é o parâmetro moral donde emerge um conceito de humanidade no qual Tancredo se reconhece. Detentora de um arquivo de experiência, de conhecimento, e de memória, sua voz em primeira pessoa irrompe o silenciamento inerente e necessário para a manutenção do sistema colonial (Miranda, 2019, p. 82).

Após relatar sua vida antes de sua captura, Susana segue seu relato a Túlio, expondo os horrores de sua travessia pelo Atlântico no navio negreiro rumo ao Brasil, juntamente com outros africanos escravizados:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte.

Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozejar. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades.

Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam (Reis, 2018, p. 103).

Susana narra as atrocidades cometidas pelos escravizadores no navio, que os tratavam como “mercadoria humana”, submetidos a incontáveis violências. A autora nesse diálogo, e em muitos outros ao longo do romance, destaca em itálico termos como “amarrados” e “mercadoria humana”, a fim de pôr em evidência as atrocidades da escravidão, o que é, como em outros momentos da narrativa, “um recurso que traduz a denúncia da autora à condição de objeto a que as pessoas negras eram relegadas no regime escravocrata” (Miranda, 2021, p. 194).

Maria Firmina, por meio da personagem Susana, apresenta um relato da travessia desumana em um navio negreiro, anos antes do que ficaria marcado na literatura brasileira por Castro Alves. Esse trecho da obra “enuncia pela primeira vez em português e **em primeira pessoa** a violência da captura, o horror da travessia atlântica no navio negreiro e a transformação da condição de pessoa a escravizado. Trata-se de uma enunciação histórica sem paralelo no século XIX, que, inclusive empresta à obra romântica um acento realista” (Miranda, 2021, p. 136, grifo meu). E é a primeira vez na literatura brasileira que aparece a travessia no navio negreiro a partir do ponto de vista de quem foi capturado e escravizado (Miranda, 2019).

Susana sobrevive à barbárie no navio negreiro e é escolhida pelo comendador P.:

O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P... derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma

obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se davam a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça (Reis, 2018, p. 103-104).

Ela conta a Túlio os horrores que presenciou acontecer aos seus “irmãos” e a que foi submetida. Não há conforto para tamanha desumanidade. E ela termina: “[...] a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – Meu marido, minha filha, minha terra... minha liberdade...” (Reis, 2018, p. 104).

Esse momento de resgate da memória de sua pátria, do país de suas “feições” antes da escravização, aproxima-se do que também surge pelo personagem Antero. Ele aparece brevemente na narrativa, no capítulo XVIII, *A dedicação*. Ele é um homem negro escravizado que serve ao comendador P.: “Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas” (Reis, 2018, p. 165).

Em meio à perseguição que o comendador empreende para encontrar Úrsula, ele captura Túlio e ordena que o prendam sob a guarda de Antero. Nesse momento de contato entre os dois, Antero rememora sua vida antes de ser escravizado:

– Pois ouça-me, senhor conselheiro: **na minha terra** há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira (Reis, 2018, p. 167, grifo meu).

Trazendo o contexto da festa do fetiche, Antero cita o vinho de palmeira, que, de acordo com Miranda (2021, p. 239), é também conhecido como vinho de palma ou vinho de dendê, e é “comum em muitas culturas africanas, principalmente em contextos de festas tradicionais e celebrações”.

Maria Firmina desenvolve, em seu romance *Úrsula*, personagens negros que pensam, refletem e sentem os pesares de uma realidade que os desumaniza. Susana expressa o sofrimento de uma mulher negra que foi escravizada e separada de tudo e todos que amava. Uma mãe que sente falta de sua filha. Firmina “torna visível para os leitores do século XIX a existência de uma mulher negra que tinha vida própria até o dia em que os europeus romperam a linha de continuidade de sua trajetória e trouxeram-na para o território brasileiro, onde deixou de ser pessoa e passou a ser escrava” (Miranda, 2019, p. 80).

Em seu relato a Túlío, vê-se uma mulher que viveu a liberdade: “no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país” (Reis, 2018, p. 101), porém agora sofre com as memórias do que foi obrigada a deixar para trás.

O resgate dessas memórias por Susana é algo tão impactante para a literatura e história brasileira que, como afirma Fernanda Miranda (2022, p. 241), “só poderia corresponder à insurgência da voz de uma autora negra, isto é, alguém cuja experiência escapa aos matizes de privilégio social definidores da branquitude nacional”, como era Maria Firmina dos Reis.

Fernando P.: o bárbaro senhor

A primeira menção ao comendador Fernando P. aparece no capítulo VIII, chamado *Luísa B...*, em que Tancredo vai despedir-se de Luísa. Nessa conversa, a mãe de Úrsula menciona o nome do irmão:

– O comendador P...? – Exclamou o moço admirado – ele é vosso irmão?...
– Sim, senhor – tornou-lhe a mãe de Úrsula, – e um desvelado irmão foi ele. Conheceis-lo talvez pela sua reputação de fereza de ânimo; mas esse homem tão implacável como o vedes, era um terno e carinhoso irmão. Amou-me na infância com tanto extremo e carinho que o enobreciam os olhos de meus pais, que o adoravam, e depois que ambos caíram no sepulcro, ele continuou a sua fraternal ternura para comigo. Mais tarde, um amor irresistível levou-me a desposar um homem e meu irmão no seu orgulho julgou inferior a nós pelo nascimento e pela fortuna. Chamava-se Paulo B... (Reis, 2018, p. 93).

Apesar de haver sido um irmão carinhoso e atencioso para Luísa, ele não aceitou seu casamento com Paulo B. O comendador, então, nutre um ódio pelos dois e, depois de assassinar Paulo, compra suas dívidas, estabelecendo-se na fazenda de Santa Cruz, casa de seus pais, e deixa a irmã Luísa e Úrsula na miséria.

Após a partida de Tancredo e Túlio, Úrsula por vários dias volta à mata onde o cavaleiro declarou a ela seu amor e, em um desses dias, a jovem tem um encontro inesperado. O comendador interrompe sua caça para contemplar Úrsula, para quem ele era um desconhecido. Porém, ele indica que a conhece:

– Em nome de vossa mãe – exclamou o caçador, tolhendo-lhe os passos – não fujais, Úrsula!
A essa expressão a filha de Luísa B... fitou-o com curiosidade: esse homem tão estranho conhecia-a sem dúvida, e ela nunca o tinha visto! Chamou-a pelo seu nome, suplicou-a em nome de sua mãe!... Quem era ele pois? (Reis, 2018, p. 108).

Ele escolhe não revelar seu nome e declara seu amor para Úrsula, que estava inquieta e aterrorizada. No entanto, a jovem expressa seu desconforto perante a situação:

Abusastes por demais da minha fraqueza. Estou só, o lugar ermo, tudo vos protege, e vos anima. Se fôsseis mais cavalheiro, seríeis comedido em expressões, que sempre foram tidas por ofensivas quando ditas por estranhos, e nunca chegaríeis a uma impertinência tão desagradável (Reis, 2018, p. 112).

Ela insiste em saber o seu nome e o comendador segue mantendo seu segredo. Como Úrsula nega corresponder às suas intenções, ele a ameaça:

– Rogai ao céu, – acrescentou – meiga e inocente donzela, rogai ao céu para que vos possa esquecer; porque se o meu amor prosseguir assim, extremoso, indomável, apaixonado, haveis de ser minha; porque ninguém me desdenha imponentemente. Ouvis? – Disse em tom de ameaça, e depois em meia súplica ajuntou: – Oh! Por Deus, não troquei a ventura pela dor, e quem sabe? Pelo!... [...] Mulher altiva, háis de pertencer-me, ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito (Reis, 2018, p. 113-114).

Cego por uma “apaixonada loucura” e “amoroso delírio”, o comendador Fernando leva adiante seu desejo de “amor violento e libidinoso” (Reis, 2018, p. 121). Ele visita sua irmã e declara ser o assassino de Paulo e informa sua intenção de se casar com a sobrinha. Ele promete voltar com um sacerdote no dia seguinte para celebrar o casamento e, com isso, Úrsula foge, seguindo o conselho de sua mãe nos últimos minutos de vida.

O comendador, então, empreende uma perseguição incessante a fim de desposar forçadamente a sobrinha, o que no final resulta na morte de Túlio, Susana, Tancredo e Úrsula.

Ao longo da narrativa, Fernando P. é descrito como um homem com “reputação de fereza de ânimo” (Reis, 2018, p. 93), especialmente em relação aos escravizados. No relato de Susana sobre sua travessia no navio negreiro e o que acontece quando aqui chega, ela realça o “coração de tigre” do comendador, que “derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência!” (Reis, 2018, p. 104).

A voz narrativa ressalta que seu orgulho – que o manteve distante da irmã por anos, devido a ressentir-se por seu casamento – o manteve isolado e solitário, o que conseqüentemente o embruteceu. Seu comportamento violento ante os escravizados o fazia ser temido:

Ele tornara-se odioso e temível aos seus escravos: nunca fora benigno e generoso para com eles; porém o ódio, e o amor, que lhe torturavam de contínuo, fizeram-no **uma fera – um celerado**.

Nunca mais cansou de duplicar rigores às pobres criaturas que eram seus escravos! Apraziam-lhe os sofrimentos destes; porque ele também sofria.

Eis aí pois a alma implacável na maldade do irmão de Luísa (Reis, 2018, p. 121, grifo meu).

Sua maldade se constrói nos maus-tratos que empreendia às “pobres criaturas que eram seus escravos”; ele os violentava e os animalizava e, por isso, tinha uma “alma implacável na

maldade”. Quando o comendador começa a perseguir Úrsula e volta para sua casa, a voz narrativa destaca a humilhação dos escravizados, que eram vítimas, e o comportamento *bárbaro* de Fernando:

Os negros acabavam apenas de tirar a sela ao cavalo fatigado, quando o comendador, descendo de uma salto as escadas, foi-os golpeando com o chicotinho que trazia, e gritando:

– Eia, que fazem, animais! Outro cavalo imediatamente selado. E os meus dois pajens, que me sigam.

Os míseros escravos geram de ódio e de dor; mas nem a mais leve exprobração, nem um sinal de justa indignação, se lhes pintou no rosto. **Eram escravos, estavam sujeitos aos caprichos de seu bárbaro senhor** (Reis, 2018, p. 147, grifo meu).

O comendador ordena a captura de Susana e impõe um turno dobrado para os escravizados: “– Sim, – tornou ele – quero que dobre hoje o serão desses marotos. Ah! Esta cáfila de negros, só surrados, e...” (Reis, 2018, p. 151). E, por isso, o feitor contesta:

– Fartai-vos de atrocidades, já que **sois um monstro**, – retrucou fora de si o feitor, fixando-o com um olhar de desprezo, que ele suportou – **banhai-vos no sangue dos vossos semelhantes**, juntai crimes horrendos a crimes imperdoáveis; mas não conteis mais doravante comigo para instrumento dessas ações, que revolta, ainda a um coração viciado, e que só no vosso pode achar morada (Reis, 2018, p. 151, grifos meus).

O comendador comete crimes *imperdoáveis* aos seus *semelhantes*, que sofrem com as atrocidades. Depois que o feitor se demite e sai da casa de Fernando, a voz narrativa expõe:

Na casa do trabalho, muito mais frouxa lobrigava-se ainda a escassa luz de um lampião: os negros tinham recebido novas tarefas, empenhavam-se por acabá-las. Desgraçados! Não eram eles que trabalhavam por acabá-las – era o novo feitor, que com o azorrague em punho ao som dos estalos os despertava. E já nem uma lágrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume aos lábios – eram mudos; estorciam-se com a dor da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuarem o serviço, e logo recaíam naquela penosa prostração, que **revela a extrema fadiga de um corpo, que descai já para o túmulo, cansado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram** (Reis, 2018, p. 152-153, grifo meu).

Relata-se, aqui, as condições desumanas que eram impostas pelo comendador aos escravizados, que o serviam penosamente, sofrendo “mil privações” que os “desgastavam e aniquilavam”. Há também em outros momentos da narrativa o relato da “dureza” de Fernando.

Quando Túlio e Tancredo passam pelo sítio de Santa Cruz, fazenda do comendador, a voz narrativa descreve o ambiente:

Ainda as casas dos escravos, que outrora tinham sido de um aspecto agradável, tapados de barro e cobertas de telha, hoje mal representavam esse singelo asseio de outras eras. Já arruinadas, desmoronam-se aqui, e ali, porque os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não dispunham de uma só hora no dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite trabalhavam ordinariamente até o primeiro cantar do galo. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas desse sono fatigado, que lhes concedia a dureza de seu senhor (Reis, 2018, p. 136).

E continua:

Desgraçados! Que até a hora das trevas e do repouso à hora em que a brisa geme apaixonada, como amante, que anela o ardente hálito do seu adorador, em que a erva escuta o segredo terno da viração, em que o cantor da espessura afaga o plumífero habitante de seu ninho amoroso, um momento de sossego e amor lhes é vedado!

Não há descanso para o seu corpo, nem tranquilidade para seu espírito desvairado pelo terror de tantos e tão contínuos sofrimentos!

Mísero escravo!!! Tantas dores há em seu coração; e nós as não compreendemos! (Reis, 2018, p. 136-137, grifo meu).

O comendador é um bárbaro senhor, que comete atrocidades aos escravizados que forçadamente o servem. Ele é descrito como uma fera, um celerado, um monstro, um bárbaro que comete crimes *imperdoáveis* aos seus *semelhantes*.

O comendador Fernando P., como expõe Fernanda Miranda (2019, p. 69), um homem branco que parte do “topo da hierarquia colonial”, é o *elo de morte* entre todos os outros personagens, que tem o poder de interferir, prejudicar e comandar suas vidas. A voz narrativa destaca, ao longo do romance, seu “perfil mandonista” diante dos homens negros escravizados e das mulheres negras escravizadas, das mulheres brancas, e de todos que cruzam seu caminho e/ou o desafiam. O comendador:

[...] representando a autoridade despótica tal e qual um senhor feudal, visto que suas ações e vontades determinam os contornos e os reverses da vida de todos os demais, ele é a metonímia do poder, o topo da hierarquia colonial – ‘Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante a vontade, muitas vezes caprichosa e despótica’ (Holanda, 1978, p. 48). (Miranda, 2019, p. 69)

Ele destrói a vida da Luísa, que sofreu pelos atos de seu falecido marido e viveu os últimos dias de sua vida parálitica e suportando as consequências da ira de seu irmão; de Úrsula, que é vítima da obsessão incestuosa de seu tio; de Tancredo, que é impedido de seguir o seu amor; e de todos os negros que escraviza, humilha e assassina, como Túlio e sua mãe, e Susana. Ele tem o poder de dominar e controlar tudo e todos; “escravocrata cruel e afeito de a perversidades e predominante na ordem patriarcal, possui o poder de arruinar vidas” (Miranda, 2019, p. 71).

Assim, Fernanda Miranda (2022, p. 237) apresenta ser possível pensar, também, a narrativa construída em *Úrsula* em perspectiva com a interseccionalidade. Essa é uma articulação metodológica desenvolvida por feministas negras, que pensam a partir da inseparabilidade de gênero, raça e classe social e, assim, “desconstruíram a ideia de que mulher é uma categoria homogênea e demonstraram que o gênero é sempre informado pela raça e classe social”.

Carla Akotirene (2019, p. 17), para pensar a interseccionalidade, recupera o pioneirismo de Sojourner Truth, uma mulher negra que nasceu escravizada, foi vendida a leilão aos nove anos de idade e viveu uma vida em busca de sua liberdade. Em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, ela questiona: “Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas [...]. Ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. Nesse discurso, ela pergunta: *Eu não sou uma mulher?*

Sojourner questiona a categoria mulher universal, “mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos escravizados” (Akotirene, 2019, p. 18). Sendo assim, a interseccionalidade foi pensada como conceito da teoria crítica de raça e cunhado em 1989, pela professora, jurista e intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw. No contexto brasileiro, é pensado por intelectuais como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, inclusive antes de Crenshaw (Casemiro; Silva, 2021).

Partindo desse pensamento interseccional, Fernanda Miranda (2022, p. 238) articula esse “jogo de forças” para se pensar o texto firminiano. No romance, as mulheres brancas personagens Úrsula e Luísa são vítimas de Fernando P., que representa “a masculinidade branca hegemônica, opressora de mulheres, de escravizados, e de outras masculinidades subalternas”.

No entanto, ao mesmo tempo em que são oprimidas, elas são senhoras de escravos. Ou seja, “mantém funcionando a cadeia de opressão do seu lugar de mulheres *brancas*”.

Quanto aos personagens escravizados Túlio, Susana e Antero, há diferenças e especificidades. Como expõe Miranda:

Antero é o carcereiro da prisão em que Túlio é submetido, mesmo já tendo alcançado sua alforria, depois de ter sido capturado como refém por Fernando P. Através de um stratagema, Túlio foge da prisão, mas constrói essa fuga de modo a se assegurar que Antero não seria punido. Túlio é um jovem negro revoltado com sua condição de escravizado. Sua lealdade, honestidade, coragem, solidariedade, iniciativa e senso de justiça são reconhecidas por Tancredo como sinónímias do que deveria formar a moral de todos os homens. Mas, se Túlio é a medida de um novo sujeito nacional, e como corolário, de um novo humanismo, foi Susana quem a ele tudo ensinou, quem o formou (Miranda, 2022, p. 239).

A partir disso, Maria Firmina dos Reis apresenta a “estrutura social de poder de seu tempo: no topo, o homem branco, depois a mulher branca, seguida do homem negro e por fim, a mulher negra – que é mantida escravizada até a morte” (Miranda, 2022, p. 239).

No entanto, a narrativa sugere uma reorganização dessa estrutura, visto que a personagem Susana é a *voz soberana*, que revela a violência e barbaridade do sistema escravocrata. E é ela que forma o caráter generoso de Túlio, que é reconhecido por Tancredo “como sinónímia mais próxima do homem ideal” (Miranda, 2022, p. 239).

Desse modo, o comendador Fernando P. parte de um centro de poder, porém, segundo Miranda, encontra contraste com o personagem Túlio, um jovem negro escravizado, que tem uma alma generosa e um coração bondoso. Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula*, coloca o negro como ser humano e como parâmetro de moralidade.

Nesse sentido, humanizar essas pessoas que eram tratadas como coisas era uma postura que invertia a lógica escravocrata da época, uma vez que, como explica Abdias do Nascimento (1978, p. 61): “Desde que o motivo da importação de escravos era a simples exploração econômica representada pelo lucro, os escravos, rotulados como sub-humanos ou inumanos, existiam relegados a um papel, na sociedade, correspondente à sua função na economia: mera força de trabalho”.

Túlio é, assim, o oposto do comendador, com “toda a nobreza de um coração bem formado” (Reis, 2018, p. 32). O jovem negro escravizado é, no romance, o parâmetro “a partir do qual se alinhava uma medida para o ser” (Miranda, 2019, p. 71).

Ao final da narrativa, a saída apresentada pelo padre para a penitência do comendador, a fim de ter a chance de ser perdoado por todo o mal que fez aos escravizados, é libertá-los: **“Indenizai os vossos escravos do mal, que lhes heis feito, dando-lhes a liberdade.** Esse ato de abnegação e de caridade cristãs agradará a Deus, e então talvez na sua misericórdia infinita ele abra para vós os tesouros da sua inefável graça” (Reis, 2018, p. 181, grifo meu).

Somado ao discurso abolicionista desenvolvido durante toda a narrativa, especialmente a partir da construção das personagens Túlio e Susana, esse conselho dado a Fernando P. delineia, no desfecho do romance, o que a voz narrativa já afirmava no primeiro capítulo da obra: a escravidão como *repreensível injustiça* àqueles que são *semelhantes*.

O romance *Úrsula* desenvolve os personagens Túlio, Susana e Antero, de maneira que suas vozes evidenciem os sujeitos negros escravizados e suas histórias. A partir deles, a obra propaga um pensamento abolicionista em que “a estratégia de criação de Maria Firmina dos Reis foi a de construir um discurso *a partir de dentro*, emitido por vozes de personagens que representassem os sujeitos escravizados” (Evaristo, 2021, p. 278).

Túlio é um jovem rapaz negro que é escravizado, porém em sua mente, que não pode ser escravizada, *sonha* com a liberdade. Ele carrega o sofrimento de ter sido separado de sua mãe e viver a violência e desumanização. No entanto, “a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneceram intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso” (Reis, 2018, p. 32). E, assim, tem uma *alma* generosa e é o parâmetro de elevação moral (Duarte, 2018c) que se contrasta com o antagonista, o *bárbaro* comendador Fernando P.

Susana carrega as memórias de uma mulher negra que era livre em seu país, e foi forçadamente separada de tudo e todos que amava. É uma mãe que sente falta de sua filha. É uma vítima, assim como milhões de africanos que foram escravizados pelos europeus, das barbaridades na travessia transatlântica nos navios, que não acabavam nos portos de chegada no Brasil, mas sim marcavam o início de uma vida na qual se deixa de ser pessoa e se passa a ser escravo (Miranda, 2019). Susana rememora seus tempos de liberdade, assim como o faz Antero, e “ensina a Túlio o que é liberdade, condição que estava além de uma carta de alforria” (Evaristo, 2021, p. 280).

Assim, é possível pensar o romance *Úrsula* a partir do entendimento de luz negra. Denise Ferreira da Silva (2019a), ao refletir sobre a instalação artística *In Pursuit of Bling* [À procura de *bling*], de Otobong Nkanga, exibida em Berlim, em 2014, elabora uma ferramenta

analítica a partir do conceito de luz negra. De acordo com Silva, a artista Otobong, utilizando mica e outros minerais que “fazem reluzir-imageiam”, revelou como a violência colonial permanece ativa no mundo contemporâneo. Na instalação:

a distinção que faz entre ‘espaço de brilho’ e ‘lugares de obscuridade’, através de imagens, artefatos e movimentos – exposições e performances –, expõe vínculos óbvios, mas frequentemente ofuscados, entre lugares de abundância e lugares de escassez. Como a luz negra (a radiação ultravioleta), a intenção de Nkanga escoa em *In Pursuit of Bling*, fazendo reluzir o que deve permanecer ofuscado para manter intacta a fantasia da liberdade e igualdade (Silva, 2019a, p. 127).

Nesse sentido, Silva, pensando nesse movimento de brilho/obscuridade, em seu ensaio *Blacklight* (2015), expõe o caminho reflexivo que percorreu, a partir da instalação de Nkanga:

Todo mundo sabe, tendo ou não dançado ‘*Love to Love You Baby*’, de Donna Summer, em pistas de dança muito pequenas para os movimentos mais expansivos da discoteca, que sem luz negra a cena perderia oitenta por cento de seu *glamour*. Embora invisível ao olho humano, a radiação ultravioleta transforma coisas opacas em luminosas. Em outras palavras, a luz negra não ilumina: faz as coisas emanarem ou brilharem (Silva, 2015, p. 245).²⁰

Assim, considerando que a luz negra faz brilhar o que está opaco, Denise pensa a sua projeção:

A luz negra, ou a radiação ultravioleta, age *através* daquilo que ela faz brilhar: ela tem a capacidade, por exemplo, de transformar no nível do DNA, ou seja, ela reprograma o código genético numa coisa viva que a ela se expõe e provoca o caos na capacidade auto reprodutiva dessa coisa, em nível celular (Silva, 2019b, p. 47).

E continua:

Uma vez liberada pela luz negra, a matéria torna-se disponível para algo que pode ser denominado recodificação – o que, no caso de células significa, via de regra, uma reprodução letal e descontrolada ou, para práticas compositivas que, como em uma leitura de tarot, por exemplo, não mantêm o material que combinam subjugado à forma (figura ou formato) mediante a qual o apreendem. Em outras palavras, a matéria torna-se disponível a interpretações *poéticas*, ao tipo de re/de/composição que não

²⁰ Texto original: “Everyone knows, whether or not they have actually danced to Donna Summer’s *Love to Love You Baby*, on dance floors too small for disco’s most expansive moves, that without blacklight the scene would lose eighty percent of its glamour. Though invisible to the human eye, ultraviolet radiation turns opaque things into luminous ones. In other words, blacklight does not illuminate: it makes things emanate or shine” (Silva, 2015, p. 245).

mobiliza os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno [...] (Silva, 2019b, p. 47-48).

Úrsula, desse modo, “está envolto na luminosidade da *luz negra* que revela aquilo que ficou oculto e soterrado nos escombros e espólios da História oficial brasileira” (Diogo, 2022, p. 12).

Maria Firmina projeta a luz negra nas relações escravistas e no sujeito negro brasileiro, em um momento no qual a escravidão era considerada como legítima no país, e “faz brilhar” o que está opaco: a *humanidade* desses sujeitos, que têm alma, memórias, sonhos e reflexões complexas.

CAPÍTULO 3

3.1. O Acaso

*O acaso, às vezes, ajuda a desanuviar o passado.
Foi o que aconteceu quando me pôs às mãos este romance,
que é, ao que parece, o único exemplar conhecido.
(Horácio de Almeida, prefácio, Úrsula, ed. fac-similar)*

O romance *Úrsula*, publicado em 1860, passa mais de cem anos sem novas edições. Até a década de 1970, há um longo período de apagamento da escritora e de suas obras.

Entre 1967 e 1969, o historiador e bibliófilo Horácio de Almeida comprou um lote de livros, dentre os quais havia uma brochura pequena que lhe despertou curiosidade. Sua folha de rosto apresentava: “Ursula/Romance Original Brasileiro/Por Uma Maranhense/San’Luis/Na Typographia do Progresso/Rua Sant’Anna, 49 – 1859”. A partir disso, o historiador buscou informações sobre a obra, que, até então, era atribuída a *Uma Maranhense*:

O livro não trazia assinatura alguma. Consultei Tancredo e outros dicionários de pseudônimos e nenhum me revelou quem fosse ‘Uma Maranhense’. Pensei em Sacramento Blake, mas só podia consultá-lo se tivesse o nome da autora, que era então para mim uma incógnita. Fui ao índice do seu Dicionário, levantado por Estados da Federação, obra bem curiosa de Otávio Torres, Salvador, Bahia. Percorrendo a relação dos escritores maranhenses, encontrei Maria Firmina dos Reis, que Sacramento Blake apresenta como autora do romance *Úrsula* (Almeida, 1975, p. 4).

Como essa edição de *Úrsula* datava de 1859, Horácio revelou estar diante de “talvez a maior raridade bibliográfica do Maranhão” (Almeida, 1975, p. 1), visto que o romance de Maria Firmina dos Reis, até aquele momento, havia estado sem outras edições por mais de 100 anos.

No mesmo período, o poeta e jornalista José Nascimento Morais Filho, em 1973, ocasionalmente encontra o nome de Maria Firmina dos Reis nos jornais do século XIX, ao

procurar textos natalinos de autores maranhenses para sua obra *Esperando a missa do Galo*, na Biblioteca Benedito Leite. A partir disso, começa também a conduzir pesquisas sobre a escritora (Morais Filho, 1975).

O jornalista empreendeu uma intensa pesquisa sobre Maria Firmina, bem como se esforçou para divulgá-la. Ainda em 1973, Nascimento Morais Filho desloca-se para Guimarães, no Maranhão, para seguir com suas pesquisas, o que é noticiado em um artigo do jornal *Horizonte de Notícias*, escrito pelo poeta Paulo Oliveira:

MARIA FIRMINA – GRANDE MULHER

Juntamente com a comitiva de sábado, dia 15, que veio assistir à inauguração do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, acompanhou o poeta Nascimento Morais, o qual veio com o propósito exclusivo de pesquisar sobre a vida de Maria Firmina, até hoje grande mulher do cenário maranhense. O principal objetivo desta pesquisa é, para dentro em breve, publicar um livro sobre esta tão eminente mulher, que passou a maior parte de sua existência nas plagas vimarenses, motivo pelo qual nossa cidade de Guimarães servirá de palco principal no desenrolar desta história verídica. E para que alguém tenha uma melhor visão e conhecimento desta grande realidade, Maria Firmina era a maior poetisa da época, o que nos ufana saber que Guimarães é berço de tão brilhantes figuras nacionais, assim como já nos são conhecidos Sousândrade, Urbano Santos, Sotero dos Reis etc. Portanto é de justo que se aplauda essa colossal iniciativa do nosso grande amigo e eminente vulto, o poeta Nascimento Morais (Gomes, 2022, p. 293).²¹

Após isso, Nascimento Morais Filho retorna para São Luís, onde concede uma entrevista para o jornal *O Imparcial*, que estampou: “Pesquisa descobre primeira literata maranhense” (Gomes, 2022, p. 294). Essa reportagem, segundo Gomes (2022), foi reproduzida pela Agência Meridional, a qual possuía visibilidade em todo o país. Nos anos seguintes, Morais Filho segue os esforços para pesquisar e divulgar a autora.

O encontro fortuito de Horácio de Almeida com a obra e as pesquisas de Nascimento Morais Filho possibilitaram uma segunda edição de *Úrsula*, fac-similar, publicada em 1975, em homenagem aos 150 anos de nascimento da autora.²²

²¹ Agenor Gomes (2022, p. 292), em sua biografia sobre Maria Firmina, relata que, nesse período, o único jornal da cidade de Guimarães era publicado pelo grêmio estudantil da Escola Nossa Senhora da Assunção, o qual ele coordenava. Por isso, o próprio Agenor Gomes pediu a Paulo Oliveira que escrevesse este artigo.

²² Além das festividades e novas publicações, a comemoração do sesquicentenário de Maria Firmina foi marcada por várias homenagens, entre elas, a proclamação do dia 11 de outubro (data de nascimento da escritora) como Dia da Mulher Vimaranesa e feriado municipal; a inauguração do busto de Maria Firmina na praça do Panteon, em São Luís, a Criação da Medalha de Honra ao Mérito Maria Firmina dos Reis, entre outras homenagens. Além disso, o romance *Úrsula* circulou em formato de folhetim no *Jornal Pequeno*, que, segundo Gomes (2022), era um dos jornais de maior circulação de São Luís (Gomes, 2022, p. 296-301).

O livro de que se tira esta edição fac-similada é talvez a maior raridade bibliográfica do Maranhão. Trata-se de romance escrito por mulher e passa por ser o primeiro no Brasil de autoria feminina. Além do mais, só existe um exemplar conhecido da obra, fato que a torna mais valorizada, independente do seu mérito literário.

Pouco se sabe da autora. Seu nome, Maria Firmina dos Reis, permaneceu mais de um século sepultado no esquecimento. De espantar é que isso tenha acontecido no Maranhão, terra que foi no passado um viveiro de homens ilustres, muitos dos quais com repercussão além das fronteiras do Brasil. Eram tantos os que se acotovelavam na literatura maranhense, entre jornalistas, poetas, escritores, ensaístas, historiadores, que São Luís, a gloriosa capital do Maranhão, granjeou a fama de Atenas brasileira. Nenhum, entretanto, tomou conhecimento da autora, certamente porque era mulher, numa época em que os homens faziam alarde da proclamada superioridade do sexo (Almeida, 1975, p. 1).

Essa edição é lançada com o patrocínio do então governador do Maranhão Nunes Freire, para quem depois o bibliófilo doa o único exemplar conhecido da primeira edição.²³ No prefácio, Almeida já indicava as pesquisas que estavam sendo feitas por Nascimento Morais Filho, “que não descansa na tarefa de reunir fragmentos para um volume da obra completa da autora, em edição atualizada” (Almeida, 1975, p. 8).

Em 1976,²⁴ Morais Filho publica a primeira biografia da escritora, intitulada *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, que, a partir de uma pesquisa dedicada com sua equipe, conseguiu reunir as outras obras da autora, bem como documentos e entrevistas:

Mas, se a difusão desta pesquisa, agora, revestida de solenidade cívica, é uma homenagem à mulher Maranhense, na memória de Maria Firmina dos Reis, desta esquecida ou, talvez mais certo, ignorada conterrânea, neste Ano Internacional da Mulher,²⁵ é também o toque de rebate para o estudo, de profundidade, através dos textos, da literatura maranhense.

[...] Obra de equipe que estamos realizando só, esta iniciativa que tomamos (e que deveria também ser empreendida, se ainda não, em cada Estado) sem a qual jamais teremos uma nítida visão histórica da literatura maranhense – uma visão em três dimensões: profundidade – altura – extensão (Morais Filho, 1975, s/p).

²³ Atualmente, não se tem mais acesso a ele, pois, segundo Eduardo de Assis Duarte (2018d, p. 99), esse “único exemplar da edição de 1859 foi extraviado pela família do ex-governador Nunes Freire, que o possuía”.

²⁴ Segundo Gomes (2022, p. 302), apesar de constar o ano de 1975 na sua edição, o livro *Maria Firmina: Fragmentos de uma vida* foi lançado no início de 1976.

²⁵ A Assembleia Geral da ONU proclamou o ano de 1975 como Ano Internacional da Mulher e realizou a primeira Conferência Mundial da Mulher sob o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”, voltada à eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social.

Esse livro organizou informações biográficas e bibliográficas de Maria Firmina, com seus poemas, suas obras *Gupeva*, *A Escrava* e, de maneira inédita, o *Álbum*, seus enigmas e charadas, suas composições musicais, as críticas publicadas nos jornais sobre a escritora e suas obras, entrevistas (em especial, foram entrevistados dois filhos de Maria Firmina, Leude Guimarães e Nhazinha Goulart), além de outros documentos relacionados à sua vida e obras.

Da publicação de *Úrsula* em 1860 até a sua segunda edição em 1975, são 115 anos de silêncio. Uma “espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (Duarte, 2009, p. 265).

A publicação de sua biografia e da segunda edição de *Úrsula* foram de extrema importância para as pesquisas que serão produzidas nas décadas seguintes.

3.2. Vazios

*E ela que, durante a vida, foi história e fez história,
somente agora entra para História!...
(Morais Filho, 1975).*

Maria Firmina dos Reis teve uma intensa produção literária e participação na imprensa maranhense, além de mais de 30 anos na área da docência, contribuindo intelectualmente para a cultura e educação brasileira. Sua primeira obra, o romance *Úrsula*, como exposto no primeiro capítulo desta dissertação, foi o livro com mais anúncios publicitários nos jornais de São Luís entre 1860 e 1862 (Gomes, 2022), e continuou sendo mencionado esporadicamente nos jornais até 1875 (Diogo, 2022). Além disso, as publicações nos jornais dão a entender que suas obras eram lidas e conhecidas na região:

De há muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora de *Úrsula*, assim não causou estranheza as poesias que mandou para o *Parnaso* (*A Imprensa*, ano V, n. 83, 19.10.1861).

Com o título de *Cantos à beira-mar*, vai publicar um volume de poesias a exma. sra. d. Maria Firmina dos Reis, inteligente professora pública da vila de Guimarães, nesta província. Esta distinta poetisa é já muito conhecida pelos seus trabalhos literários, que tem corrido impressos nos nossos jornais e Parnaso Maranhense; é também autora do romance original brasileiro *Úrsula*. D. Maria Firmina emprega as poucas horas, que sobram de seu elevado mister na grandiosa missão do cultivo das musas. Nós a cumprimentamos (*O Espírito-Santense*, ano II, n. 78, 4.11.1871).

No entanto, embora haja referências à escritora e às suas obras nos jornais da época, pesquisas demonstram que o nome de Maria Firmina quase não foi citado nas historiografias elaboradas por autores contemporâneos e posteriores a sua época.

Em 1975, Nascimento Moraes Filho, em *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, relata que a única e mais antiga fonte que até então se conhecia de Maria Firmina era uma citação sobre a autora no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake, publicado em 1900. Nesta obra, o autor expõe em um breve parágrafo algumas informações sobre a escritora:

D. Maria Firmina dos Reis: Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felippa dos Reis, nasceu na cidade de S. Luís do Maranhão a 11 de outubro de 1825. Dedicando-se ao magistério, regeu a cadeira de primeiras letras de S. José de

Guimarães desde agosto de 1847 até março de 1881, quando foi aposentada. Em 1880 fundou uma aula mista em Maçaricó, termo do Guimarães, cujo ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio. Cultivou a poesia, e tanto em verso, como em prosa escreveu algumas obras, de que as mais conhecidas são:

Cantos à beira-mar: Poesia. São Luís.

Úrsula: romance. São Luís.

A Escrava: romance. São Luís (Blake, 1900, p. 232).²⁶

Além dessa menção, Nascimento Morais Filho relata que o nome da escritora é citado na obra *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, na sua segunda edição publicada em 1903. Maria Firmina é citada em uma nota de rodapé, junto de outros 51 escritores que fizeram parte da antologia *Parnaso Maranhense*, para a qual Maria Firmina contribuiu com dois poemas, *Por ver-te* e *Minha vida*.²⁷ Ele cita somente seu nome, sem mais nenhuma informação sobre sua vida e obras (Romero, 1903, p. 389).²⁸

Em 2006, a pesquisadora Algemira Macêdo Mendes, em sua tese, rastreia o processo de inclusão e exclusão de Maria Firmina na história literária nacional nos séculos XIX e XX, a partir de uma seleção de fontes documentais.²⁹ Como resultado, somente dois autores mencionam a escritora. Além de Sílvio Romero (1903), já apontado anteriormente por Morais Filho, há uma menção à Maria Firmina na obra *História da inteligência brasileira*, de Wilson Martins, em 1977. Ou seja, antes da publicação da segunda edição fac-similar do romance *Úrsula* e de sua biografia, em 1975, a escritora é mencionada somente nas historiografias literárias em 1900 e 1903.

Além de Wilson Martins, em *História da inteligência brasileira*, em 1977, segundo Adriana Oliveira (2007), informações sobre Maria Firmina foram registradas na segunda edição

²⁶ A obra pode ser acessada em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 10 jan. 2024.

²⁷ O *Parnaso Maranhense* foi uma antologia publicada em 1861, do qual Maria Firmina dos Reis fez parte, juntamente com outros 51 poetas, como Gonçalves Dias e Sousândrade. Gomes (2022, p. 189) relata que foi uma obra com grande repercussão na província. “De há muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora de *Úrsula*, assim não causou estranheza as poesias que mandou para o *Parnaso*” (*A Imprensa*, ano V, n. 83, 19.10.1861).

²⁸ A obra encontra-se, de maneira digitalizada, em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/d592b722-45a6-4cba-8a5c-baa173eeffa4>. Acesso em: 10 jan. 2024.

²⁹ A pesquisadora expõe: “foram selecionadas, como fontes documentais, histórias da literatura brasileira do século XIX: de Sílvio Romero (*História da literatura brasileira*) e de José Veríssimo (*História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*). As do século XX foram as de Ronald de Carvalho, *Pequena história da literatura brasileira*; Lúcia Miguel Pereira, *História da literatura brasileira: prosa de Ficção (1870-1920)*; Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*; Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*; Massaud Moisés— *História da literatura brasileira: das origens ao Romantismo*; Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*; Wilson Martins, *História da inteligência brasileira* e Luciana Stegagno Picchio, *História da literatura brasileira*” (Mendes, 2006, p. 29).

do *Dicionário Literário Brasileiro*, em 1978, de Raimundo de Menezes. Ainda, Melissa Mendes (2023), apresenta que Maria Firmina foi citada em 1975, na antologia *Nossas várzeas têm mais flores: poetas modernos do Maranhão*, de Clóvis Ramos, e em 1977, no livro *Apontamentos de literatura maranhense*, de Jomar Moraes, e em *O tigre da abolição*, de Osvaldo Orico. É possível, então, visualizar essas menções cronologicamente como:

TABELA 1
MENÇÕES À MARIA FIRMINA DOS REIS EM HISTÓRIAS LITERÁRIAS NACIONAIS (1860-1978)

ANO	OBRA	AUTOR(A)
1900	<i>Dicionário Bibliográfico Brasileiro</i>	Sacramento Blake
1903	<i>História da literatura brasileira</i> (2 ed.)	Sílvia Romero
1975	<i>Úrsula</i> (2ª edição, fac-similar); <i>Maria Firmina: fragmentos de uma vida</i>	Maria Firmina dos Reis; Nascimento Moraes Filho
1975	<i>Nossas várzeas têm mais flores: poetas modernos do Maranhão</i>	Clóvis Ramos
1977	<i>História da inteligência brasileira</i>	Wilson Martins
1977	<i>Apontamentos de literatura maranhense</i>	Jomar Moraes
1977	<i>O tigre da abolição</i>	Osvaldo Orico
1978	<i>Dicionário Literário Brasileiro</i>	Raimundo de Menezes

Fonte: Moraes Filho (1975); Algemira Mendes (2006); Adriana Oliveira (2007);
Melissa Mendes (2023).

É possível, assim, perceber uma maior presença de menções à autora a partir da publicação da segunda edição de *Úrsula* e de sua biografia, em 1975. No entanto, Maria Firmina não foi incluída nas obras dos principais estudiosos da história literária brasileira. Conforme apresentado na pesquisa de Algemira Mendes (2006), a escritora não aparece nas histórias literárias de José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Massaud Moisés e Luciana Stegagno Picchio.³⁰ Seu contemporâneo Francisco Sotero dos Reis, em *Curso de literatura portuguesa e brasileira*,

³⁰ Algemira Mendes (2006, p. 32) destaca que, dentre eles, José Veríssimo e Ronald de Carvalho “não registram nenhum nome de escritoras”.

publicado em 1868, não faz menção à autora, tampouco o historiador Mário Meireles, na sua obra *Panorama da literatura maranhense*, publicada em 1955, que mapeou escritores maranhenses do século XVI ao XX.

Desse modo, ao analisar os discursos sobre Maria Firmina dos Reis nos últimos 50 anos, Melissa Mendes (2023) percebe que há três fases distintas.

Na primeira fase, entre 1973 e 1979, com a publicação da edição fac-similar de *Úrsula* e as pesquisas de Nascimento Morais Filho, a pesquisadora destaca um período de “divulgação, nos meios literários, do nome de Maria Firmina, através de verbetes e, principalmente, da difusão de artigos em jornais a respeito das comemorações, em São Luís, do sesquicentenário de aniversário da autora”, embora não haja pesquisas acadêmicas sobre a escritora (Mendes, 2023, p. 235). Mendes destaca que esses discursos são elaborados, em sua maioria, por homens – o que também é possível perceber pelo exposto anteriormente na Tabela 1 – e situa nesse período o início do ingresso de mulheres nas universidades do país, o que pode explicar por que ainda não havia estudos acadêmicos sobre Firmina, nem mulheres escrevendo sobre ela.

Sendo assim, a partir de Simioni (2008), a pesquisadora reflete, nessa primeira fase, sobre a ideia do “amadorismo feminino” promovida pelos intelectuais, “homens de letras”, que desqualificava as produções feitas por mulheres no meio literário:

A simples menção de amadoras englobava vários significados: como o de que se tratava de pessoas sem um adequado conhecimento das regras do ofício, carentes de formação; além disso, acreditava-se que elas não buscavam na arte um modo de sustento, mas um simples passatempo. Evidentemente essa era uma categoria relacional, cujo uso presumia uma comparação, nem sempre explícita, mas sempre presente, com os artistas homens. Eles, os profissionais, detinham a formação adequada, o conhecimento suficiente, o respaldo institucional para, com as artes, exercerem o ofício de modo a conquistarem dinheiro, fama e glória. Para eles a arte era um empreendimento sério, uma profissão; para elas, um refinamento do espírito (Simioni, 2008, p. 301 apud Mendes, 2023, p. 175).

No caso de Maria Firmina dos Reis, isso se torna explícito em escritos sobre ela nessa primeira fase, como em uma das obras citadas na Tabela 1, *Apontamentos de literatura maranhense* (1977), de Jomar Moraes, para quem Firmina é uma “poetisa medíocre e ficcionista desimportante”:

São Luís, 11/10/1825. f. Guimarães-MA, 11/11/1917. Professora de primeiras letras e senhora dotada de virtudes que muito a recomendam à nossa admiração. **Poetisa medíocre e ficcionista desimportante, MFR não tem, mesmo nos limites da literatura maranhense, a significação que**

recentemente pretenderam atribuir-lhe. Autora, entre outros trabalhos, dos romances *Úrsula* e *Gupeva* e do livro de poesias *Cantos à beira-mar* (Moraes, 1977, p. 136 apud Mendes, 2023, p. 171-172, grifo meu).

Esse cenário começa a mudar, segundo Mendes (2023), a partir do que ela pontua como segunda fase. Nesse período, entre 1981 e 2003, a pesquisadora evidencia o início das pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis. Ela destaca que essa fase é um período no qual “as mulheres, que concluíram seus cursos de graduação, estão aderindo à pós-graduação (mestrado ou doutorado). É a fase marcada pelo estudo sobre as mulheres e a ‘redescoberta’ de mulheres que foram ‘apagadas’ pelos processos históricos, que ficaram fora do cânone” (Mendes, 2023, p. 235), em que, a partir do feminismo, da história das mulheres e das análises de gênero, Firmina será estudada, juntamente com outras escritoras. Diferentemente da primeira fase, a maioria dos estudos é escrita por mulheres que estão na universidade e se concentram na crítica literária. Além disso, nessa fase, há uma nova publicação do romance *Úrsula*, em 1988, com atualização do texto por Luiza Lobo, atingindo um público mais extenso.

O romance *Úrsula*, bem como a própria escritora, passou por um processo de apagamento, não só por haver sido publicado sob pseudônimo e longe do eixo cultural do país, a Corte do Rio de Janeiro (Lobo, 2022), mas também pelo “silenciamento sistêmico” da mulher negra como autora de literatura no Brasil (Miranda, 2019).

Assim, de 1860 a 1975, há um intervalo de mais de cem anos entre a primeira e a segunda edição de *Úrsula*. Segundo Agenor Gomes (2022, p. 304), a edição fac-similar do romance, de 1975, ficou circunscrita ao evento de inauguração do busto da escritora, ocorrido em novembro de 1975 na praça do Panteon, em São Luís. Essa segunda edição teve uma tiragem de somente 300 exemplares, sem distribuição nas livrarias da capital maranhense.

A terceira edição do romance surge 13 anos depois da segunda edição, em 1988. Com introdução de Charles Martin, o texto foi atualizado por Luiza Lobo,³¹ sendo a primeira edição não fac-similar, atualizada, após a publicação de 1860 (Gomes, 2022, p. 313). Essa edição, fora de São Luís, consegue atingir novos leitores, visto que a edição anterior, fac-similar, ficou restringida ao público maranhense (Mendes, 2023, p. 235). Depois, em 2004, é publicada a quarta edição de *Úrsula*, trazendo o conto *A Escrava*, com atualização do texto e posfácio por

³¹ Segundo Lobo (2022, p. 20), por um erro, na folha de rosto da terceira edição do romance, foi indicada a atualização do texto por Nanci Egert.

Eduardo de Assis Duarte e, em 2009, é publicada uma edição comemorativa dos 150 anos do romance, com atualização do texto e posfácio também por Eduardo de Assis Duarte.

Melissa Mendes (2023) elenca, em sua pesquisa, as reedições do romance *Úrsula* publicadas entre 1860 e 2022. Há em 2023, também, novas edições publicadas, de maneira que podem ser visualizadas cronologicamente como:

TABELA 2
RELAÇÃO DAS REEDIÇÕES DO ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA
FIRMINA DOS REIS (1860-2023)

ANO	TÍTULO	EDITORA	OBSERVAÇÕES
1860	<i>Úrsula: romance original brasileiro</i>	Tipografia do Progresso	
1975	<i>Úrsula</i>	Gráfica olímpica Editora	Edição fac-similar
1988	<i>Úrsula</i>	Presença Edições (RJ) e Instituto Nacional do Livro (INL, Brasília)	Organização, atualização do texto e notas por Luiza Lobo, prefácio de Charles Martin
2004	<i>Úrsula e a Escrava</i>	Editora Mulheres e PUC Minas	Posfácio de Eduardo de Assis Duarte
2008	<i>Úrsula, romance afrodescendente</i>	Editora O Dia	
2009	<i>Úrsula e A escrava</i>	Editora Mulheres e PUC Minas	Edição comemorativa dos 150 anos do romance, atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte
2017	<i>Úrsula</i>	PUC Minas	Apresentação e posfácio de Eduardo de Assis Duarte
2017	<i>Memorial de Maria Firmina dos Reis — Prosa Completa & Poesia, Livro 01</i>	Editora Uirapuru	Livro com prosa completa e poesia. Organização de Lucciani M. Furtado.
2017	<i>Úrsula</i>	Caderno do Mundo Inteiro (1ª edição)	Versão digital gratuita. Projeto editorial integral de Eduardo Rodrigues Vianna.
2017	<i>Úrsula</i>	Academia Maranhense de Letras	Considerada a 2ª edição maranhense.

2018	<i>Úrsula e A escrava</i>	PUC Minas	Prefácio e posfácio de Eduardo de Assis Duarte
2018	<i>Úrsula</i>	Editora Zouk	Textos de Rafael Balseiro Zin, Rita Terezinha Schmidt e Eliane Marques
2018	<i>Úrsula</i>	Editora Taverna	Prefácio de Rafael Balseiro Zin e posfácio de Ana Flávia Magalhães Pinto
2018	<i>Úrsula</i>	Editora Leitura XXI	Comentários de Roberta Flores Pedroso
2018	<i>Úrsula e outras obras</i>	Edições Câmara	Contém <i>Úrsula, Gupeva, A escrava e Cantos à Beira-Mar</i> . Também em formato <i>e-book</i> .
2018	<i>Úrsula</i>	Cadernos do Mundo Inteiro (2ª Edição)	Edição digital gratuita
2018	<i>Úrsula</i>	Penguin Editora e Companhia das Letras	Introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado e cronologia de Flávio Gomes
2018	<i>Úrsula</i>	Editora Pradense	
2018	<i>Úrsula</i>	Editora Figura de Linguagem	
2018	<i>Úrsula</i>	Iba Mendes Editor Digital	Livro Digital nº 962
2019	<i>Memorial de Maria Firmina dos Reis — Prosa Completa & Poesia, Livro 02</i>	Editora Uirapuru	
2019	<i>Úrsula e outras obras</i>	Edições Câmara	2ª edição. Também em formato <i>e-book</i> .
2019	<i>Úrsula</i>	Editora Ebedê	
2020	<i>Úrsula</i>	Editora Fora do Ar	Prefácio de Kimani; apresentação e posfácio de Régia Agostinho da Silva
2020	<i>Úrsula</i>	Editora Ciranda Cultural, selo Principis	
2020	<i>Úrsula</i>	LD Títulos	
2021	<i>Úrsula</i>	Litterae	Box personalizado, para assinantes do clube de assinatura. Com prefácio da Professora Roberta Araújo.
2021	<i>Úrsula</i>	Cartola Editorial	
2021	<i>Úrsula</i>	Editora Antofágica	Apresentação por Preta Ferreira; posfácios por Fernanda Miranda, Conceição Evaristo e Régia Agostinho

2021	<i>Úrsula</i>	Monte Cristo Editora	Livro digital
2021	<i>Úrsula</i>	Editora Pictos	Audiolivro
2021	<i>Úrsula</i>	Editora Malê	Posfácio Inclui o conto A Escrava e posfácio de Bárbara Simões
2021	<i>Úrsula</i>	TAG Livros, em parceria com a editora Companhia das Letras	Exclusivamente para os assinantes do clube do livro
2021	<i>Ursula</i>	Tagus Press	Primeira tradução do romance para o inglês, pela tradutora Cristina Ferreira Pinto-Bailey, da <i>Washington and Lee University</i>
2022	<i>Úrsula</i>	Editora Dando a Letra	Livro sob demanda pela UICLAP
2022	<i>Úrsula (em quadrinhos)</i>	7 Cores	Adaptação do romance <i>Úrsula</i> para os quadrinhos. Com roteiro de Iramir Araújo, arte de Rom Freire e Ronilson Freire.
2022	<i>Úrsula</i>	Desconcertos Editora	Edição em comemoração ao bicentenário da autora. Inclui os contos <i>Gupeva</i> , <i>A escrava</i> e o livro de poemas <i>Cantos à Beira-Mar</i> .
2022	<i>Úrsula</i>	Editora La Fonte	
2022	<i>Úrsula</i>	Cartola Editora	Inclui as obras <i>Gupeva</i> e <i>A escrava</i>
2023	<i>Úrsula</i>	Editora Folha de São Paulo	
2023	<i>Úrsula</i>	Maralto Edições	Posfácio de Jussara Salazar
2023	<i>Úrsula</i>	Editora Estação Povoar e Editora Com-Arte	Prefácio de Fernanda Miranda

Fonte: Mendes (2023) e pesquisa própria.

A partir da Tabela 2, é possível perceber que de 1860 a 2017 só havia seis edições de *Úrsula*, visto que seguiram esgotadas até esse período (Diogo, 2022, p. 71). As edições aumentam a partir de 2004, mas é a partir de 2017, ano de centenário do falecimento da autora, que há um aumento expressivo na quantidade de reedições do romance, uma vez que *Úrsula* passa de 6 a 42 edições.

Por fim, após a segunda fase dos discursos sobre Maria Firmina dos Reis (1981-2003), Mendes (2023) estabelece uma terceira fase, de 2004 a 2022, na qual há um aumento significativo nas publicações do romance *Úrsula* (o que se percebe pelo exposto anteriormente na Tabela 2) e no número de pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina.

Segundo a pesquisadora, a terceira fase é marcada pela “solidez” da entrada das mulheres nos espaços acadêmicos e pelo maior acesso de pessoas negras às universidades, por meio das políticas públicas e afirmativas, e maior visibilidade a partir da instituição do ensino de História e Cultura Afro-brasileira. Além disso, com Movimento Negro Unificado e do Movimento das Mulheres Negras, as publicações dos *Cadernos Negros* e as pesquisas acadêmicas, há o fortalecimento da literatura afro-brasileira como campo de estudos. Assim, essas pesquisas voltam-se às obras de Maria Firmina, concentrando-se nas questões a respeito da literatura afro-brasileira, abolicionismo e antiescravidão, além das questões relacionadas a gênero e as pesquisas sobre mulheres.

Dessa maneira, por meio desse panorama de três fases dos discursos sobre a escritora, percebe-se que as pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis e suas obras, assim como as reedições de *Úrsula*, constituem uma parte importante na continuidade da sua divulgação e estudos. Essas pesquisas se iniciam em 1986 e vão se intensificar a partir de 2017, como veremos na próxima seção deste capítulo.

3.3. Úrsula nas pesquisas

Se nos perguntarem a nós quais os momentos mais emocionantes da nossa viagem pelo ‘desconhecido firmiano’, não saberemos, pois, cada emoção faz esquecer a emoção anterior... Todos, no entanto, foram lances sensacionais! E sê-lo-ão ainda, se, por acaso, for encontrada, aqui ou em qualquer lugar, alguma produção da nossa conterrânea.
(Morais Filho, 1975)

As pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis e suas obras se iniciam em 1986, com o ensaio *Um autorretrato de mulher: a pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis*, da pesquisadora Luiza Lobo, publicado na *Letterature d’America*, na Itália (Gomes, 2022, p. 29). Logo depois, em 1987, é defendida a tese *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*, de Norma de Abreu Telles, na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nela, Telles traça um panorama das escritoras brasileiras oitocentistas, dentre as quais se encontra Maria Firmina dos Reis.

O pesquisador Rafael Zin (2018) realizou uma revisão e análise da produção acadêmica sobre Maria Firmina dos Reis, a partir da leitura das dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros entre os anos de 1987 e de 2016. Para isso, ele empreende uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio dos termos “Maria Firmina dos Reis”, “Maria Firmina” e “Firmina dos Reis”. Segundo Zin, a pesquisa foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2017, para se assegurar de que todas as pesquisas desenvolvidas até 2016 já estivessem dispostas no repositório.

Como resultado, o pesquisador relata um quantitativo de 22 trabalhos, nos quais há 18 dissertações e 4 teses.³² Para conduzir sua análise, Zin (2018, p. 64) estabelece três categorias: a) trabalhos sobre Maria Firmina dos Reis (sobre a vida e obra da escritora); b) trabalhos sobre Maria Firmina dos Reis em perspectiva comparada (diálogo entre a obra de Firmina e outras escritoras do mesmo período ou posteriores); c) trabalhos sobre temas diversos que passam pela obra de Maria Firmina dos Reis (analisam “determinado aspecto social, político ou econômico

³² A disposição dessas dissertações e teses, de maneira cronológica, pode ser visualizada no Anexo A, ao final desta dissertação.

e que, para isso, se utilizam da obra de Maria Firmina dos Reis como fonte documental para a compreensão de um dado período histórico”).

Na primeira categoria, de trabalhos sobre a vida e obras da escritora, Zin reúne o quantitativo de 11 trabalhos. Embora a primeira pesquisa defendida em programas de pós-graduação sobre a escritora seja de Norma de Abreu Telles (1987), o pesquisador destaca que é a partir de 2001 que surge a primeira dissertação que trata especificamente da produção literária de Firmina, com o trabalho *A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX*, de Cristiane Oliveira (2001). Os outros trabalhos, segundo Zin, são de Adriana Oliveira (2007); Juliano Nascimento (2009a); Melissa Mendes (2013); Virgínia Carvalho (2013); Katiana Santos (2015); Ana Carla Rio (2015); Thayara Pinheiro (2016); Luciana Diogo (2016); Carla Santos (2016) e Rafael Zin (2016).

Na segunda categoria, de pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis em perspectiva comparada, Zin reúne 4 trabalhos desenvolvidos, sendo o primeiro deles a tese *Maria Firmina dos Reis e Amélia Bevilaqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*, de Algemira Mendes (2006), defendida na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Essa categoria segue com outros três trabalhos, de Paraguassú Rocha (2008); Rosangeli Batigniani (2016) e Bárbara Andreta (2016).

Por fim, na terceira categoria, de trabalhos sobre temas diversos que passam pela obra de Maria Firmina dos Reis, Zin reúne o total de 7 trabalhos. O primeiro é a tese *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*, da pesquisadora Norma de Abreu Telles, defendido em 1987. Os outros seguem com Maria de Lourdes Cunha (2004); Francineide Palmeira (2010); Sandra Job (2011); Régia Agostinho da Silva (2013); Janaína Correia (2013) e Vanessa Alcântara (2014).

Na análise dos resultados, Zin destaca que, de modo geral, os temas propõem-se a analisar especificamente o romance *Úrsula*, e essas dissertações e teses foram desenvolvidas em:

17 diferentes instituições de ensino superior brasileiras, sendo 13 públicas e 4 particulares, distribuídas em 11 estados da Federação, abrangendo as regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Só não há registros na região Norte. As pesquisas concentram-se em programas de pós-graduação nas áreas de Letras (13), História (4), Ciências Sociais (2) e de Educação (1), além de áreas interdisciplinares como as de Cultura e Sociedade (1) e de Estudos Brasileiros (1). (Zin, 2018, p. 74)

Além disso, o pesquisador ressalta que, embora a primeira tese tenha sido defendida em 1987, mais da metade desses trabalhos ($\frac{2}{3}$ do total) foi desenvolvida a partir de 2013. Isso corrobora com a análise de Melissa Mendes (2023, p. 204), que afirma serem as publicações sobre Maria Firmina dos Reis mais frequentes a partir de 2013, como um possível reflexo direto das políticas públicas e afirmativas para a população negra no país.

Zin, também para pensar esses números, põe em evidência a publicação da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil*, organizada pelos professores Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, e publicada em 2011. “Composta de quatro volumes, a coleção é fruto de um projeto ousado de pesquisa, realizado em todas as regiões do país, com o objetivo de mapear a produção literária de autores afro-brasileiros, da Colônia à República” (ZIN, 2018, p. 74). E, como resultado de dez anos de levantamento, trouxe à tona cerca de 250 nomes, sendo o número “exato de 100 escritores e escritoras oriundos de tempos e espaços diversos” (Zin, 2018, p. 74).

Sendo assim, com o intuito de entender como seguiu o quantitativo de pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis nos anos seguintes, empreendi uma busca das teses e dissertações desenvolvidas no Brasil sobre Maria Firmina dos Reis entre 2017 e 2022.

Para esse levantamento, realizei uma busca no endereço eletrônico do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). As palavras-chaves utilizadas na busca foram “Maria Firmina dos Reis”, “Maria Firmina” e “Firmina dos Reis”, todas entre aspas, e a pesquisa foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2023. O resultado foi um quantitativo de 36 trabalhos, nos quais há 29 dissertações e 7 teses.³³

Eles foram desenvolvidos em 27 diferentes instituições de ensino superior brasileiras, sendo 21 públicas e 6 particulares, distribuídas em 14 Estados da Federação, abrangendo todas as regiões do país. No período entre 1987 e 2016, não se apresentaram registros de pesquisas sobre a escritora na Região Norte (Zin, 2018), porém isso muda neste período, com uma dissertação defendida na Universidade da Amazônia, em Belém. As pesquisas concentram-se em programas de pós-graduação nas áreas de Letras (24), História (7), Ciências Sociais (1) e

³³ A disposição dessas dissertações e teses, de maneira cronológica, pode ser visualizada no Anexo B, ao final desta dissertação.

de Educação (1) e Ciência Política (1), além de programas com estudo interdisciplinar de História e Letras (1) e Artes, Comunicação Social e Letras (1).

Comparado ao período entre 1987 e 2016, em que foram levantados por Zin (2018) o quantitativo de 22 trabalhos defendidos esparsamente em 29 anos, é possível perceber um aumento expressivo em pouco tempo: 36 trabalhos defendidos entre 2017 e 2022, ou seja, quase o dobro em 6 anos. Além disso, em todos esses seis anos há trabalhos defendidos, sendo 2020 e 2022 os que possuem maior quantidade (cada um com 10 trabalhos defendidos).

Diferentemente do período entre 1987 e 2016, em que “boa parte das pesquisas” se concentra em analisar especificamente o romance *Úrsula* (Zin, 2018, p. 64), é possível perceber que, entre 2017 e 2022, mais da metade dos trabalhos analisa o romance *Úrsula* em paralelo com outras obras de Maria Firmina, como *A escrava*, principalmente, e *Gupeva*, além de obras de outros escritores, como Bernardo Guimarães, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Carolina Maria de Jesus e Júlia Lopes de Almeida. Além disso, em 2018, não há nenhum trabalho defendido especificamente sobre o romance *Úrsula*.

Nesse período, ainda, destaca-se a publicação da tese intitulada *Uma artista negra do século XIX: o literário e o musical em Maria Firmina dos Reis*, de Denise Santiago Figueiredo, que foi defendida em 2022, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa é a única tese/dissertação que se detém majoritariamente na análise da obra *Cantos à Beira-Mar*, de Maria Firmina dos Reis, no período entre 2017 e 2022, e possivelmente é a primeira desde 1987.

Dessa maneira, é possível pensar quantitativamente sobre a presença do romance *Úrsula* nas dissertações e teses brasileiras, a partir do *corpus* levantado por Zin (1987-2016), exposto anteriormente, e nesta dissertação (2017-2022).

Considerando que, a partir de 2004, o romance *Úrsula* ganha mais edições, inclusive acompanhadas de outras obras de Maria Firmina (como visto na Tabela 2 da segunda parte deste capítulo), e que, até 2016, grande parte dos trabalhos se focava especificamente em *Úrsula* (Zin, 2018), percebe-se, a partir de 2017, um outro movimento, no qual grande parte das pesquisas já não têm o romance especificamente como tema principal e único de análise.

A obra *Úrsula* pode ser entendida, então, como um caminho de acesso à produção literária da escritora. A partir de 2017, as teses e dissertações começam em sua maioria a explorar e pensar o conjunto de obras de Maria Firmina, para além de somente o romance. Sendo assim, *Úrsula* tem um papel relevante tanto a partir da década de 1970, no início da

construção dos discursos sobre a escritora, quanto nas pesquisas acadêmicas, sendo em um primeiro momento o principal tema de análise, mas depois se constituindo como uma abertura para a constituição da fortuna crítica sobre a autora.

Por fim, até o fechamento desta dissertação, no início de 2024, foram catalogadas 14 teses/dissertações sobre Maria Firmina dos Reis em 2023 e 1 dissertação em 2024, no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Desse modo, tem-se, de 1987 até este momento, 2024, um quantitativo total de 73 dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros sobre a escritora.

Esse número revela ser possível afirmar a continuidade da terceira fase apresentada por Mendes (2023), que seria de 2004 a 2022, na qual há um aumento nas publicações do romance *Úrsula* e no número de pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis.

No entanto, esse número também revela que ainda há muito a se produzir sobre Maria Firmina e suas obras. Ao se comparar esse número com o quantitativo de pesquisas realizadas sobre outros escritores já bem estabelecidos no cânone literário, 73 seria aproximadamente o equivalente a pesquisas defendidas em somente um ano sobre esses autores. Assim, há ainda muito o que ser estudado sobre *Úrsula* e as obras de Maria Firmina dos Reis.

Assim, considerando que as pesquisas acadêmicas são de extrema relevância para a construção dos discursos sobre Maria Firmina dos Reis, como foi exposto na segunda parte deste capítulo, é necessário que sua quantidade continue sendo ampliada e que mais nuances dos textos literários da escritora sejam revelados, pensados e analisados.

A obra *Úrsula* inaugura o romance afro-brasileiro e é ressonância das reflexões de uma intelectual maranhense que fez emergir a humanidade dos sujeitos negros, em meio à barbaridade da escravidão. “Deixai, pois, que a minha *Úrsula* [...] caminhe entre vós” (Reis, 2018, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Maria Firmina dos Reis é marcada por muitos pioneirismos, assim como as suas obras literárias. Ela foi uma escritora, professora e intelectual do século XIX que contribuiu relevantemente no âmbito literário, cultural, artístico e educacional brasileiro.

Firmina publica sua primeira obra em 1860, no Maranhão, a partir dos anúncios de subscrição nos jornais maranhenses. Ela sabia das barreiras que enfrentaria como mulher escritora publicando seu livro, mas mesmo assim o dá à lume, e inscreve já no prólogo da obra o seu projeto literário e intelectual de continuidade. A escritora afirma que a recepção pelos leitores, se não a incentivasse a seguir escrevendo, ao menos serviria “de incentivo para outras”. E, assim, ela inaugura o romance de autoria de mulheres no Brasil e uma produz uma *linhagem* nos romances de autoria de mulheres negras (Miranda, 2022).

Sendo assim, a narrativa do romance *Úrsula* abre caminhos a novas perspectivas para o negro no texto literário. Em um contexto no qual essas pessoas eram relegadas a um papel de mera força de trabalho, consideradas sub-humanas ou inumanas (Nascimento, 1978), Firmina desenvolve a narrativa e seus personagens de maneira a humanizá-los.

As personagens Túlio, Susana e Antero são *pessoas* negras escravizadas que têm sentimentos, reflexões, memórias. Túlio ajuda o cavaleiro necessitado, pois tem uma alma generosa, mas sofre com uma vida marcada pela violência da escravidão e pela separação forçada de sua mãe. Susana, africana que foi sequestrada em seu país, sua pátria, faz um relato histórico de sua travessia em um navio negreiro para o Brasil. A personagem sofre com a barbárie à qual é submetida, assim como seus irmãos, e expressa a Túlio o que significa a verdadeira liberdade, assim como relembra Antero.

No desenvolvimento dos eixos narrativos, os personagens configuram a estrutura social de poder da época, ao mesmo tempo em que a reconfiguram (Miranda, 2022). Susana, uma africana que é escravizada até a sua morte, é voz soberana, que expõe a desumanidade da escravidão e que forma o caráter de Túlio, o parâmetro moral da narrativa.

A obra conduz um legado para romancistas negras brasileiras que, como expôs Fernanda Miranda (2022), dialogam entre si ao longo de três séculos de narrativas que confrontam discursos e põem em evidência a experiência histórica do negro.

A autora, assim como seu romance, sofreu um apagamento de mais de um século, no qual Firmina quase não é citada em histórias literárias, e seu romance não é reeditado. Porém, sua obra volta a circular progressivamente a partir da década de 1970, com a segunda edição de *Úrsula* em 1975 e as pesquisas pioneiras de Nascimento Morais Filho.

O romance *Úrsula*, assim, vem sendo cada vez mais lido e analisado no país, assim como a biografia da autora. Pesquisadoras e pesquisadores vêm, então, no sentido contrário do silenciamento estabelecido à escritora, e em especial a partir de 2017 o romance ganha um número significativo de novas edições e novos trabalhos acadêmicos são defendidos em universidades de todo o país. Essas pesquisas, como foi exposto, foram essenciais para a formação dos discursos sobre a autora e também para a sua divulgação.

Os caminhos de *Úrsula*, que se iniciam no século XIX pela escritora Maria Firmina dos Reis, seguem sendo pavimentados pelas pesquisas, pelas palestras, pelas novas edições de suas obras, pela leitura e apreciação de seu romance que, em 1860, apresenta uma leitura das estruturas sociais brasileiras e coloca as pessoas negras como sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance original brasileiro. Edição fac-similar. São Luís: Governo do Maranhão, 1975.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; **A escrava**: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2018.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.
- REIS, Maria Firmina dos. **Cantos à Beira-Mar e outros poemas**. São Paulo: Círculo de poemas, 2024.
- ADLER, Dilercy Aragão. Maria Firmina dos Reis: Consolidando a Ressignificação de uma Precursora. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 59, p. 217-222, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28875>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Horácio de. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance original brasileiro. Edição fac-similar. São Luís: Governo do Maranhão, 1975.
- BLAKE, Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1900. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. **Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis**. 128 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2018.
- CASEMIRO, Diego Márcio Ferreira; SILVA, Nathália Lipovetsky e. Teorias interseccionais brasileiras: precoces e inominadas. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revise/article/view/e33357>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- COSTA, Aline. Um pouco da história de Cadernos Negros: período de 1978 a 2008. In: **Cadernos Negros: três décadas**. São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Promoções da Igualdade Racial, 2008. Disponível em: <https://issuu.com/mbantu/docs/historicotresdecadas>. Acesso em: 12 jan. 2024.

COSTA, Yuri Michael Pereira. Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 10(20), p. 241-263, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10769>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CUTI. O Leitor e o Texto Afro-Brasileiro. 2012. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2012/11/22/o-leitor-e-o-texto-afro-brasileiro/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DALCOL, Mônica Saldanha. **A condição da mulher negra na literatura brasileira em Úrsula, Casa de Alvenaria e Um defeito de cor**. 2020. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2020.

DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras “Úrsula” e “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis. 2016. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DIOGO, Luciana Martins. **Maria Firmina dos Reis**: vida literária. 1 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

DIOGO, Luciana Martins. A primeira resenha de Úrsula na imprensa maranhense. **Firminas: pensamento, estética, e escrita**, n. 1, p. 72-95, jan./jun., 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://mariafirmina.org.br/wp-content/uploads/2021/03/revista-firminas-01-10-03-2021.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; **A escrava**: conto. 7. ed. Florianópolis: Editora Mulheres/Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XIX ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina, mulher de seu tempo e do seu país. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; **A escrava**: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018a.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; **A escrava**: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018b.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis, **Estudos linguísticos e literários**, n. 59, Salvador, p. 223-236, 2018c.

DUARTE, Eduardo de Assis de. notas de rodapé. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; **A escrava**: conto. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018d.

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi: Revista de Estudos Literários**, Minas Gerais, v. 13, n. 2, 2009.

Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19180>. Acesso em: 2 fev. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 12 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de 1.** ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade, **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto apresentação da mulher negra na literatura brasileira, **Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira**. Brasília: Fundação Palmares/Minc, ano 1, n. 1, ago., 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. África, a pasárgada de Mãe Susana. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

GOMES, Heloisa Toller. Africanidade e território na inscrição (da escrita literária) brasileira. In: OLIVEIRA, Jurema; SOARES, Luis Eustáquio (orgs.). **Africanidades e brasilidades: ensino, pesquisa e crítica**. 2. ed., rev. e atual. Vitória, ES: EDUFES, p. 60-79, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, Florianópolis, UFSC, p. 464-478, 1995.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>. Acesso em: 10 jan. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LOBO, Luiza. **Cânone e renovação na literatura**: antologia de ensaios revistos, publicados no Brasil e no exterior. 1. ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2021.

LOBO, Luiza. Prefácio. In: GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Condições históricas e sociais das apropriações de Maria Firmina dos Reis e sua “obra” (1973-2022)**. 2023. 300 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/CCH) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

MENDES, Algemira de Macêdo. Maria Firmina dos Reis: uma voz na história da literatura afro-brasileira do século XIX. In: PRETOV, Petar; SOUSA, Pedro Quintino de; SAMARTIM, Roberto López-Iglésias; FEIJÓ, Elias J. Torres (eds.). **Avanços em Literatura e Cultura Brasileiras**: séculos XV a XIX. p. 205-222, 2012.

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX**. 2006. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENDES, Melissa Carvalho. Imagem e autoimagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro, **Signótica**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 63-75, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3766>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**: posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. 251 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Maria Firmina dos Reis: a fundadora negra de outra tradição literária brasileira, **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 43, p. 61-74, dez., 2020. Disponível em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/697>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. notas de rodapé. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. A herança narrativa insurrecionista de Maria Firmina dos Reis. In: FAEDRICH, Anna; ZIN, Rafael Balseiro (orgs.). **“A mente ninguém pode escravizar”**: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2022.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: COCSN, 1975.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: **Afrodiáspora: Revista do mundo negro**, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/d592b722-45a6-4cba-8a5c-baa173eeffa4>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. 2011. 448 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. 2013. 177 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. 198 p. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019a.

SILVA, Denise Ferreira da. Blacklight. In: MOLLOY, Clare; PIROTTE, Philippe; SCHÖNEICH, Fabian (eds.). **Otobong Nkanga: Lustre and Lucre**. Berlim: Sternberg Press, 2015.

SILVA, Denise Ferreira da; OTOCH, Janaina Nagata. Em estado bruto. **ARS**, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/158811>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista**. 2017. 331 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **Revista de História**, São Paulo, n. 120, p. 73-83, jan./jul., 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ZIN, Rafael Balseiro. Consolidando a fortuna crítica de Maria Firmina dos Reis: uma avaliação preliminar das dissertações e teses acadêmicas sobre a autora desenvolvidas em programas de pós-graduação brasileiros nos últimos trinta anos (1987-2016). **Itinerários**, Araraquara, n. 46, p. 63-81, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/10835>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, São Paulo, 2016.

REFERÊNCIAS GERAIS

ABRANTES, Elizabeth Sousa. A educação feminina em São Luís (século XIX). In: COSTA, Wagner Cabral da (org.). **História do Maranhão: novos estudos**. São Luís: EDUFMA, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANEXO A

Quadro 1. Disposição cronológica das pesquisas de pós-graduação sobre Maria Firmina dos Reis entre 1987 e 2016 (ZIN, 2018)

TELLES, Norma Abreu. Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. 531 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.
OLIVEIRA, Cristiane Maria Costa. A escritura-vanguarda de Maria Firmina dos Reis: inscrição de uma diferença na literatura do século XIX. 2001. 000 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
CUNHA, Maria de Lourdes da Conceição. Os destinos trágicos da figura feminina no romantismo brasileiro. 158 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
MENDES, Algemira de Macêdo. Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
ROCHA, Paraguassú de Fátima. A representação do herói marginal na literatura afrobrasileira: uma releitura dos romances “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis e “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo. 120 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, 2008.
NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
PALMEIRA, Francineide Santos. Vozes femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
JOB, Sandra Maria. Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras. 146 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
MENDES, Melissa Rocha Teixeira. Uma análise das representações sobre as mulheres

<p>no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. 149 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.</p>
<p>CORREIA, Janaína dos Santos. O uso de fontes em sala de aula: a obra de Maria Firmina dos Reis (1859) como mediadora no estudo da escravidão negra no Brasil. 166 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.</p>
<p>SILVA, Régia Agostinho da. A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX. 177 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.</p>
<p>CARVALHO, Virgínia Silva de. A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.</p>
<p>ALCÂNTARA, Vanessa Figueiredo de Souza de. Entre a letra e a lei: narrativas e identidades femininas. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) - Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2014.</p>
<p>RIO, Ana Carla Carneiro. Autoria, dever e interdição: os “entre-lugares” do sujeito no romance “Úrsula”. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.</p>
<p>SANTOS, Katiana Souza. Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance “Úrsula”. 135 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.</p>
<p>SANTOS, Carla Sampaio dos. A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.</p>
<p>BATIGNIANI, Rosangeli de Fátima. Caminhos entrecruzados: história, escravidão e literatura em “Úrsula” (1859) e “As vítimas algozes: quadros da escravidão” (1869). 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016</p>
<p>PINHEIRO, Thayara Rodrigues. Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “uma maranhense”. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.</p>
<p>DIOGO, Luciana Martins. Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras “Úrsula” e “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.</p>

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Visões da escravatura na América Latina**: “Sab” e “Úrsula”. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

ANEXO B

Disposição cronológica de pesquisas de pós-graduação sobre Maria Firmina dos Reis entre 2017 e 2024

MENESES, Francisca Pereira da Silva. **As questões étnicas e de gênero nos romances *Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães***. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

SILVA, Geraldo Ferreira da. **Maria Firmina dos Reis: a voz negra na Literatura Brasileira dos oitocentos**. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Estudos Literários: Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017.

CARVALHO, Jessica Catharine Barbosa de. **Literatura e Atitudes Políticas: Olhares sobre o Feminino e Antiescravidão na obra de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

RODRIGUES, Rodrigo Gouvea. **Romance de Autoria Feminina: “O Ser Mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes**. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

SILVA, Joseylza Lima. **A narrativa de Maria Firmina dos Reis e a perspectiva hermenêutica para a prática dos estudos literários**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

VRBATA, Sidinea Almeida Pedreira. **Maria Firmina dos Reis: Iyalodê do Brasil**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

ALVES, Renata Carmo. **As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CALADO, Karina de Almeida. **Vozes da Dissonância no Atlântico Negro: encenações da diáspora nos romances *Úrsula, Um defeito de cor e Becos da memória***. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LOPES, Michelly Cristina Alves. **Irrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

VERISSIMO, Tássia Hallais. **Maria Firmina dos Reis: a escrita de uma mulher no Brasil oitocentista**. 79 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BASTOS, Laisa Marra de Paula Cunha. **A Narrativa de Maria Firmina dos Reis: Nação e Colonialidade**. 191 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SILVA, Jeissyane Furtado da. **Nas Trilhas Literárias de Maria Firmina Dos Reis**. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2020.

SOUZA, Natalia Lopes de. **Uma Senhora Maranhense que Cultiva as Belas Letras: Maria Firmina dos Reis e sua Trajetória na Imprensa (1860 – 1911)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

PASSOS, Joao Carlos dos. **Maria Firmina dos Reis: as vozes que emergem do contexto de leitura da obra *Úrsula***. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, 2020.

RIO, Ana Carla Carneiro. **Poder, resistência e verdade nos romances abolicionistas *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e A Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães**. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CARDOSO, Mara Livia Farias. ***Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: romance fundacional da Literatura Afro-Brasileira**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, 2020.

FILHO, Cicero Barros Feitosa. **Firmine-se: uma proposta de mediação de leitura e análise do romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis**. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Dourados/MS, 2020.

DALCOL, Monica Saldanha. **A Condição da Mulher Negra na Literatura Brasileira em *Úrsula*, *Casa de Alvenaria* e *Um defeito de Cor***. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

PEREIRA, Theicy Rhozana Ferreira. **O pensamento político de Maria Firmina dos Reis: a intelectual maranhense por trás das convenções sociais e políticas do Brasil oitocentista**. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PIRES, Clarissa Dos Santos Pinto. **“Provas do bello talento”: gênero, raça e abolição sob a pena de Maria Firmina no maranhão oitocentista**. 276 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

FREITAS, Dayane Cristina de. **O tema e o problema: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1989 – 2019)**. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SILVA, Marllon Antonio Alves da. **Mulheres, raça e literatura: as representações femininas presentes no romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis**. 137 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, Priscila Vieira de. **Maria Firmina dos Reis e a interrogação ao cânone com o romance *Úrsula***. 67 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

SOUSA, Larissa da Silva. **As Mulheres do Século XIX pelas Narrativas de Maria Firmina dos Reis**. 135 f. Dissertação (Mestrado em História e Letras) – Universidade Estadual do Ceará, 2021.

LOPES, Elaine. **Mulheres Negras no Ensino de História do Brasil: a História de Maria Firmina dos Reis**. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Rio de Janeiro, 2021.

TROINA, Rosane Jaehn. **Marcas da Desconstrução das Concepções Hegemônicas da Condição de Gênero e Etnia no Romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021.

BARBOSA, Tatiara. **Raça, Gênero e Educação em “*Úrsula*” e “*Cantos à Beira-Mar*” de Maria Firmina dos Reis**. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas) – Universidade Federal do Maranhão, 2022.

LOBATO, Terezinha de Jesus Monteiro. **Maria Firmina Dos Reis: a Primeira voz do Feminismo Negro no Brasil**. 94 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2022.

FIGUEIREDO, Denise de Lima Santiago. **Uma Artista Negra do Século XIX: o Literário e o Musical em Maria Firmina dos Reis**. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

SILVA, Marília Gabriela Pereira da. ***Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: Memória e Contraponto aos Retratos da Escravidão no Brasil**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

RIBEIRO, Salua Francinele. **Por uma Literatura Afro-Brasileira: Memória, Subjetividade, Afetividade e Maternidade na Obra de Maria Firmina dos Reis**. 143 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

MORAIS, Tatiane Carvalho de. **Abolicionismo e Solidariedade: uma Perspectiva Comparada entre *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e a *Cabana do Pai Tomás* de Harriet B. Stowe**. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

ZIN, Rafael Balseiro. **Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão**. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

FAUSTINO, Leliane Amorim. ***Úrsula caminha entre nós: Maria Firmina dos Reis e a literatura romântica como perspectiva antirracista para a história do Brasil***. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

MACEDO, Alice do Nascimento. **Úrsula, de Maria Firmina dos Reis: os sentidos de** escravismo atravessados pela literatura e pelas problemáticas de raça e gênero. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2022.

BASTOS, Adriana Mota. **Estudo comparativo de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis e Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz: a ficção brasileira narrada por mulheres negras.** 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Condições Históricas e Sociais das Apropriações de Maria Firmina dos Reis e sua “Obra” (1973-2022).** 294 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, 2023.

SANTOS, Valdeleia Maria dos. **Uma Escritora Silenciada: por que levar as obras de Maria Firmina dos Reis para a sala de aula da Educação Básica?** 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2023.

COSTA, Paulo Eduardo Bogéa. **Identidade Decolonial da Mulher Negra em Úrsula e A Escrava, de Maria Firmina dos Reis.** 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2023.

GALVAO, Mainara de Freitas. **Úrsula: intersecções no romance inaugural de Maria Firmina dos Reis.** 68 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BARCELOS, Schayanny Barbara de Lima. **Revisitando o romantismo a partir da escrita feminina e negra de Maria Firmina dos Reis.** 147 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.

MENDONCA, Renata Toledo Piza de. **Lembranças, Esquecimentos e Representações: as Construções de Memórias de Maria Firmina dos Reis (1822-2022).** 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

ANDRADE, Silvana Elizabete de. **Entre a Visibilidade e a Estereotipação de Personagens Negras em Úrsula de Maria Firmina dos Reis: uma Análise Dialógica.** 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

CAMPOS, Munik Antunes de. **Quem fala, quem cala: voz narrativa e projeto de escrita em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis.** 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023.

BEZERRIL, Benigna Ingrid Aurelia. **“Na orla cinzenta do horizonte”:** o espaço das memórias de Maria Firmina dos Reis (1859-1917). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SIEBEL, Nicole Carina. **Interseccionalidade e Gênero: Personagens Femininas nos Romances Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, e D. Narcisa De Villar, de Ana Luísa de Azevedo Castro.** 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2023.

SILVA, Ana Lucia Santos. **Atuação de Maria Firmina dos Reis e de Mulheres Escritoras na Imprensa Abolicionista Brasileira (1850-1890).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2023.

SANTOS, Maria Alice de Jesus Pereira dos. **Marcadores sociais da diferença: especificidades da mulher negra em *Úrsula* (1859) e *A escrava* (1887), de Maria Firmina dos Reis.** 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2023.

SILVA, Ana Lucia da. **A opinião pública sobre as vozes negras abolicionistas e as escrevivências de Maria Firmina dos Reis na perspectiva da nova história política Maringá-PR 2023.** 268 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Maringá, 2023.

SILVA, Tatiane da Conceicao Marques. **Os personagens negros na literatura brasileira oitocentista: a representação do negro nas obras abolicionistas *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis e *As Vítimas-Algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo.** 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, 2023.

ELIAS, Beatriz Berr. **Entrecruzamento de trajetórias: autobiografias de Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta como ancoragem para o ensino de História.** 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

APÊNDICE

Cronologia do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis³⁴

- 1857: primeiro anúncio do romance nos jornais maranhenses
- 1860: publicação da 1ª edição de *Úrsula* pela Tipografia do Progresso, em São Luís, no Maranhão
- 1860-1862: campanha massiva de venda do romance nos jornais maranhenses
- 1863-1875: anúncios esparsos sobre o romance nos jornais maranhenses
- 1900: citação da obra no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento Blake
- 1975: 2ª edição (fac-símile) de *Úrsula*, com prefácio de Horácio de Almeida
- 1986-1987: primeira pesquisa acadêmica publicada e primeira tese defendida sobre Maria Firmina dos Reis (LOBO, 1986; TELLES, 1987)
- 1988: 3ª edição de *Úrsula*, com prefácio de Charles Martin e atualização do texto por Luiza Lobo
- 2001: primeira dissertação que trata especificamente do romance *Úrsula* (OLIVEIRA, 2001)
- 2004: 4ª edição de *Úrsula*, com a reedição do conto *A Escrava*, com atualização do texto de Eduardo de Assis Duarte
- 2009: edição comemorativa *Úrsula*, pelos 150 anos da 1ª edição, com atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte
- 2009: o romance *Úrsula* passa a constar na lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
- 2010-2016: edições permaneceram esgotadas
- 2017: no centenário do falecimento de Maria Firmina, foram publicadas 4 edições de *Úrsula*, com a primeira edição digital e gratuita
- 2018: 10 edições de *Úrsula*
- 2018: o romance *Úrsula* passa a constar na lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- 2019: 3 edições de *Úrsula*
- 2019: o romance *Úrsula* passa a constar na lista de leituras obrigatórias para o Programa de Avaliação Seriada (PAS), da Universidade de Brasília (UnB)

³⁴ Informações colhidas nas pesquisas de DIOGO (2022), GOMES (2022), LOBO (2022), ZIN (2022); MENDES (2023), mariafirmina.org.br e pesquisa própria.

2020: 3 edições de *Úrsula*, com a primeira edição em capa dura

2021: 8 edições de *Úrsula*, com a primeira tradução para o inglês e adaptação para os quadrinhos

2022: 5 edições de *Úrsula*